



Cliverson Gilvan Pessoa da Silva

Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação

Jatuarana no alto rio Madeira

Dissertação de Mestrado

Belém, Pará

2015



Cliverson Gilvan Pessoa da Silva

Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação

Jatuarana no alto rio Madeira

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia, Área de Concentração em Arqueologia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª Dra. Denise Pahl Schaan.

Belém, Pará

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Silva, Cliverson Gilvan Pessoa da, 1989-
Os contextos arqueológicos e a variabilidade
artefatual da ocupação Jatuarana no alto rio Madeira /
Cliverson Gilvan Pessoa da Silva. - 2015.

Orientadora: Denise Pahl Schaan.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Antropologia, Belém, 2015.

1. Arqueologia Madeira, Rio (RO e AM). 2.
Cerâmica Madeira, Rio (RO e AM). 3. Mudança
social Madeira, Rio (RO e AM). 4. Amazônia
Antiguidades. I. Título.

CDD 22. ed. 930.109811

Cliverson Gilvan Pessoa da Silva

**Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no alto
rio Madeira**

Belém 26 de março de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Claide de Paula Moraes – Examinador externo

Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a. Dra Marcia Bezerra de Almeida – Examinadora interna

Universidade Federal do Pará

Prof^a Dra. Silvana Zuse – Examinadora externa (Suplente)

Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Tiago Pedro Ferreira Tomé – Examinador interno (Suplente)

Universidade Federal do Pará

Prof^a Dra. Denise Pahl Schaan – Orientadora

Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA-UFPA) e a CAPES pela concessão da bolsa de estudos que permitiu o desenvolvimento da presente pesquisa.

À professora Denise Schaan por aceitar esta orientação e principalmente pelo direcionamento das leituras e disposição quando surgem as dúvidas. Suas aulas foram muito proveitosas e me proporcionou crescer no conhecimento arqueológico. Agradeço também pela oportunidade de participar do projeto do Porto de Santarém e o convívio com a equipe do laboratório de arqueologia UFPA.

Aos professores da banca de qualificação: Jane Beltrão, Eduardo Neves e Diogo Costa. Pelas sugestões e comentários que contribuíram para o prosseguimento da pesquisa. A banca de defesa composta pelos professores Marcia Bezerra e Claide Moraes pelas críticas e avaliação.

Sou grato a Scientia Consultoria Científica na pessoa do Dr. Renato Kipnis que me deu oportunidade de crescer profissionalmente. Foi a partir dessa experiência que pude encontrar incentivo para a pesquisa e o apoio necessário. A Scientia disponibilizou os dados referentes à arqueologia do rio Madeira, assim como ofereceu o suporte para a análise no laboratório.

À Silvana Zuse pela amizade e ensinamentos, desde a análise cerâmica até a paciência de discutir os textos, espero que continue motivando outros estudantes na pesquisa. Aos colegas de laboratório Edileno Duram, Francisco das Chagas, Júlio Rodrigues, Renato Nascimento, Karlene Costa e Gis Freitas, pela ajuda durante a análise do material cerâmico e por tornarem o espaço de trabalho agradável.

Aos atuais e ex-colaboradores da Scientia de Porto Velho: Mirtes, Nazaré, Adriana, Arnaldo, Lourival, Darci, Ney, Carlos, Sr. Raimundo e William.

À Michelle Tizuka, Juliana Santi, Eduardo Bepalez, Carlos Zimpel e Ney Gomes, pesquisadores que de alguma forma contribuíram e me incentivaram.

No PPGA-UFPA agradeço a amizade acolhedora dos colegas Hermes Veras e Débora Lopes pelo bom convívio e troca de ideias durante as disciplinas e mesas de bar. Ao Rhuan que foi muito generoso e me apresentou a universidade e alguns pontos históricos de Belém assim como o bar Meu Garoto e Lobosbar. À Cléo e dona Marina, sempre prestativas para ajudar em qualquer dúvida.

Aos “velhos” camaradas da História pelas rodas de conversas: Léo Lino, Cleberson do Vale, Pedro Azevedo, Anderson Moronha e Leandro Guimarães.

À Gis, companheira de todos os momentos para quem o agradecimento aqui ainda é insuficiente. Por toda a paciência que teve na confecção de desenhos de perfis e reconstituições de vasilhas que demoraram semanas. Pela ajuda na análise do material cerâmico. Nas leituras de textos sempre colaborando com ideias. Por ser a razão dos bons momentos.

À minha família, especialmente à Isabel Pessoa (mãe) e Glaice Ane Pessoa (Irmã), por suportarem o peso de alguns momentos difíceis.

RESUMO

Nesta pesquisa, demonstra-se um panorama da ocupação indígena por povos ceramistas no alto rio Madeira e que tem por objetivo compreender os modos de vida das sociedades que habitaram esta área no período pré-colonial tardio. Uma revisão da arqueologia de Rondônia foi necessária para estabelecer alguns problemas relativos a Subtradição Jatuarana que incluem a variabilidade tecnológica, espacialidade e mudança cultural. A análise de dois contextos distintos, os sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho, e a reconstituição de vasilhas cerâmicas da Subtradição Jatuarana, revelam que o significado da variabilidade dos artefatos está associado a diferentes trajetórias históricas. Informações linguísticas e etnográficas são vantajosas na discussão arqueológica, especialmente relacionada à migração e expansão de grupos etnolinguísticos.

Palavras-chave: Variabilidade cerâmica; Espaço social; Cerâmica Jatuarana; Alto rio Madeira.

ABSTRACT

In this research, an overview of the indigenous occupancy by ceramic producers in the upper Madeira River is presented. It also aims to understand the ways of life of the societies that inhabited this area in the late pre-colonial period. A review of the archeology of Rondônia State was necessary in order to establish some problems regarding the Jatuarana Sub-tradition, which included technological variability, spatiality and cultural change. The analysis of two different contexts in this area, the sites Ilha de Santo Antônio and Novo Engenho Velho, and the reconstitution of ceramic vessels credited to the Jatuarana Subtradition revealed that the significance of artifact variability is associated to different historical trajectories. Linguistic and ethnographic information are advantageous in archaeological discussion, especially when considering issues of migration and expansion of ethnolinguistic groups.

Keywords: Ceramic variability; social space; Jatuarana phase; Upper Madeira River.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo de expansão Tupí-Guaraní (Fonte: Brochado 1984: 561)	27
Figura 2: Principais áreas pesquisadas em Rondônia: 1) Alto rio Ji-paraná; 2) Médio rio Guaporé; 3) Alto rio Madeira; 4) Médio e baixo rio Jamarí.	33
Figura 3: Urnas funerárias encontradas emborcadas, alto Ji-paraná – MT/AM (Fonte: Miller 2009: 127)	36
Figura 4: Cerâmica com representação antropomorfa encontrada no interior de urna funerária em Pedras Negras, Guaporé (Fonte: Pessoa 2012).....	39
Figura 5: Localização dos sítios arqueológicos do alto rio Madeira identificados em 1978 (Fonte: Miller 1978).....	43
Figura 6: Localização dos sítios arqueológicos próximos à cachoeira de Santo Antônio/RO identificados em 2008 (Fonte: Google Earth 2014).....	59
Figura 7: Mapa de densidade dos materiais cerâmicos e líticos do sítio Ilha de Santo Antônio, respectivamente (Scientia 2011).	61
Figura 8: Em vermelho furos-teste com material arqueológico; em cinza furos sem material arqueológico. Polígonos amarelos representam as unidades de escavação (Mapa: Michelle M. Tizuka).	63
Figura 9: Perfil sul da unidade N920 E910 (Scientia 2011).....	65
Figura 10: Escavações na área do recipiente 1 (Scientia 2011).	66
Figura 11: Perfil norte do setor do R1 (Desenho: Rodrigo Suñer e Marinei Rosa; Arte: Angislaine Costa).....	67
Figura 12: Feições 8, 9 e 10 esvaziadas na unidade N987 E849 e Feição 6 na unidade N989 E849 (Scientia 2011).....	69
Figura 13: Escavação da Estrutura 1 e Estrutura 2, respectivamente, unidade N959 E841 (Scientia 2011).	70
Figura 14: Feição 1 da unidade N1000 E922 (Desenho: Ednair Nascimento; Arte: Angislaine Costa).	71
Figura 15: Perfil norte da unidade N870 E840 (Desenho: Ozelino Rodrigues; Arte: Angislaine Costa).	73
Figura 16: Mapa de densidade dos fragmentos cerâmicos com vestígios de utilização e com tratamento plástico, respectivamente.	75
Figura 17: Ao centro da imagem, entre o igarapé e o rio Madeira está o sítio Novo Engenho Velho (Fonte: Google Earth 2014).....	77

Figura 18: Mapa de densidade dos materiais cerâmicos do sítio Novo Engenho Velho (Scientia 2011).	78
Figura 19: Montículos escavados no sítio Novo Engenho Velho (adaptado de Scientia 2011)..	79
Figura 20: O pontilhado em vermelho indica a forma da estrutura composta por trempes de argila, blocos de laterita e fragmentos de cerâmica. Os círculos amarelos mostram alguns exemplos de fragmentação <i>in situ</i> das vasilhas (Scientia 2011).....	80
Figura 21: Perfil norte do montículo I (Desenho: Rodrigo Suñer; Arte: Angislaine Costa).	82
Figura 22: Escavações no montículo II. À esquerda está a parte norte do montículo e à direita a parte sul (Scientia 2011).....	83
Figura 23: Perfil leste do lado norte do montículo II (Desenho: Bruna Rocha, Mirtes de Oliveira e William Almeida; Arte: Angislaine Costa).	85
Figura 24: Perfil norte do lado sul do montículo II (Desenho: Bruna Rocha, Mirtes de Oliveira e William Almeida; Arte: Angislaine Costa).	86
Figura 25: Estratigrafia do montículo VI (Scientia 2011).....	89
Figura 26: Vestígios arqueológicos pedestalizados na trincheira do montículo VI (Scientia 2011).	90
Figura 27: Vasilhas quebradas <i>in situ</i> do montículo VI (Scientia 2011).....	91
Figura 28: Tipos de tratamentos plásticos do sítio Ilha de Santo Antônio.	101
Figura 29: Tipos de lábio do sítio Ilha de Santo Antônio.	103
Figura 30: Tipos de bases do sítio Ilha de Santo Antônio.....	104
Figura 31: Forma 1 do sítio Ilha de Santo Antônio.	106
Figura 32: Forma 2 do sítio Ilha de Santo Antônio.	107
Figura 33: Forma 3 do sítio Ilha de Santo Antônio.	108
Figura 34: Forma 4 do sítio Ilha de Santo Antônio.....	108
Figura 35: Forma 5 do sítio Ilha de Santo Antônio.	109
Figura 36: Forma 6 do sítio Ilha de Santo Antônio.	110
Figura 37: Forma 7 do sítio Ilha de Santo Antônio.	111
Figura 38: Forma 8 do sítio Ilha de Santo Antônio.	112
Figura 39: Forma 9 do sítio Ilha de Santo Antônio.	112
Figura 40: Forma 10 do sítio Ilha de Santo Antônio.	113
Figura 41: Forma 11 do sítio Ilha de Santo Antônio.	114

Figura 42: Forma 12 do sítio Ilha de Santo Antônio.....	114
Figura 43: Forma 13 do sítio Ilha de Santo Antônio.....	115
Figura 44: Morfologia dos recipientes 1, 2 e 3, e seus respectivos fragmentos.....	118
Figura 45: Marcas de descamações na porção do bojo inferior e sulcos rasos paralelos, respectivamente, face interna do recipiente 1.	120
Figura 46: Fragmento do Recipiente, face interna e face externa, respectivamente: descamações na barbotina ocasionada pelos furos; e superfície inalterada, onde os furos possuem maior diâmetro.....	121
Figura 47: Furo no centro da base do Recipiente 1.....	122
Figura 48: Morfologia do recipiente 4.	123
Figura 49: Tipos de acabamentos de superfície nas cerâmicas do sítio Novo Engenho Velho.	125
Figura 50: Engobo e pintura nas cerâmicas do sítio Novo Engenho Velho.....	126
Figura 51: Tipos de lábio do sítio Novo Engenho Velho.....	127
Figura 52: Forma 1 do sítio Novo Engenho Velho.	129
Figura 53: Forma 2 do sítio Novo Engenho Velho	129
Figura 54: Forma 3 do sítio Novo Engenho Velho.	130
Figura 55: Forma 4 do sítio Novo Engenho Velho.	130
Figura 56: Forma 5 do sítio Novo Engenho Velho.	131
Figura 57: Forma 6 do sítio Novo Engenho Velho.	132
Figura 58: Forma 7 do sítio Novo Engenho Velho.	132
Figura 59: Forma 8 do sítio Novo Engenho Velho.	133
Figura 60: Forma 9 do sítio Novo Engenho Velho.	133
Figura 61: Forma 10 do sítio Novo Engenho Velho.	134
Figura 62: Forma 11 do sítio Novo Engenho Velho.	135
Figura 63: Fragmentos cerâmicos pintados e com tratamentos plásticos do sítio Ilha de Santo Antônio: A - borda com pintura vermelha e branca e inciso; B - Borda com pintura vermelha e branca; C - Bojo com pintura vermelha e branca; D - paredes com engobo ou pintura com descamação de fermentação na face interna; E - bordas roletadas; F - modelado em forma de escalonado; G - fragmentos com inciso e modelado; H - modelado zoomorfo; I e J - paredes com excisos; K – paredes com saliências arredondadas; L - borda com applique; M - parede modelada com inciso; N - parede com esfera aplicada; O - borda com applique; P - bordas com “bico”; Q - apêndice; R - borda recortada com inciso; S – paredes e bordas com incisos em	

linhas horizontais e escalonados; U - borda roletada; V – borda com inciso; W - bordas com inciso e ponteados; X – bases de assadores com marcas de folha impressa; Y – parede com incisos entrecruzados e exciso na forma de voluta..... 143

Figura 64: Aspectos morfológicos reconstituídos das vasilhas do sítio Novo Engenho Velho: A - base anelar; B - bases planas; C - parede; D - parede com fuligem; E - bojo com fuligem; F – bojo com engobo vermelho; G e H - bojos. 145

Figura 65: Fragmentos cerâmicos decorados do sítio Novo Engenho: A - bojo com applique e pintura vermelha sobre branca; Bojo com applique, e pintura preta e vermelha sobre branca; C – possível borda recortada; D e F - bordas com pintura vermelha e branca; G - borda com pintura branca e inciso; H - inflexão com inciso; I - borda com pintura vermelha, preta e branca; J e K - bojos com pintura vermelha e branca; L e M - paredes com pintura branca ou vermelha; N e S - bordas com engobo vermelho; O - borda com pintura vermelha; P-R - bordas com incisos; T - parede com inciso e ponteados; U - paredes com incisos. 147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Datações do sítio Ilha de Santo Antônio (Fonte: Scientia Consultoria Científica).	68
Tabela 2: Datação do sítio Novo Engenho Velho (Fonte: Scientia Consultoria Científica).	81
Tabela 3: Relação da forma e inclinações <i>versus</i> espessamento das bordas do sítio Ilha de Santo Antônio.....	102
Tabela 4: Partes das vasilhas analisadas do sítio Ilha de Santo Antônio.....	105
Tabela 5: Ilustração dos modos formais de vasilhas do sítio Ilha de Santo Antônio cruzados com variáveis tecnológicas. C = Modos comumente representados; F = Modos frequentemente representados; R = Modos raramente representados.....	115
Tabela 6: Relação da forma e inclinações <i>versus</i> espessamento das bordas do sítio Novo Engenho Velho.....	126
Tabela 7: Partes das vasilhas analisadas do sítio Novo Engenho Velho.....	128
Tabela 8: Ilustração dos modos formais de vasilhas do sítio Novo Engenho Velho cruzados com variáveis tecnológicas. C = Modos comumente representados; F = Modos frequentemente representados; R = Modos raramente representados.....	135

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1 - Contextos Culturais Amazônicos	24
1.1. Modelos arqueológicos	24
1.2. A arqueologia do alto rio Madeira	32
1. 2. 1 Os primeiros grupos humanos	34
1. 2. 2. Alto rio Ji-Paraná: As primeiras manifestações ceramistas associadas à Tradição Tupiguarani	34
1. 2. 3. Médio rio Guaporé: Os ceramistas das fases Corumbiara e Pimenteira.....	37
1. 2. 4. Rio Madeira: Os povos da cultura Jatuarana e outras manifestações ceramistas	40
Capítulo 2 - Arqueologia nos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho	57
2. 1. Os contextos da Ilha de Santo Antônio	60
2.2. Os montículos do sítio Novo Engenho Velho	77
Capítulo 3 - A variabilidade artefactual no alto rio Madeira: uma interpretação da cerâmica Jatuarana.....	94
3.1. A cerâmica do sítio Ilha de Santo Antônio.....	97
3.1.1 Análise tecnológica e modal.....	98
3. 1. 2. Vasilhas utilizadas como urnas funerárias	117
3.1.3. Reutilização da cerâmica.....	123
3. 2. A cerâmica do sítio Novo Engenho Velho.....	124
3.1.1 Análise tecnológica e modal.....	124
3.3. Discussão.....	137
Conclusão.....	153
Referências bibliográficas	156

Introdução

Em meio à grande diversidade ecológica, geográfica, linguística e cultural que caracteriza a Amazônia, a região do alto rio Madeira é especificamente relevante pelo potencial arqueológico e por ter sido no passado um importante centro de domesticação de plantas (Clement 2006), onde se encontram as mais antigas Terras Pretas de Índio, e possivelmente local de origem dos povos falantes das línguas Tupí (Rodrigues 1964, Neves 2006, Miller 2009). A história dessa região envolvida na longa duração transcorre durante 9.000 anos, marcada por diversas sociedades que ocuparam principalmente as áreas banhadas pelos rios Madeira, Guaporé, Mamoré, Ji-paraná e Jamarí.

Os estudos do linguista Aryon Rodrigues (1958, 1964, 1985, 2000) sugerem que em alguma área do alto rio Madeira (entre os rios Guaporé e Aripuanã) processou-se a difusão do tronco linguístico Tupí há cinco mil anos. Cerca de 2.500 anos depois a família linguística Tupí-Guaraní, com origem nessa mesma área se dispersaria amplamente em distâncias de dimensões continentais, alcançando o alto Amazonas, Bolívia, Paraguai, Argentina e ocupando praticamente todo o litoral brasileiro à época da chegada dos colonizadores europeus¹. Este quadro demonstra a diversidade Tupí que engloba esta área, de modo que das dez famílias linguísticas estabelecidas, seis encontram-se no alto rio Madeira, sendo elas: Arikém, Mondé, Tuparí, Tupí-Guaraní, Ramarama, e Puroborá. Enquanto Jurúna, Munduruku, Awetí e Mawé encontram-se na Amazônia oriental.

Nos afluentes da margem direita do rio Madeira e principalmente ao longo do rio Ji-paraná e seus tributários, concentraram-se vários grupos *Kawahíb*, um sub-grupo da família linguística Tupí-Guaraní que tornaram-se conhecidos por diversos etnônimos: *Parintintin*, *Tenharim*, *Urueu-wau-wau*, *Juma*, *Diahoi*, *Takwatip*, *Karipuna*, *Ipotwat*, *Paranawat*, *Wirafét*, *Tukumãfét*, *Jabotifét*, entre outros. Esses grupos tiveram seus primeiros contatos pacíficos muito tardiamente, alguns no início do século XX e outros somente nas décadas de 80 e 90 daquele século. Durante a implantação das linhas telegráficas que ligavam Cuiabá à Santo Antônio, no alto rio Madeira, a comissão chefiada pelo marechal Cândido Rondon teve contato com três grupos *Kawahíb* no alto rio Ji-paraná: *Ipotwat*, *Paranawat* e *Takwatip*. Rondon (2003 [1916]: 211-213) descreve as casas desses grupos com cobertura de duas águas

¹ Há uma longa discussão sobre o centro de origem e a dispersão ou expansão dos grupos da família Tupí-Guaraní (Métraux 1927, Rodrigues 1964, 2000, Brochado 1984, Noelli 1996). Rotas de migrações e expansões são extensamente discutidas, priorizando uma divisão dos ramos *Tupinambá* e *Guaraní*.

podendo cada uma abrigar até 50 indivíduos; dentre as variedades que plantavam destacava-se o milho e a mandioca; eram peritos canoieiros e pescadores; usavam colares de vários materiais (cocos, sementes, dentes e unhas de animais); faziam ornamentos de penas dos animais que criavam na aldeia; produziam vasilhas cerâmicas em vários tamanhos para fermentar bebidas, armazenar e transportar água, e também produziam apitos do mesmo material para se comunicar na floresta.

Esses *Kawahíb* guerreavam contra os *Quêpiquireuate* (Tupari) e quando os apanhavam cortavam-lhes a cabeça. A partir de informações dos índios *Nambikwara*, Rondon teve encontro com os *Quêpiquireuate* que lhes informaram sobre os diversos grupos que habitavam o rio Ji-paraná e seus afluentes, além de nomes dos rios na língua nativa que puderam ser plotados em um mapa (Rondon & Faria 1948: 183). Os *Quêpiquireuate* eram numerosos e dividiam-se em vários sub-grupos no rio Pimenta Bueno ou Apediá; construía palhoças cônicas; praticavam caça e pesca, plantavam feijão, mamão, banana, mandioca e milho; apreciavam beijos de mandioca e de milho que assavam em um prato plano; eram produtores de cerâmica: “além de panelas de vários tamanhos, fabricam potes que parecem tinas, nos quais preparam bebidas fermentadas de amendoim e de milho” (Rondon 2003 [1916]: 204).

Lévi-Strauss encontrou um dos grupos contatados por Rondon, os *Takwatip*, e apontou a situação etnográfica daquela área do alto rio Ji-paraná a partir de informações coletadas com seringueiros em 1938:

Lá por fins de sua expedição, em 1915, Rondon descobriu diversos grupos indígenas de língua tupi e conseguiu entrar em contato com três deles, pois os outros se mostravam irredutivelmente arredios. O mais importante desses grupos estava instalado no curso superior do rio Machado, a dois dias de marcha a partir da margem esquerda, e num afluente secundário, o igarapé do leitão. Era o bando, ou o clã, *Takwatip*, “do bambu”. Não é certo que o termo *clã* convenha, pois os bandos dos Tupí-Cavaíba formavam em geral uma só aldeia, possuíam um território de caça com fronteiras zelosamente vigiadas, e praticavam a exogamia mais com a preocupação de contrair alianças com os bandos vizinhos do que em aplicação a uma regra estrita. Os *Takwatip* eram comandados pelo chefe Abaitará. Do mesmo lado do rio achavam-se, ao norte, um bando desconhecido, a não ser pelo nome de seu chefe, Pitsará, ao sul, no rio Tamuripu, os *Ipoteuate* (nome de um cipó), cujo chefe se chamava Kamandjará; depois, entre este último rio e o igarapé do Cacoal, os

Jabutifede (“gente da Tartaruga”), chefe Maíra. Na margem esquerda do Machado, no vale do rio Muqui, residiam os Paranauate (“gente do rio”), que continuam a existir mas respondem com flechadas às tentativas de contato, e, um pouco mais ao sul, no igarapé de Itapici, um outro bando desconhecido (Lévi-Strauss 1996 [1955]: 316).

Segundo a discussão etno-histórica, a maior parte desses grupos são *Kawahíb* e teriam adentrado no alto rio Ji-paraná tardiamente. A movimentação desses povos tem sido há muito debatida pelo rastreamento de seus etnônimos em fins do século XVIII e início do XX, frequentemente associada a confrontos interétnicos e à penetração luso-brasileira em seu território (Nimuendajú 1924, Menéndez 1981, 1992, Leonel 1995, Ramirez 2010). Além de falarem língua idêntica com algumas variações fonéticas, esses índios compartilharam alguns aspectos que lhes conferem certa unidade, como a mudança de nomes por alguns indivíduos do grupo e o uso de estojo peniano feito com folhas de arumã ou pacova (Nimuendajú 1924, 1948, Menéndez 1981, Lévi-Strauss 1996 [1955]).

No entanto, os *Kawahíb* podem ser divididos em dois grupos mais extensos, aqueles do alto rio Ji-paraná e os grupos do médio rio Madeira, pois apresentam diferenças marcantes determinando um distanciamento entre eles. Os *Kawahíb* do alto rio Ji-paraná dividiam-se em clãs patrilineares em uma ou mais aldeias, Lévi-Strauss fala da existência de 20 clãs, mas podendo ser um número maior e com uma configuração complexa, em que os casamentos ocorriam em sistema endogâmico entre os clãs com o objetivo de contrair alianças (Lévi-Strauss 1948a, 1996 [1955]). Já os *Kawahíb* do médio rio Madeira, incluindo também os *Urueu-wau-wau*, *Amondawa* e *Karipuna* que estão localizados no centro de Rondônia, destacam-se pela divisão em metades patrilineares exogâmicas nomeadas por dois pássaros (Nimuendajú 1924, Peggion 1996, Kurovski 2009). Essa divisão (alto rio Ji-paraná - médio rio Madeira) observada por Peggion (1996: 17-19) questiona ainda mais a hipótese de uma migração recente, ainda no período colonial, em que os *Kawahíb* teriam sido empurrados para essa área (Rondônia) quando foram contatados durante o século XX. Assim, a arqueologia dessa região tem um interessante dado a ser discutido e incluído no debate Tupí das migrações e expansões pré-coloniais.

O domínio territorial parece ser um importante elo que liga esses grupos que tem inclinação para a guerra. Nimuendajú, que manteve contato com os *Parintintin* nos anos de 1921 a 1923, relata que eles ocupavam uma grande área entre os rios Ji-paraná e Marmelos e

que viviam em conflito com os *Arara* (Ramarama), *Torá* (Chapacura), *Mura* e *Mura-Pirahá*. Segundo o etnólogo: “foi desta forma, por uma guerra de 80 anos, que os Parintintin consolidaram a sua fama de “feras cruéis e indomáveis”, e se tornaram o alvo do ódio e o horror de todos os seus vizinhos” (Nimuendajú 1924: 211). Apesar de Nimuendajú colocar o conflito como o principal entusiasmo dos jovens guerreiros *Parintintin* na época em que os etnografou, as lutas desse grupo contra outros povos indígenas e neo-brasileiros do médio rio Madeira não excedia mais que 20 indivíduos *Parintintin* e não obedecia à vontade de um chefe, porém eram capazes de deixar uma grande área sob o signo do medo (Nimuendajú 1924, 1948). Já Lévi-Strauss (1996 [1955]: 317) menciona que quando Rondon teve contato com os *Takwatip*, eles estavam disseminando sua hegemonia sobre outros grupos sob o comando do chefe Abaitará, o qual mantinha aldeias com 500 a 600 indivíduos e uma grande área com quilômetros de plantações que abasteceram tranquilamente os expedicionários daquela missão. No entanto, os *Takwatip* não chegaram a dominar por muito tempo o alto Jiparaná; o atroz contato com seringueiros e os conflitos internos levaram a quase total dizimação do grupo uma década depois.

Embora seja uma área predominantemente Tupí, há registros de outros grupos ocupando esta região. Lévi-Strauss apontou que o rio Guaporé poderia ser dividido em duas áreas culturais, a margem esquerda boliviana, ocupada por índios Mojo e Chiquitano, e a margem direita, dominada por grupos Tupí e Chapacura, que formaram uma fronteira étnica no passado: os Tupí ocupando o médio curso e os povos da família linguística Chapacura em seu baixo curso (Lévi-Strauss 1948b, Leonel 1995). Há até mesmo referências que essa divisão cultural serviu de justificativa para utilizar o domínio indígena durante o conflito luso-espanhol no século XVIII para a definição das fronteiras (Maldi 1989). Essa área dos rios Guaporé e Mamoré, tributários do Madeira, é um dos limites com alta diversidade linguística e cultural (Crevels & van der Voort 2008). As línguas *Aikanã*, *Kanoê* e *Kwazá* de índios que ocuparam os afluentes da margem direita do Guaporé em Rondônia, além de outros povos que habitaram o lado boliviano, são isoladas, ou seja, não se assemelham a nenhuma família linguística conhecida. Para tornar ainda mais complexo o quadro cultural do Guaporé, existem registros de línguas dos quatro troncos mais dispersos da América do Sul nessa região: Arawak, Macro-Jê, Karib e Tupí (Métraux 1942, Rodrigues 1964, Nimuendajú 1981, Urban 1992, Crevels & van der Voort 2008).

Nota-se que a imagem Arawak é especialmente assinalada pelos *Baure* e *Mojo*, cujo nome deu origem à célebre Província de Mojos no noroeste boliviano, no qual predominou uma intensa diversidade linguística e cultural onde, apesar dos vários grupos étnicos, destacam-se os *Cayubaba*, *Itonama*, *Movima* e *Canichana*. Nas planícies alagadas dos *Lhanos de Mojos* os Arawak foram responsáveis por diversas obras de campos elevados no período pré-colonial. A etno-história e a arqueologia boliviana assinalam que esses grupos tinham organizações sociopolíticas coesas com alcance amplo. Maldi (1989, 1991) apontou estes grupos como intermediários entre as cidades andinas e as sociedades de floresta tropical, caracterizando-os como exímios pescadores e agricultores, possuindo praças no centro dos seus assentamentos, templos e casas para o consumo coletivo de chicha, bem como aldeias interligadas formando unidades sociais.

A presença de grupos de língua Karib, cuja gênese e região tradicional são as Guianas, é observada principalmente no registro histórico dos *Palmellas*, grupo que se tornou obscuro na história guaporeana por desaparecer sem explicação de Pedras Negras ainda no século XIX (Crevels & van der Voort 2008: 162).

Recentemente, estudos linguísticos comprovaram a hipótese de Nimuendajú formulada em 1935 que relacionava a presença de grupos do tronco linguístico Macro-Jê no atual estado de Rondônia. Tais estudos possibilitaram interpretar que os ancestrais dos índios *Arikapú* e *Djeoromitxi* chegaram à região do Guaporé por volta de dois mil anos atrás provindos do leste (van der Voort 2007, Ribeiro & van der Voort 2010). Embora sejam de línguas distintas, estas duas etnias (*Arikapú* e *Djeoromitxi*) juntamente com os *Wajuru* (Tupari), *Makurap* (Tupari), *Koaratira* (Tupari), *Sakirap* (Tupari) e *Aruá* (Mondé), antigos habitantes dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes orientais do rio Guaporé, compartilhavam alguns elementos culturais entre si e reconheciam os *Tupari* (Tupari) como inimigos. Tais grupos formavam o *complexo cultural do marico*, que além de partilharem da confecção do cesto (marico), também construíam casas redondas, consumiam chicha de milho no cotidiano e chicha fermentada nas cerimônias, e o xamã aspirava pó de angico misturado com fumo como alucinógeno (Maldi 1991).

Há que se reportar ainda aos Chapacura, uma família linguística que se originou nos contornos da serra dos Pacaás Novos e que ocupou ambas as margens do médio e baixo rio Guaporé e o baixo rio Mamoré, território que foi retratado como pertencente “a poderosa nação *Tapacura*” que também foram mencionados na Província de Mojos (Métraux 1942: 86-

88). Práticas de canibalismo guerreiro e funerário foram executadas por alguns grupos Chapacura²: entre os *Moré* ou *Iténez* uma das etapas do rito funerário consistia no consumo das cinzas do morto misturada à chicha (Maldi 1989: 122-123); Os *Wari*, conhecidos na literatura como *Pakaá Novos* praticavam canibalismo funerário comendo as cinzas dos seus mortos misturadas com mel, bem como o canibalismo guerreiro matando e consumindo seus inimigos (Vilaça 1998).

Fora desta área os *Urupá* e os *Jarú* ocuparam as cabeceiras dos rios homônimos no centro de Rondônia, bem como os *Torá* que habitaram o médio rio Madeira de onde foram mencionados desde o início do século XVIII (Nimuendajú 1982). A distância dos *Torá* para o restante da família Chapacura tem sido discutida como parte de pressões de grupos falantes das línguas Pano que ocuparam o interflúvio dos rios Beni e Mamoré, onde teriam pressionado os Chapacura (Ramirez 2010: 18-21).

Os Pano meridionais é uma categoria genérica para designar diferentes etnônimos das áreas do interflúvio Beni-Mamoré e das cachoeiras do alto rio Madeira. Esses grupos conhecidos principalmente por *Caripuna*, *Chacobo*, *Pacaguara* e *Sinabo*, pertencentes à família linguística Pano, mantiveram o domínio daquela área até o início do século XX, sustentando uma identidade coesa, mas imersa de complexas relações com outros grupos (*Araona*, *Takana*, *Cayuvava*, *Caviñeno* e *Movima*) que oscilava entre conflitos e interações (Córdoba & Villar 2009). Sabe-se que os *Caripuna* possuíam vasilhas cerâmicas dentro da aldeia nas quais enterravam seus mortos e que os *Chacobo* consumiam bebidas fermentadas de mandioca (Métraux 1942), mas não há descrições mais detalhadas desses artefatos.

Como se observa, a diversidade cultural do alto rio Madeira e seus tributários é grande, sendo imprescindível enfatizar que esse quadro etnográfico de uma região com diversos grupos étnicos deve ser o ponto de partida para as investigações arqueológicas. Entendida como uma área periférica da Amazônia, a região do alto rio Madeira combina biomas de floresta amazônica, pantanal e cerrado, acomoda as chapadas dos Parecis e Pacaás Novos, mas não apresenta nenhuma barreira geográfica significativa que poderia separar os grupos descritos acima. No âmbito arqueológico, toda essa diversidade ainda não foi diferenciada na região. Apesar de Miller (2007, 2009) apontar fases arqueológicas associadas a algumas famílias linguísticas Tupí, sua pesquisa não reflete os movimentos e as dinâmicas

² Veja-se a interessante discussão que Vilaça (1998) realiza sobre as categorias de endocanibalismo e exocanibalismo entre os *Wari* de Rondônia.

interétnicas do passado. Embora a linguística histórica contribua muito para compreender a trajetória milenar de alguns grupos, ela impõe algumas dificuldades no quadro cronológico. Portanto, é possível que por meio da arqueologia se possa compreender a formação de fronteiras culturais e a diversidade no tempo e no espaço.

Nas margens do alto rio Madeira há vestígios materiais de ocupações indígenas em que a cerâmica foi classificada como Subtradição Jatuarana que reúne atributos da Tradição Polícroma da Amazônia. No entanto, duas questões fundamentais se apresentam sobre a ocupação Jatuarana. A primeira é que diferentes leituras sobre como o ambiente atuou sobre as populações ou como estes povos agiram sobre esse meio tem sido debatidas. Assentamentos com Terra Preta de Índio são entendidos tanto como reocupações de pouca duração, quanto ocupações permanentes e duradouras, um tema clássico na Arqueologia Amazônica (Hecht 2003, Kern et al. 2003, Rebellato et al. 2009, Sombroek et al. 2009, Woods 2009), mas para a arqueologia do alto rio Madeira tem papel fundamental por estar associado às cachoeiras, o que demanda reflexões sobre como essas áreas foram ocupadas.

A segunda questão é quanto aos significados da variabilidade cerâmica das ocupações Jatuarana, as quais têm gerado discussões em relação à própria origem da Tradição Polícroma pela antiguidade das datações (Miller 1987, 1992, 1999, Almeida 2013, Zuse 2014), bem como a duração dessas ocupações e a expansão de populações vinculadas a grupos etnolinguísticos conhecidos na literatura etnológica e etno-histórica. Essas interpretações decorrem principalmente do tema da mudança cultural, que a propósito das classificações cerâmicas, têm priorizado o enfoque nas continuidades e discontinuidades tecnológicas que colocam em discussão se de fato todas as manifestações ceramistas da calha do alto rio Madeira seriam essencialmente da Tradição Polícroma.

Compreender o sentido da variabilidade dos artefatos na Amazônia tem sido uma tarefa de constantes debates (Meggers & Evans 1970, DeBoer & Lathrap 1979, Roosevelt 1995, Heckenberger et al. 1998, Schaan 2007a, Silva 2007, Raymond 2009, Neves 2010) por questões teórico-metodológicas, interpretativas e políticas. A razão de tal discussão envolve os processos de mudança cultural pelos quais os grupos indígenas passaram e que foram explicados ao longo da história da arqueologia, primeiramente com influências do histórico culturalismo, que a partir das categorias de *Fases* e *Tradições* explicava as transformações culturais por preceitos evolucionistas e difusionistas. Posteriormente, críticas a essas abordagens arqueológicas apresentaram uma série de ponderações que colocam em xeque

essas classificações, conforme Schaan (2007a: 78): 1) a variabilidade que muitas vezes foi conferida a diferentes fases e grupos sociais pode ser avaliada enquanto continuidade cultural e mudanças sociopolíticas dentro de um mesmo espaço; 2) a variabilidade estilística contida em uma mesma fase pode representar limites políticos e identidades culturais; 3) enquanto as similaridades estilísticas não necessariamente obedecem ao critério de identidade cultural ou grupos linguísticos e podem representar sociedades distintas quanto à organização sociopolítica e padrão de subsistência.

Esta posição crítica reconhece os grupos sociais enquanto indivíduos atuantes em seu próprio tempo, capazes de mudar ou manter aspectos culturais, sendo o artefato produto social desse meio. A variabilidade artefactual verificada em distintos contextos arqueológicos pode ter diferentes significados. Exemplos etnoarqueológicos demonstram que, embora as tecnologias cerâmicas mostrem padrões rígidos, fatores como a organização social, diferenças nos grupos domésticos, contato intercultural e o comércio de vasilhas geram variabilidade; essas variações servem para determinar identidades pessoais e sociais, mudança e persistência cultural ao longo do tempo (Silva 2007).

A corrente teórica predominante na Arqueologia Amazônica ainda é o histórico culturalismo que – mesmo depois de duramente criticado, têm gerado ótimas contribuições quando aliado à etnologia indígena e à etno-história, pois nesta abordagem se utiliza das classificações de fase e tradição para mapear a variabilidade cultural (Neves 2010). Nesse sentido, pode-se utilizar as classificações arqueológicas a favor da construção da história cultural indígena, mas ao analisar esses contextos é necessário reconhecer que estão “sujeitos a mudanças culturais e transformações sociais” (Schaan 2007a: 88).

Este trabalho se propõe a investigar as sociedades ceramistas que ocuparam o alto rio Madeira no período pré-colonial tardio. Por meio da cultura material almeja-se compreender quais os significados da variabilidade da tecnologia cerâmica, considerando o sistema de produção artefactual, suas relações contextuais e espaciais. Discute-se a correspondência entre o registro arqueológico e os marcadores culturais à luz da literatura arqueológica regional. Apoiando-se nessas interpretações espera-se contribuir para o entendimento da mudança e persistência cultural no decorrer da história indígena. Daí ser necessária uma abordagem que incorpore tanto os princípios do histórico culturalismo que vincula os artefatos com determinados grupos humanos no tempo e no espaço, quanto às metodologias fornecidas pela arqueologia das atividades domésticas.

Os sítios arqueológicos Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho são objetos da presente pesquisa em Rondônia. Ambos os sítios foram estudados detalhadamente no âmbito do projeto *Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção da UHE Santo Antônio, RO*, por meio de escavações intensivas em 2008 (Scientia 2008). Duas justificativas são apresentadas para esse estudo: 1) Ambos os sítios apresentam elementos importantes para compreender a arqueologia do alto rio Madeira do ponto de vista dos assentamentos e da variabilidade cerâmica, bem como questões relacionadas à expansão de grupos etnolinguísticos conhecidos na Amazônia; 2) Esses sítios foram totalmente impactados em virtude da construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio, o que requer e torna indispensável o estudo do registro arqueológico e dos remanescentes desse lugar tão significativo para a história.

A presente dissertação, além da introdução, está estruturada em três capítulos e uma conclusão:

O *Capítulo I – Contextos Culturais Amazônicos*, oferece uma revisão da arqueologia do alto rio Madeira, uma região que foi por mais de 40 anos sistematicamente pesquisada pelo arqueólogo Eurico Miller. Através dos dados disponíveis é debatida a sequência cultural proposta por Miller, com ênfase na Subtradição Jatuarana, a mais bem conhecida e que possui implicações para esta pesquisa. Nesse sentido, foi necessário rever alguns modelos arqueológicos estabelecidos para a Amazônia que contribuem para as interpretações sobre o registro arqueológico de povos ceramistas do alto rio Madeira.

O *Capítulo II – Arqueologia nos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho*, apresenta as informações das intervenções arqueológicas e as primeiras hipóteses elaboradas em campo sobre os sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho. A análise dos relatórios, mapas e croquis de campo foram imprescindíveis para a compreensão do registro arqueológico. Foi possível apontar como o espaço foi utilizado observando como estavam distribuídos os artefatos nas dimensões espaciais.

O *Capítulo III – A variabilidade artefactual no alto rio Madeira: uma interpretação da cerâmica Jatuarana*, apresenta os métodos e resultados da análise cerâmica a partir das quais foi possível caracterizar os conjuntos artefatuais presente nos sítios e apontar os significados da variabilidade encontrada. Realizou-se a classificação estrutural, ilustrada em um quadro contendo as morfologias das vasilhas e as variações tecnológicas. A representação refinada dos vasilhames dos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho em seus aspectos funcionais e das escolhas tecnológicas, assim como seus contextos, permitiram esboçar um

quadro arqueológico mais pormenorizado da Subtradição Jatuarana e aproximações com grupos indígenas conhecidos na etno-história.

Na conclusão são retomados os assuntos dos três capítulos a fim de completar a ideia central da pesquisa que consiste em contribuir com o debate sobre a ocupação, por parte de grupos pré-coloniais tardios do alto rio Madeira.

Capítulo 1 - Contextos Culturais Amazônicos

1.1. Modelos arqueológicos

Pesquisas arqueológicas no Brasil conduzidas pelos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans, e posteriormente por seus colegas brasileiros, investigaram centenas de sítios arqueológicos e classificaram a cerâmica encontrada conforme o método de seriação proposto por James Ford (1962) que buscava a definição de tipos cerâmicos e a contagem de suas frequências para o estabelecimento de cronologias culturais e mapeamento de ocupações humanas no tempo e no espaço. Inicialmente os estudos foram executados pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, em 1965-70. Posteriormente estabeleceram o Programa Paleoíndio – PROPA, em 1974-77; e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica – PRONAPABA, em 1977-81. Estas pesquisas foram amparadas por um convênio entre a Smithsonian Institution e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A partir de um manual para arqueólogos elaborado por Meggers e Evans em 1970, os pesquisadores associados aos programas arqueológicos, como o PRONAPABA, foram treinados para trabalhar dentro de uma mesma metodologia. O manual priorizava a análise de fragmentos e não de vasilhames, que eram classificados em decorados e não decorados. A cerâmica não decorada era analisada quanto ao antiplástico e outras características da pasta, tipo de queima, acabamento de superfície e tratamento de superfície, enquanto as decoradas eram analisadas pelas mesmas propriedades e ainda pelas técnicas e motivos decorativos (Meggers & Evans 1970).

No início da década de 1960, apesar de grande parte da Amazônia ser desconhecida arqueologicamente, Meggers & Evans (1961), a partir de 22 complexos cerâmicos, propuseram a existência de quatro horizontes estilísticos: Hachurado-Zonado, Borda Incisa, Polícromo e Inciso e Ponteadado. Estes horizontes foram definidos muito mais pelos aspectos decorativos do que pelos morfológicos. Esta definição tinha como princípio estabelecer uma sequência para explicar a ocupação da Amazônia por povos ceramistas; tal quadro tinha bases difusionistas e mostrava que estes grupos tiveram origem exógena e em diferentes momentos da história pré-colonial teriam penetrado na Amazônia.

Esse enunciado expressava a incompletude das sociedades da floresta tropical em comparação com as “altas” culturas andinas, e se pautava em teorias neo-evolucionistas e da ecologia cultural. Mas percebeu-se que na Amazônia o registro arqueológico apresentava

grandes aldeias e elementos que denotavam hierarquização social que espelhavam os padrões das culturas circum-caribenhas. Sendo assim, Meggers e Evans criaram modelos difusionistas para explicar a presença destas culturas na floresta tropical, propondo hipóteses a partir do determinismo ambiental para justificar o seu declínio ao defenderem que o ambiente não propiciava originar e sustentar estas sociedades, pois os solos da Amazônia não apresentavam condições para a prática da agricultura intensiva. Os membros portadores da cultura Marajoara, responsáveis por uma elaborada cerâmica policrômica e pela construção de aterros artificiais, foram vistos como uma sociedade que veio de fora para a Ilha de Marajó e seria vítima da decadência cultural sentenciada pelo ambiente amazônico (Meggers & Evans 1957).

A partir de hipóteses fundamentadas nas limitações que o ambiente amazônico causava nas culturas locais, Meggers (1990: 202) afirmava que “nenhuma ocupação grande ou permanente foi identificada entre as centenas de sítios investigados. Ao contrário, fora os sítios menores, todos são produtos de múltiplas reocupações pela mesma ou sucessivas fases durante centenas de anos”. Muitas dessas interpretações estavam embasadas em exemplos etnográficos recentes (Meggers 1987 [1971]). Reocupação foi um termo muito utilizado para justificar a dinâmica ocupacional dos grupos da floresta tropical, por grupos relativamente pequenos em curtos períodos de tempo, formando palimpsestos de pouca duração (Meggers 1990).

A obra do arqueólogo Donald Lathrap, *O Alto Amazonas*, teve o mérito de propor outro cenário para a Amazônia que diverge da proposta de Meggers e Evans. Também com enfoque ecológico, Lathrap (1975 [1970]) sugeriu que a várzea amazônica foi uma importante zona de inovações culturais que impulsionou a dispersão de grupos humanos e suas culturas pelos rios amazônicos. Essa premissa que ficou conhecida como modelo “cardíaco” (Carneiro 2007), postulava que a Amazônia central (confluência do rio Madeira com o Amazonas) teria sido o centro de dispersão de importantes grupos linguísticos sul-americanos como Arawak e Tupí há 5 mil anos, representados por duas tradições cerâmicas amplamente distribuídas, Barrancóide e Polícroma, respectivamente.

A cerâmica Barrancóide, também conhecida como Borda Incisa ou Incisa e Modelada, vastamente encontrada na América do sul e nas Antilhas, caracteriza-se por incisões largas em superfícies polidas combinadas com apliques e modelados. Os Proto-Arawak, agricultores e detentores de alto grau de sedentarismo, teriam pressionado demograficamente o Amazonas central e se expandido em busca de terras aluviais pela periferia amazônica há 5.000 anos;

assim subiram o rio Madeira em direção aos Andes, deslocaram-se pelos rios Juruá e Purus, invadiram os rios Negro, Ucayali, Orenoco, e finalmente a costa da Venezuela, dando origem aos diversos ramos divergentes desse tronco linguístico (Lathrap 1975 [1970]: 78-80). Um segundo episódio de expansão seria protagonizado pelos Proto-Maipure entre 3.000 e 2.500 anos atrás pelos mesmos rios amazônicos. Essas pressões teriam sido constantes e obrigaram alguns grupos Tupí a subir para o alto rio Madeira em direção aos afluentes orientais, dando origem a famílias linguísticas divergentes; um grupo teria se instalado no rio Xingu, originando a família linguística Juruna e os Tupí-Guaraní teriam se dispersado a partir do baixo Amazonas para o litoral brasileiro e somente um grupo alcançaria o alto Amazonas (Lathrap 1975 [1970]: 84).

Lathrap, que estava munido de dados provenientes do arqueólogo Peter Hilbert, defendeu uma origem dentro da Amazônia para a Tradição Polícroma por meio das Subtradições Guarita e Miracanguera, que representavam um desenvolvimento da Tradição Barrancóide em torno do século V DC. As cerâmicas Guarita teriam formas simples, ausência de urnas e o uso do tempero de caraipé, enquanto que as cerâmicas Miracanguera foram entendidas como mais complexas, englobando vasos quadrangulares, urnas antropomórficas, e o uso de tempero de caraipé e cauíxí. Esses dois tipos de cerâmica teriam se diferenciado das produções Barrancóide pelo decréscimo de técnicas de incisões largas, a inclusão do caraipé e as pinturas policromas sobre engobo branco. No entanto, segundo Lathrap (1975 [1970]: 171), nenhuma modificação teria sido identificada nas morfologias dos vasilhames Barrancóide e Polícromo.

Meggers e Evans (1973) propuseram uma origem Tupí a leste do alto rio Madeira, enquanto os Arawak teria sua origem a oeste dos Tupí; as dispersões só teriam ocorrido por volta de 500 AC, simultaneamente, conforme informações linguísticas. A hipótese Tupí baseava-se em datações léxico-estatísticas que demonstraram uma ampla diversidade linguística localizada nessa área (Rodrigues 1958) e tinha como ponto de apoio as mudanças climáticas que teriam atingido esses povos entre 2.000 e 3.000 anos atrás (Meggers & Evans 1973). Para Meggers e Evans, a única relação entre a cerâmica da Tradição Polícroma da Amazônia e a Tupiguarani do litoral brasileiro era a pintura, não existindo outros elementos em comum; assim eles indicaram que se os falantes Tupí-Guaraní foram os produtores desta cerâmica, esses grupos podem ter entrado em contato com outros povos até alcançar o rio Amazonas, o que poderia também ser uma consequência da diversidade linguística. No

entanto, o cenário pré-histórico amazônico era pouco conhecido arqueologicamente, incluindo o suposto centro de origem do tronco Tupí.

Quanto à dispersão Arawak, a cerâmica mais antiga da Amazônia, do horizonte Hachurado-Zonado, foi vista como um correlato dessa dispersão vinda dos altiplanos andino há quase três mil anos (Meggers & Evans 1973).

José Brochado (1984), que foi aluno de Lathrap e compartilhava do modelo “cardíaco”, refinou a proposta, sugerindo que as Subtradições Guarani (originada da Subtradição Guarita) e a Tupinambá (originada da Subtradição Miracanguera) se dispersaram para fora da Amazônia central tomando rumos diferentes, a partir do qual ilustrou a “hipótese da pinça” por meio da figura da boca de um jacaré que tem como maxilar o baixo Amazonas, suposta área de migração dos povos *Tupinambá* em direção leste, e como mandíbula, a área que compreende o rio Madeira, provável rota de migração dos *Guarani* para o sul (Figura 1).

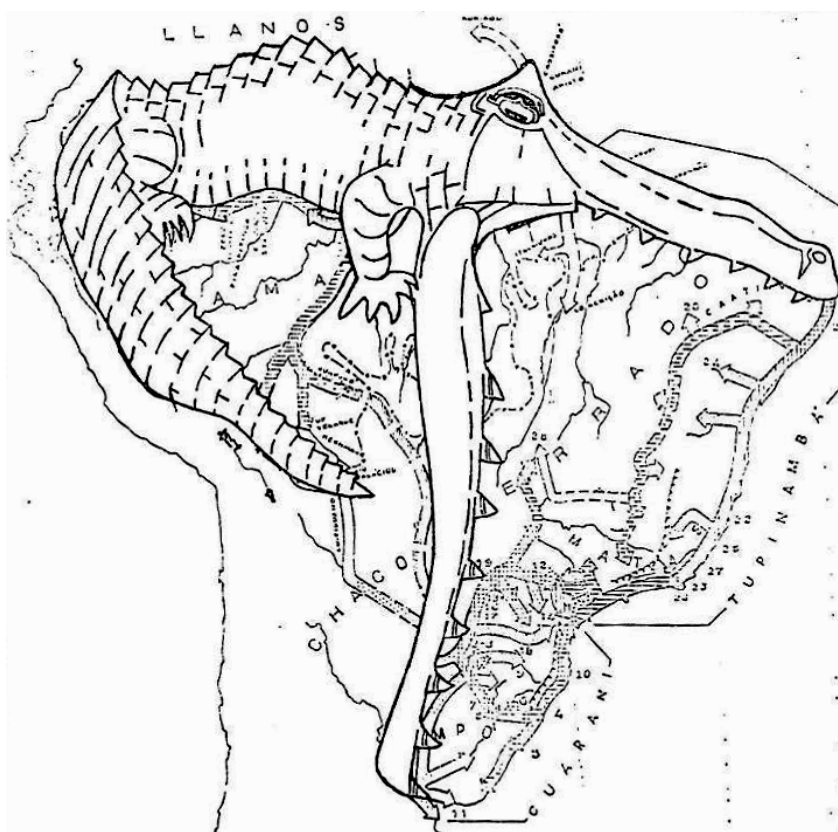


Figura 1: Modelo de expansão Tupí-Guaraní (Fonte: Brochado 1984: 561)

Para Brochado (1984; 1989: 73-76), os Tupí, de posse da cerâmica Guarita, teriam subido pelo rio Madeira até alcançar os seus formadores levando essa cerâmica que se

caracterizava por: tigelas com bordas extrovertidas e reforçadas; flanges labiais e mesiais, onde se concentrava a decoração; e aspectos decorativos como o modelado, inciso em linhas largas e o exciso. O contato com grupos da família linguística Pano na Amazônia meridional provocaram mudanças ocasionando a substituição de uma série de outros atributos que teriam dado origem à cerâmica dos *Guaraní* históricos, como: formas conoidal, infletida, independente e restringida, contorno infletido ou complexo, com bojo amplo; muitas dessas vasilhas eram corrugadas ou pintadas e utilizadas como urnas funerárias. A cerâmica Miracanguera, produzida pelos povos antepassados dos *Tupinambá*, teria alcançado seu maior desenvolvimento técnico-artístico na Ilha de Marajó (fase Marajoara), com formas de vasilhames complexos com tempero de cauxí e caraipé, vasos antropomórficos, bojo saliente, pescoço cilíndrico ou conoidal, usados como urnas funerárias. A pintura polícroma ainda se fez presente associada ou não a outras técnicas como incisão em linhas largas e finas, excisão, modelado em baixo e alto relevo. Os *Tupinambá* teriam se dispersado do baixo Amazonas no início ou um pouco antes da era cristã, pois em 500 DC teriam alcançado o nordeste e se dispersado ao longo da costa. Outros povos produtores da cerâmica Miracanguera (vasilhames antropomórficos, ou abertura ovalóides e quadrangulóides, bordas onduladas ou ameadas) teriam se espalhado pelo alto Amazonas. Estas manifestações são relacionadas aos *Omágua/Cocama* em torno do ano 1.000 DC.

Francisco Noelli, concordando com as hipóteses de Lathrap e Brochado, aponta algumas considerações sobre o modelo Tupí. Uma delas consiste em ampliar o centro de expansão “limitado ao norte pela margem direita do médio e baixo amazonas, a leste pelo Tocantins; a oeste pelas bacias do Madeira e baixo-médio Guaporé; ao sul, por uma linha que vai do médio Guaporé (paralelo 120°30’) até o Tocantins, próximo a foz do Araguaia” (Noelli 1996: 30). Os linguistas tem defendido uma área contrária ao modelo de Lathrap, pois advogam que a dispersão do tronco Tupí ocorreu “... onde ainda hoje está a maior concentração de famílias lingüísticas desse tronco, isto é, na área delimitada a oeste pelo alto rio Madeira e seu formador Guaporé e a leste por um dos afluentes direitos desse mesmo rio, como o alto Aripuanã”; desta mesma área também teriam se difundido os grupos da família Tupí-Guaraní (Rodrigues 2000: s/p). É nesta região que se concentra o maior número de famílias deste tronco linguístico segundo os estudos de Rodrigues e onde tem se projetado discussões linguísticas, arqueológicas e antropológicas sobre a etnogênese dos povos Tupí-Guaraní (Rodrigues 1964, Urban 1992, Heckenberger et al. 1998, Miller 2009, Neves 2012).

Os teóricos do modelo Tupí se incumbiram de combinar dados linguísticos, etnográficos, históricos e finalmente arqueológicos para justificar como se deram as movimentações dos Tupí-Guaraní. O avançado estado de sedentarismo ocasionou um crescimento demográfico e em consequência o fracionamento das aldeias, implicações que levaram esses grupos à expansão de outros territórios sem abandonar os antigos (Noelli 1996), em diferentes fluxos colonizando os principais rios amazônicos e seus tributários como requer o modelo “cardíaco” (Lathrap 1975 [1970], Brochado 1984, 1989). No entanto, devem ser consideradas as consequências dessa ação, conforme aponta Noelli (1996: 34) quando avalia que “a expansão deve ter sofrido resistência das populações que ocupavam as áreas pretendidas, implicando complexas relações interétnicas que deviam oscilar entre contatos amistosos e belicosos”.

Os pesquisadores do Projeto Amazônia Central (PAC) atestaram que os sítios com cerâmica da Tradição Barrancóide ocorrem até cerca de 900 DC, enquanto a Tradição Polícroma aparece subitamente na Amazônia Central após 900 DC, representada pela Subtradição Guarita (Heckenberger et al. 1998, Moraes 2006, Neves 2006, 2010, 2012). Os dados provenientes do PAC atualmente não corroboram a hipótese de Lathrap e Brochado no que se refere à antiguidade da cerâmica da Tradição Polícroma naquela área, contudo os arqueólogos têm defendido que esta originou-se dentro da Amazônia (Neves 2006, 2012). Deste modo, o PAC desconstruiu o modelo acima apresentado por Lathrap e Brochado, na medida em que Guarita não representa um desenvolvimento gradual das cerâmicas Barrancóide, assim como não é menos sofisticada que Miracanguera e, portanto não há razão para separá-las como dois fenômenos distintos (Heckenberger et al. 1998).

As pesquisas na Amazônia central identificaram uma sequência de ocupações associadas ao complexo Barrancóide, com diferentes manifestações cerâmicas do século V AC ao XII DC. Sítios com Terra Preta de Índio (TPI) começam a ocorrer a partir do século V DC, mas é durante as ocupações das fases Manacapuru e Paredão nos séculos VII e XII que se registram sítios com espessas e extensas camadas de TPI, sepultamentos, construções de montículos, aldeias com morfologia semicircular ou circular, indicativos de grande adensamento populacional e correlatos do aparecimento de chefias regionais (Neves 2006, 2010, 2012, Moraes 2006). Tais assentamentos foram substituídos pelo domínio de grupos portadores de uma cerâmica bastante elaborada da Subtradição Guarita, que surge a partir do século IX DC, provindos do rio Madeira e que dominaram o Amazonas central até o século

XVI, quando são descritos pelos primeiros viajantes como organizados em confederações (Neves 2010, 2012). A construção de valas defensivas no entorno de sítios com cerâmica Manacapuru e Paredão seriam evidências de que o encontro entre esses diferentes grupos foi marcado por conflitos (Moraes 2006, Neves 2012). Geralmente sítios entre os rios Negro e Solimões que possuíam estas estruturas defensivas foram reocupados por volta do século X DC pelos povos produtores da cerâmica Guarita (Neves 2010).

Outra evidência que se coloca contra o modelo Tupí, especificamente de Brochado (1984, 1989, Noelli 1996: 22-23), quando propõe que a cerâmica Marajoara seria correlata da cerâmica Tupinambá, provém da pesquisa de Schaan que contesta esta hipótese considerando que a cerâmica Marajoara é mais antiga e reúne características tecnológicas e estilísticas mais complexas que a da Tradição Polícroma da Amazônia. Schaan (2007a: 84-87) enumera uma série de elementos comparativos que distinguem a sociedade *Marajoara* da *Tupinambá* em termos socioculturais, políticos e econômicos, dentre os quais: o padrão de assentamento dessas populações; organização social; comportamentos territoriais; transformações na paisagem; profundidade temporal da ocupação; e variabilidade de técnicas decorativas da cerâmica. Neves (2012: 257) também concorda na diferença entre o registro arqueológico da cultura Marajoara e da Tradição Polícroma considerando que “nunca houve de fato uma expansão da tradição policroma pelo baixo Amazonas e estuário, o que eventualmente levará que se considere que a fase Marajoara foi um fenômeno local e híbrido da foz do Amazonas, tributário de diferentes complexos locais antigos”.

A fase Marajoara é ainda ilustrativa por estar vinculada a uma longa sequência cultural organizada em diferentes fases ceramistas, mas vista por Meggers e Evans como intrusiva na Amazônia. De acordo com Schaan (2007a: 78-79) as atribuições de fases podem esconder continuidades culturais e mudanças sociopolíticas, argumentado que muitas vezes este enfoque impede a análise de mudança cultural. A arqueóloga mostrou que a cultura Marajoara teria se desenvolvido como uma organização sociopolítica diferente com origem nas ocupações anteriores, mas que não representou uma nova população ou grupo étnico, de acordo com o que percebeu nas mudanças e continuidades estilísticas e iconográficas da cerâmica.

Lathrap (1975 [1970]) sugeriu que as áreas de várzea foram ambientes de aglutinação populacional, e que nas principais redes hidrográficas da Amazônia teriam se dado as disputas pelos recursos e por onde teriam se dispersado vários povos. Para Meggers (1987 [1971]), as

áreas de terra firme seriam caracterizadas por recursos dispersos, enquanto a várzea oscilaria entre períodos de abundância e escassez. Roosevelt (1992) defendeu que as áreas de várzea com ricos solos propiciaram sustentar numerosos grupos ribeirinhos, nestes ambientes a proteína animal, tanto aquática quanto de caça, seriam cobiçadas por estas sociedades, mas foi o cultivo intensivo do milho que proporcionou ocupações permanentes e o desenvolvimento de “sociedades complexas”, ou seja, àquelas que despontavam estratificação social, especialização de manufaturas, culto aos ancestrais, entre outras.

Pesquisas recentes contestam a dicotomia várzea e terra-firme a partir do estudo de ocupações humanas que levam em conta paisagens e espaços culturalmente construídos em áreas de terra firme (Heckenberger 2001, 2011, Schaán et al. 2007). Centenas de sítios arqueológicos na forma de recintos formados por valetas e muretas de diferentes formas geométricas (chamados geoglifos) foram identificados em áreas elevadas de interflúvio no sudoeste da Amazônia (Schaán et al. 2007, 2010). Os geoglifos são evidências de sociedades que estavam organizadas regionalmente entre 1000 AC e 1400 DC, mas a pouca ocorrência de cerâmica ou o seu descarte em refugo secundário no interior das valetas que formam os geoglifos indicam que mais provavelmente seria lugares de encontros sociais ou espaços cerimoniais, talvez por sociedades mais igualitárias com um sistema político-ideológico e religioso capaz de conduzir esses povos à construção de obras monumentais (Schaán et al. 2010, Saunaluoma & Schaán 2012).

Grupos com línguas muito distintas habitaram uma área da periferia meridional da Amazônia que compreende o alto Xingu a leste e as terras baixas da Bolívia a oeste; no âmbito desta diversidade linguística e cultural observa-se um bloco contínuo de grupos Arawak, representantes de uma antiga diáspora que partiu do noroeste amazônico e alcançou o alto rio Madeira, Acre, Peru, terras baixas da Bolívia e finalmente a região do alto rio Xingu, onde se encontram ocupações com formato circular (anelar) dotada da figura de uma praça central que se inicia por volta de 500 DC (Heckenberger 2001, 2011). Os povos Arawak compartilharam características culturais desde as Antilhas à periferia meridional amazônica, que demonstrariam a persistência de estruturas ou esquemas culturais duráveis como a cerâmica Barrancóide, sedentarismo, hierarquia e regionalidade (Heckenberger 2001).

Outros teóricos observaram a várzea como um importante elemento para compreender tipos de organização sociopolítica. Robert Carneiro (2007), partindo do fato de que a várzea Amazônica era superpovoada, conforme os relatos dos primeiros viajantes, sugere um modelo

para explicar as disparidades sociais e ascensão política de determinados grupos, que ele chamou de *teoria da circunscrição ambiental*. As pressões populacionais na várzea originadas pelo crescimento demográfico teriam ocasionado guerras e a consequente subjugação dos vencidos. Portanto, a pressão populacional e a ação bélica desencadearia a emergência de unidades com poder político centralizado que são diferentes das outras organizações amazônicas do presente etnográfico baseadas em aldeias autônomas, pois se distinguem por um agregado de aldeias controladas por um chefe. Os *cacicados* – como são conhecidos na literatura, controlariam os recursos que eram encontrados somente nas várzeas: as terras férteis e a abundante fauna aquática (Carneiro 2007). Neves (2012: 246-247) contesta a ideia de disputas por recursos proposta por Carneiro, utilizando como exemplo as evidências de conflitos na Amazônia central relacionadas à expansão de grupos produtores da cerâmica da Tradição Polícroma. Neste caso, estas sociedades nem sempre reocuparam o mesmo lugar dos vencidos, mas quando isso ocorreu, foram reocupações menores e em períodos mais curtos do que as antecessoras. Neves também propôs que a Amazônia deva ser vista do ponto de vista da abundância e não da escassez, “nesse quadro não faz mesmo o menor sentido se pensar em acumulação, obrigação ou compulsoriedade principalmente no longo prazo” (2012: 279), o que confere a plena autonomia das sociedades pré-coloniais amazônicas.

1.2. A arqueologia do alto rio Madeira

O rio Madeira é formado por rios que provém da cordilheira dos Andes: Mamoré e Beni, nestes deságuam os rios Guaporé e Madre de Díos, respectivamente. Possui 3.315 km de extensão desde a sua formação até a sua foz onde desagua no rio Amazonas, sendo o seu principal afluente. Os tributários do Madeira são rios extensos na maioria com aparência de águas claras ou pretas como o Aripuanã, Ji-paraná, Jamarí, Jaci-paraná, todos pela margem direita e Abunã pela esquerda (Goulding 1979). Desde sua nascente até a sua foz, comporta um circuito de ilhas que se formam e se desmancham ao longo dos anos. No decorrer das décadas ocorrem muitas modificações no curso deste rio, ocasionadas pela intensa dinâmica fluvial que provoca desmoronamento de barrancos nas margens. Entende-se como alto rio Madeira a região que abrange os seus tributários formadores (rios Mamoré, Guaporé, Beni e Madre de Díos), todo o trecho de cachoeiras e corredeiras, incluindo seus afluentes até a foz do rio Ji-paraná.

O alto rio Madeira é uma área que foi um importante ambiente de interações culturais, onde os estudos linguísticos apontam para um expressivo número de línguas indígenas e

pesquisas botânicas indicam manejos de plantas por estes grupos (Rodrigues 1964, Urban 1992, Clement 2006). A propósito deste passado, os trabalhos do arqueólogo Eurico Miller revelaram uma sequência cultural de ocupações que se iniciaram há pelo menos 9.000 anos, organizadas em fases e tradições para explicar os padrões de dispersão da cerâmica no tempo e no espaço.

Em Rondônia, Miller – instruído por Meggers –, deu início às primeiras pesquisas arqueológicas a partir de 1974 pelo PROPA e PRONAPABA. Outras atividades arqueológicas foram executadas pelo mesmo pesquisador: Programa Arqueológico de Rondônia da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo (SECET-RO); Projeto de Avaliação do Potencial Arqueológico na Área de Influência da Rodovia BR-429 (1986-87); Projeto de Avaliação do Potencial Arqueológico na Área de Abrangência da Usina Hidrelétrica de Jiparaná (1986-87); Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte – Usina de Samuel (1987-88); entre outras. Podem-se listar quatro áreas de Rondônia, onde essas pesquisas foram intensificadas (Figura 2).

Mapa do Estado de Rondônia

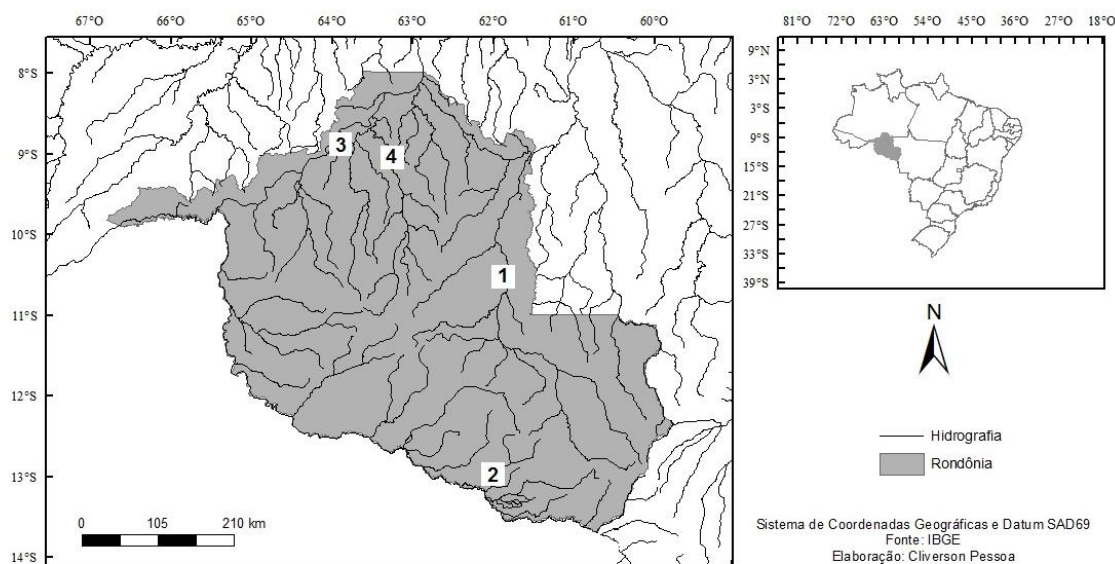


Figura 2: Principais áreas pesquisadas em Rondônia: 1) Alto rio Ji-paraná; 2) Médio rio Guaporé; 3) Alto rio Madeira; 4) Médio e baixo rio Jamarí.

1. 2. 1 Os primeiros grupos humanos

Há evidências de ocupações paleoindígenas (crânios fossilizados) e vestígios de caçadores-coletores em posse de lascas (quartzo, sílex e rochas graníticas) por percussão direta e micro lascamentos com prováveis indícios de uso, estimados pelo arqueólogo Eurico Miller entre 13.000 e 6.000 anos atrás, respectivamente (Miller 1987). Estes primeiros povos teriam habitado áreas junto às cachoeiras do rio Madeira.

As áreas de barrancos altos adjacentes ao rio Jamarí, eram ocupadas desde 6.300 e 5.900 anos AC por grupos caçadores-coletores e horticultores que dominavam uma indústria lítica elaborada, tendo sido encontrados raspadores, percutores e lascas sobre quartzo. Na mesma área, por vezes sobrepondo-se a essas ocupações, registraram-se outros vestígios de grupos humanos produtores de cultura material semelhante aos seus antecessores (com indústrias de raspadores, percutores e lascas) por volta de 4.100 e 3.200 anos AC (Miller et al. 1992).

Grupos que dominavam a indústria lítica também foram responsáveis pelas primeiras ocupações associadas à formação da TPI, que varia entre 45 e 80 cm de espessura, em áreas de barrancos altos adjacentes ao rio Jamarí e seus tributários entre 2.800 e 600 anos AC. A cultura material em posse desses grupos compreende lascas de quartzo, rapadores, pilões, mãos-de-pilão, percutores, moedores e pequenas lâminas de machado. Essas ocupações refere-se ao que Miller et al. (1992: 38) chamou de fase Massangana. Estes sítios representam uma das mais antigas manifestações de TPI que ocorre na Amazônia e sugerem que o manejo de plantas foi essencial na alimentação de alguns desses povos, como no caso da mandioca e da pupunha, que os estudos genéticos apontam que foram manipuladas na região sul-ocidental da Amazônia (Meggers & Miller 2006: 332, Clement 2006: 108-109).

1. 2. 2. Alto rio Ji-Paraná: As primeiras manifestações ceramistas associadas à Tradição Tupiguarani

A cerca de 20 km da sub-bacia do alto rio Ji-paraná, afluente do rio Madeira pela margem direita, o arqueólogo Carlos Zimpel Neto pesquisou o sítio arqueológico denominado Encontro. Ali foram encontradas antigas manifestações de povos ceramistas que continuaram utilizando o material lítico. Tais grupos, responsáveis por formações de TPI em terra firme, faziam uso de lascas, lâmina de machado, e possuíam cerâmica com tratamentos plásticos incisivos, roletados e corrugados, datados em 2.305 e 2.385 AC (Zimpel Neto 2009). Impossível não relacionar esta ocupação com os Tupí, cujo centro de origem estaria nessa área. Nessa

região, pesquisada anteriormente por Miller, há diversos sítios arqueológicos com ocupações atribuídas à Tradição Tupiguarani e outras não determinadas. Miller publicou um artigo onde constam duas datações de 3.100 e 2.280 anos AC para o sítio lito-cerâmico “proto-Tupiguarani” RO-JI-15: Urupá, localizado na foz do rio Urupá com o Ji-paraná, que segundo ele é a mesma área da tradição “proto-Tupiguarani” arqueológica que confirma a hipótese de Rodrigues (1964) para a origem do “proto-Tupí” no sudoeste amazônico (Miller 2009:99-100)³.

Nesta mesma região do rio Ji-paraná, há mais evidências ceramistas. Seis sítios (Terra Queimada, Nova Arizona, Carreador, Encontro, Ministro e Cacoal) que foram analisados pelo arqueólogo Daniel Cruz (2008), tiveram seus dados confrontados com os modelos linguísticos Tupí relacionados a essa área. De acordo com o pesquisador, a cerâmica é morfologicamente semelhante a dos grupos da família Tupí-Guaraní, mas o tempero é somente mineral e o tratamento plástico consiste em corrugado, roletado, inciso e pouca pintura/engobo. Para Cruz, as ocupações amazônicas relacionadas às cerâmicas da Tradição Tupiguarani não podem ser unicamente associadas à família linguística Tupí-Guaraní, mas sua conclusão é de que as cerâmicas pesquisadas no Ji-paraná podem ser entendidas como correlatos “proto-Tupiguarani”.

As mesmas datas do sítio Encontro apresentadas por Zimpel Neto (2009), foram primeiramente publicadas por Cruz (2008), que interpretou os remanescentes estudados como uma ocupação por grupos Tupí independentes sem muitos contatos. Argumentou que haveria necessidade de mais datas para validar a hipótese Tupí, o que Miller (2009) fez um ano depois. O sítio Terra Queimada obteve três datações radiocarbônicas para uma estrutura que ocorreu até 3 m de profundidade, situando esta ocupação entre 770 a 1.040 DC, mas que levou o arqueólogo a ter cautela na interpretação, pois indicava que a estrutura foi reutilizada (Cruz 2008).

Numa extensa área que engloba o baixo e médio rio Roosevelt e seus afluentes, Miller (2009) pesquisou 15 sítios-habitação com TPI, dos quais sete são “proto-Tupiguarani”. Escavou urnas funerárias com tratamentos corrugados (Figura 3) e as atribuiu aos *Kawahib*, que em dispersão teriam descido o rio Roosevelt em torno do século VIII DC. Dois sítios

³ Na área do alto rio Ji-paraná, Miller (2009) menciona que identificou mais de uma centena de sítios arqueológicos muitos dos quais possuíam TPI e cerâmica pintada, corrugada, e outros tratamentos plásticos.

arqueológicos estavam localizados no rio Marmelos próximos do posto dos índios *Tenharim* (Kawahíb). O arqueólogo relata que naquela pesquisa de 1983 o “tuxaua local, sem ser induzido ou inquirido, afirmou ser de seus antepassados Tenharim” (Miller 2009:48).

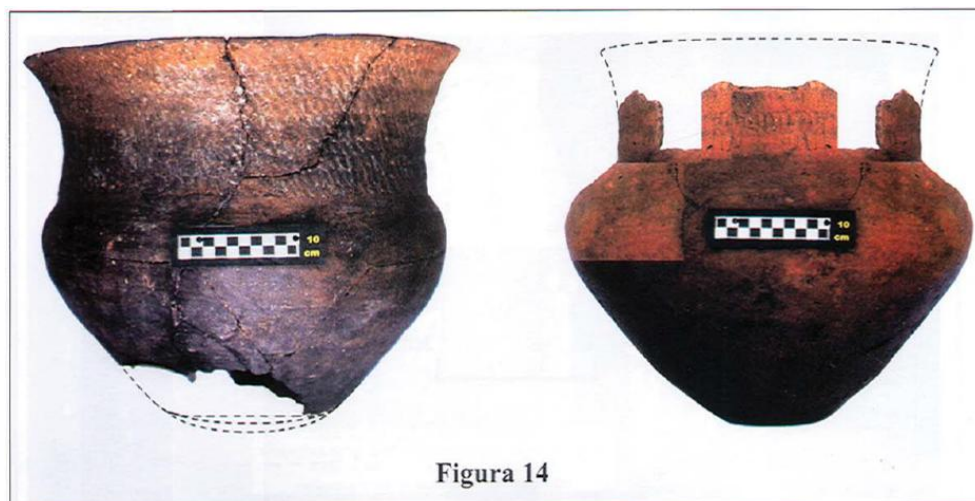


Figura 14

Figura 3: Urnas funerárias encontradas emborcadas, alto Ji-paraná – MT/AM (Fonte: Miller 2009: 127)

São interessantes os resultados dessas pesquisas no alto Ji-paraná, pois demonstram como os primeiros grupos Tupí ocuparam o espaço físico. Ocorrem pequenas ocupações unicomponeciais (tamanhos dos sítios: Terra Queimada 1,8 ha; Nova Arizona 9,6 ha; Carreador 2,1 ha; Encontro 1,3 ha; Ministro 3,3 ha; Cacoal 2,7 ha)⁴, indicando que esses grupos ceramistas optaram por ocupar locais longe de grandes cursos d’água, mas próximos de igarapés e riachos (Cruz 2008, Zimpel Neto 2009). Exceção é feita ao sítio Cacoal, que é delimitado pelo rio Piarara, afluente do rio Ji-paraná.

Miller (2009: 49-64) analisou a cerâmica de seis sítios arqueológicos (RO-JI-15: Urupá; RO-JI-16: Abril; RO-JI-17: Nova Vida; RO-JI-23: Ipiranga; RO-JI-26: Brigada; RO-JI-28: Escola), todos sem TPI, com camadas arqueológicas que variam entre 25 e 65 cm de espessura, e possuem tamanhos que variam entre 120 x 150 m a 280 x 360 m, com eixo maior paralelo ao rio, relacionados aos povos que habitaram ao longo do rio Ji-paraná (a menos de 300 m de distância de cada sítio). O conjunto cerâmico “proto-Tupiguarani” analisado foi denominado *Ipitaba*, com 6.399 fragmentos; morfologicamente, os vasilhames se caracterizam por tigelas em meia calota e meia esfera; vasos esféricos, cônicos, carenados e

⁴ Conversão feita de metros para hectare a partir das informações em Cruz (2008) e Zimpel Neto (2009).

assadores; bases plana, cônica, convexa e em pedestal. A pintura foi aplicada em tigelas principalmente na porção interna, enquanto nos vasos na externa; geralmente unicolor em branco ou preto e raramente aparece pintura vermelha sobre branco e branco sobre vermelho; em motivos em linhas retas, áreas losangulares, quadrangulares e retangulares, faixas em zig-zag e triângulos. O tratamento plástico está presente majoritariamente na superfície externa: corrugado no bojo, ombro e borda; unglado no bojo, borda e lábio; e em número muito inferior ocorrem incisos em linhas paralelas e formando triângulos concêntricos; serrungulado nas bordas; roletados; e ponteados horizontais nas bordas, lábios ou ombros.

1. 2. 3. Médio rio Guaporé: Os ceramistas das fases Corumbiara e Pimenteira

Nas planícies aluviais do pantanal do Guaporé, povos ceramistas produziram sambaquis entre 1.970 a 1.630 AC onde são encontradas vasilhas com bordas zoomorfas e antropomorfas, cachimbos de cerâmica e pontas-de-projétil ósseas. Miller afirma que estes grupos praticaram agricultura e exploraram a proteína de moluscos gastrópodes lacustres (Miller 1999: 335).

Outras ocupações ceramistas mais recentes foram evidenciadas no médio Guaporé entre os estados de Rondônia e Mato Grosso. O estudo que resultou na dissertação de Miller em 1983, teve como investigação duas fases ceramistas: Corumbiara (900 – 1.758 DC) e Pimenteira (900 – 1.878 DC), a primeira atribuída à família Tuparí de língua Guarategaya, e a segunda, à família Tupí-Guaraní de língua Pauserna (ou Guarasu). Além da área geográfica, a posição cronológica e a associação ao tronco linguístico Tupí, as duas fases têm em comum vários atributos que possibilitaram classificá-las como pertencentes à Tradição cerâmica Incisa e Ponteadas (Miller 2007). Miller conduziu os resultados de acordo com seus próprios interesses descartando datas antigas para as fases Corumbiara e Pimenteira, situando sua origem em um período posterior que ele considera ter potencial agroclimático⁵.

Os povos produtores da cerâmica Corumbiara e Pimenteira habitaram áreas de terrenos elevados onde produziram TPI, tanto nas margens do médio e baixo rio Guaporé quanto no baixo curso dos seus afluentes. A distribuição de fragmentos cerâmicos em áreas arredondadas (6x11 m e 9x30 m) sugerem que suas residências tinham formas alongadas, elas eram cercadas por valas e muros de terra, estruturas que são cada vez mais recorrentes no sudoeste Amazônico (Schaan et al. 2007, 2010), representando trincheiras defensivas e por

⁵ Para uma revisão destas fases, ver Almeida (2013: 113-115).

não apresentar sobreposição de outras ocupações, reforçam a ideia de estabilidade durante a história desses grupos (Miller 2007: 142, 183). Evidências de conflitos também foram identificadas entre povos canoieiros produtores da cerâmica Capão do Canga (800-1300 DC) no alto Guaporé (Erig Lima 2012).

Em sua pesquisa no rio Guaporé, Miller (2007) analisou 13.023 fragmentos cerâmicos. As vasilhas possuíam os seguintes acabamentos: inciso, ponteadado, modelado, filetado, apêndices, apliques zoo e antropomorfos, banho vermelho e por vezes pintura policroma. Além das vasilhas, outros objetos cerâmicos compunham a coleção: rodela de fuso, estatuetas, torneadores e discos. Os artefatos líticos são compostos de lâminas de machado, trituradores com depressão polida e picoteada, percutores, polidores e lascas.

Miller (2007) argumentou que grupos da família linguística Tupí-Guaraní presentes no rio Guaporé migraram de alguma parte da “terra-natal” baseado em dados glotocronológicos e na antiguidade da cerâmica Tupí do litoral e sul brasileiro. Esta hipótese era contrária à proposta de reconstrução histórica das migrações Tupí-Guaraní de Alfred Métraux (1927), que defendia uma movimentação do Paraguai para o rio Guaporé. O linguista Henri Ramirez (2006), ao analisar os dois argumentos, contestou a hipótese de Miller e garantiu a de Métraux, constatando que não havia diferenças linguísticas entre os *Guarayo* do Paraguai e os *Paucerne* do Guaporé (semelhantes até mesmo nos empréstimos linguísticos Arawak), sugerindo que as cerâmicas dos *Paucerne* não deveriam ser comparadas com as do Paraguai, mas sim com aquelas dos grupos de língua Arawak e Chapacura. Posteriormente, o mesmo linguista concordaria com a hipótese de Miller, argumentando que só os *Guarayo* possuem influências Arawak (Ramirez 2010: 27).

Diversas vasilhas cerâmicas inteiras coletadas por Miller no rio Guaporé estão depositadas no Museu Estadual de Rondônia. No entanto, os vasilhames com tamanhos maiores, utilizados como ilustrações comparativas por Miller e atribuídos à cultura Corumbiara, foram coletados pelo médico e etnólogo Ary Tupinambá Penna Pinheiro, durante expedição às minas de Urucumacua em 1941-43 pelo rio Guaporé e seus afluentes. Recentemente, houve uma intervenção neste museu a partir de uma parceria entre a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Rondônia (SECEL) e a Scientia Consultoria Científica, por meio do *Projeto de Curadoria e Organização dos Acervos Paleontológico, Pré-histórico, Histórico e Etnográfico do Museu Estadual de Rondônia*. Na falta de um livro tomo, é possível encontrar a proveniência destas vasilhas em jornais locais com notícias das

décadas de 1960-80. Documenta-se que tais vasilhas são da localidade de Pedras Negras e foram escavadas por Ary Pinheiro junto com os índios *Massaká*. O etnólogo atribuiu esses vasilhames aos “degenerados” Arawak provindos da Ilha de Marajó e do rio Tapajós (Pessoa 2012). Uma representação fiel de que seriam de tais povos consiste em uma cerâmica antropomorfa encontrada dentro de uma urna funerária que simbolizaria o chefe dos Arawak, denominado “chefe barriga d’água” (Figura 4).



Figura 4: Cerâmica com representação antropomorfa encontrada no interior de urna funerária em Pedras Negras, Guaporé (Fonte: Pessoa 2012).

De forma meramente especulativa, chamam atenção as dimensões dos vasilhames, que comportam um grande volume líquido, e possivelmente foram utilizados pelos povos do Guaporé no cozimento e armazenamento de alimentos, para posteriormente pertencerem às atividades funerárias, utilizados como urnas mortuárias. Nesse museu, duas vasilhas se diferenciam das demais por apresentarem pintura vermelha sobre a superfície externa; são semelhantes nas formas e nos elementos iconográficos aos vasos que o etnólogo Erland Nordenskiöld (1920: 159, 161-162) encontrou entre os *Chiriguano*, índios que falam a língua Guaraní no chaco boliviano e que tem uma relação histórica com os índios *Chané*, que são Arawak guaranizados.

1. 2. 4. Rio Madeira: Os povos da cultura Jatuarana e outras manifestações ceramistas

Ary Pinheiro não foi o único a atribuir uma difusão dos povos produtores da sofisticada cerâmica do baixo Amazonas em direção ao rio Guaporé; o padre Vitor Hugo aponta a mesma origem para a cerâmica encontrada no rio Madeira:

Até mesmo as grandes manifestações da primitiva cerâmica sul-americana, com finas tangas delicadamente coloradas, vasos ornamentados com motivos geométricos, marcando o apogeu duma cultura que saíra de mãos femininas em Santarém e Marajó, foram terminar ou desaparecer, deixando levíssimos rastros nas florestas da Rondônia (Hugo 1959 v. I:40).

No rio Madeira, entre as últimas cachoeiras (Teotônio, Macacos e Santo Antônio) até um de seus afluentes pela margem direita, o rio Marmelos, ocorrem manifestações de povos ceramistas vinculados à Subtradição Jatuarana da Tradição Polícroma, composta por 32 sítios lito-cerâmicos, sendo 31 sítios-habitação associados à TPI e um sítio cemitério com urnas policromas antropomórficas (Miller 1987, 1992). Estes grupos ocuparam os interflúvios de terra-firme, próximos de igarapés, lagos e igapós que deságuam no rio Madeira com padrões de assentamento elipsoidal e retangular, variando o tamanho dos sítios entre 90 x 160 m e 80 x 2.100 m.

Os vestígios artefatuais dessa sociedade, de acordo com Miller (Miller 1987, 1992, 1999), possuem ampla variabilidade. O material cerâmico é composto por tigelas, bijuzeiros (assadores), vasos globulares e carenados. A decoração plástica aplicada nas vasilhas cerâmicas é muito ampla, ocorrendo exciso, inciso, ponteadado, ponteadado-arrastado, ungulado, serrungulado, acanalado, estampado, carimbado, apliques zoomórficos e antropomórficos, flanges, alças e asas. A decoração policroma consiste de um prévio engobo branco, sobre o qual são aplicadas as cores preta, marrom, amarelo, laranja, vermelho e magenta, em desenhos geométrico-zoo-antropomórficos. O antiplástico combina caraipé ou cauxí com carvão e areia fina. O material lítico é composto por lâminas de machado polidas, pilões e mós, percutores de seixos, contas de colares cilíndricas e ovoides. Ocorre também oficina lítica com afiadores de lâmina de machado, calibragem e polimento. Estas oficinas líticas estão associadas aos grandes blocos graníticos que ocorrem especialmente nas cachoeiras.

Esses grupos teriam ocupado essa área desde 780 e 390 anos AC (2.730±75 BP RO-JP-1: Teotônio; e 2.340±90 BP RO-PV-19: Igapó-1) e sua ocupação teria se prolongado até o período colonial em 1.723 DC (Miller 1987: 17, 1999: 336). No entanto, não são apresentadas datações que comprovem esta extensa ocupação no alto rio Madeira, que segundo Miller (2013: 347) encerrou-se no período histórico. Conforme se verá adiante, estas datações são contestadas por pesquisas recentes. De qualquer forma, a antiguidade da Tradição Polícroma no alto rio Madeira, que segundo alguns modelos apontam para um vínculo Tupí, chamou a atenção dos arqueólogos.

O único sítio cemitério (AM-MC-21: Monense) possuía dez urnas funerárias antropomórficas policrômicas, dispostas de forma linear (lado a lado), cujo interior possuía ossos humanos e de animais cremados parcialmente, com uma datação de 1.405 DC (Miller 1987: 16). Localizado no médio rio Madeira, observa-se que este sítio é composto apenas pelas urnas funerárias, sem qualquer vestígio de TPI e habitação, o sítio habitação mais próximo, segundo Miller, encontrava-se a 3 km de distância.

Outra característica que se refere a estes sítios é a presença de TPI, cujo registro, uma vez reconhecido no espaço, “pode ser visto como um marcador de mudança nas relações sociais e econômicas: as sociedades que ocuparam eram mais sedentárias, tinham menos mobilidade e talvez fossem mais territoriais que suas antecessoras” (Neves 2006: 54). Embora a gênese da TPI seja controvertida, o seu aparecimento no registro arqueológico está diretamente associado a processos de mudanças culturais e o uso intensivo do espaço (Rebellato et al. 2009). Miller garante que é no trecho encachoeirado do rio Madeira, de Guajará-Mirim à Santo Antônio, que se encontram “as terras ‘morenas’ mais intensas espessas e extensas” (1978: 10). É também nas margens das cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio que os sítios da Subtradição Jatuarana atingem até 680 m e 1.100 m de comprimento, com camadas de TPI que alcançam até 2,40 m de espessura. Miller reconhece que é nesse espaço que se concentram proteínas aquáticas em virtude dos obstáculos causados pelas cachoeiras, assim como concorda que a calha do rio Madeira é fertilizada anualmente permitindo um ambiente propício para agricultura com condições favoráveis para uma residência estável e sedentária. No entanto, justifica que neste lugar não ocorreram “culturas complexas”, mas reocupações que estavam no máximo providas de “sedentarismo rudimentar” – para justificar a incapacidade econômica destes grupos como demanda o modelo de Meggers e Evans (Miller 1992, 1999).

Partindo de uma visão adaptativa baseada nas relações homem *versus* natureza (dependência de grupos humanos quanto às limitações ambientais), Miller concluiu que sítios-habituação da Subtradição Jatuarana mais intensamente reocupados e mais complexos situaram-se nas cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio devido à concentração de peixes e de tartarugas nas estiagens, mas que esses povos migravam para as águas brancas e claras durante as cheias (Miller 1992: 228). A ausência dessas concentrações de proteína aquática implicaria na inexistência de sítios-habituação em algumas partes do alto rio Madeira e limitaria o território da Subtradição Jatuarana. Mas recentemente Miller reconheceu a amplitude das manifestações Jatuarana:

Este complexo cultural retrata o rio Madeira em toda a sua extensão, rio Madeira abaixo e rio Madeira acima, ultrapassando a confluência do rio Beni e galgando as corredeiras de montante já no baixo Mamoré até a cidade de Guajará-Mirim, m.d. com o sítio policromo RO-GM-10, também nas ilhas algumas também com arte rupestre e cemitérios (Miller 2013: 346).

Apesar de uma distribuição ampla, os sítios da cultura Jatuarana identificados por Miller concentram-se em duas áreas do alto rio Madeira: entre a cachoeira do Teotônio e Santo Antônio; e o Lago do Cuniã (Figura 5).

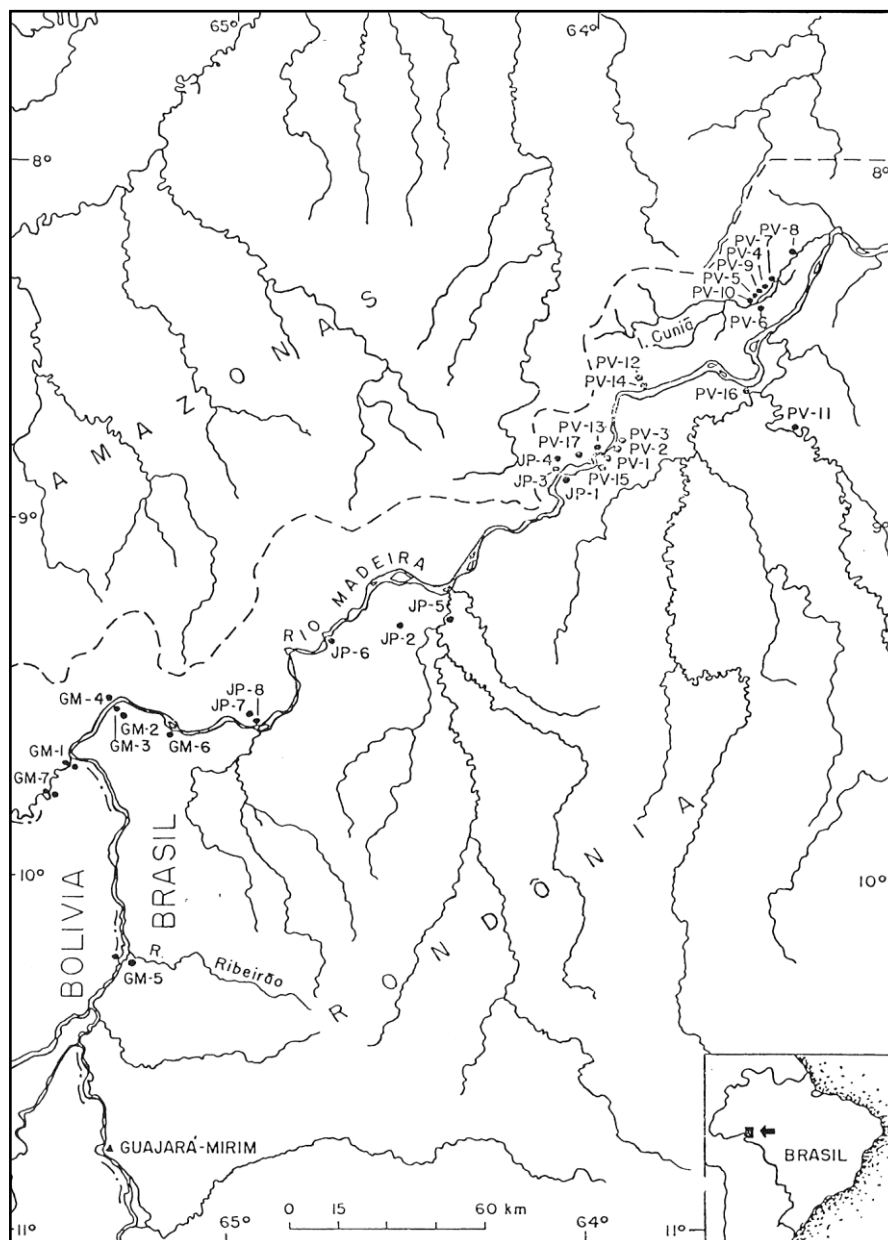


Figura 5: Localização dos sítios arqueológicos do alto rio Madeira identificados em 1978 (Fonte: Miller 1978).

Entre os meses de junho e outubro o rio Madeira apresenta um período de estiagem e de novembro a maio ocorrem as cheias. Sabe-se que durante o período de estiagem é muito rentável a pesca, caça e coleta no rio Madeira, como foi proposto por Miller (1999: 337): “a fauna aquática é variadíssima e abundantíssima; concentrada na estiagem, dispersa e seletiva nas cheias, quando ocorrem significativos deslocamentos de cardumes, rio acima, ao longo dos diques marginais das cachoeiras e corredeiras”.

O naturalista Michel Goulding realizou um estudo sobre a pesca no rio Madeira durante a década de 1970 e fornece informações sobre os métodos de pesca em diferentes

lugares do rio, bem como as espécies que são capturadas durante os dois períodos: estiagem e cheia (Goulding 1979). Apesar da cheia ser um período classificado como menos rentável para a pesca, pode-se demonstrar brevemente como a ecologia da pesca colabora para o entendimento do proveito de recursos aquáticos para quem ocupou e ocupa essa área.

Goulding diferencia a pesca nas cachoeiras de outras partes do rio que não possuem esses obstáculos. Do mesmo modo, as últimas cachoeiras, Santo Antônio, Macacos e Teotônio, oferecem uma barreira real à migração de peixes que desejam subir o rio para a desova; esta barreira é mais acentuada em Teotônio, onde os peixes se concentram e se tornam mais vulneráveis para exploração. Um dado que vale ser lembrado é que esta área (Santo Antônio a Teotônio) compreende nove sítios arqueológicos da Subtradição Jatuarana (Miller 1978). Numa descrição das passagens de bagres no período das cheias na cachoeira do Teotônio, Goulding enfatiza que “a maior parte dos peixes que passam parecem conseguir isso através das correntezas laterais de menor intensidade e esta é a única operação de pesca em escala significativa do rio Madeira durante o período da cheia” (1979:47). Nesta mesma cachoeira é registrado que a exploração de bagres era feita por *pesca de fisgas*; entre as cachoeiras de Teotônio e Santo Antônio, empregava-se a técnica de *caçoeira* com eficiência na captura de cardumes de dourada e babão que tentavam migrar rio acima na cheia; a *grozeira* e o *espinhel* eram métodos mais simples de pesca, sendo o espinhel mais utilizado nas cachoeiras (Goulding 1979).

Outras informações da pesca são das áreas que durante as cheias tornam-se *florestas inundadas*. Há uma área específica que nos interessa que comporta este tipo de ambiente, a floresta da várzea do Cuniã. Nessa área alagada que fica a cerca de 120 km à jusante da cachoeira de Santo Antônio foram registrados sete sítios arqueológicos associados à Subtradição Jatuarana (Miller 1978). Nesses ambientes de floresta inundada, muitos peixes, especialmente jatuarana, tambaqui e pacu, são os mais pescados nos igapós porque migram para estas áreas em busca de frutos que caem das árvores para dentro das águas sendo pescados facilmente com caniço ou espinhel (Goulding 1979).

É inegável que a pesca durante a cheia não é tão rentável quanto na estiagem, embora seja mais produtiva do que se imagina. Mas pode-se afirmar que as sociedades que habitaram as margens do rio Madeira por tanto tempo, como os ceramistas, não foram capazes de criar mecanismos para se sustentarem continuamente? Outros autores (Morán 1990) explicam que se as populações aperfeiçoaram os conhecimentos das flutuações na várzea, continuaram

ocupando os mesmos lugares (cabeceiras dos rios, restingas e margens dos lagos). Chegando a um íntimo conhecimento das flutuações das águas sem precisar se deslocar, estes grupos que habitaram as várzeas eram capazes de armazenar alguma reserva para se abastecer. A criativa capacidade indígena surge como reação ao ambiente, novas perspectivas mostram que são cada vez mais recorrentes evidências de técnicas de manejo para capturar a fauna aquática na Amazônia pré-colonial (Erickson 2000, Schaan 2007b, 2008). Pode-se concluir que os sítios arqueológicos com extensas áreas de TPI e alta quantidade cerâmica posicionados em lugares que são rentáveis tanto na estiagem quanto na cheia, como as ocupações Jatuarana no rio Madeira, são importantes indicativos de assentamentos permanentes.

O registro arqueológico do alto rio Madeira não se limita à Subtradição Jatuarana, outras ocupações nas cachoeiras bem como nos afluentes do rio Madeira foram registradas por Miller, um quadro que demonstra o potencial arqueológico da região. Nas cachoeiras de Ribeirão, Pederneira, Paredão e Três Irmãos, outros grupos foram responsáveis pela composição de gravuras rupestres em oito sítios arqueológicos do rio Madeira. Ocuparam estas áreas a partir de um padrão elipsoidal com dimensões entre 80 x 170 a 120 x 280 m sobre TPI que varia a camada entre 45 a 75 cm de espessura. Estes povos produziram uma cerâmica totalmente distinta a dos grupos da cultura Jatuarana, composta por tigelas e vasos globulares de fundo arredondado ou de gargalo, pouco decoradas, com presença de incisões em motivos curvilíneos e antiplástico mineral (Miller 1987).

Entre as cachoeiras de Morrinhos e Caldeirão do Inferno corre o rio Jaci-paraná, afluente da margem direita do rio Madeira. No baixo curso deste rio grupos produtores de cerâmicas desprovidas de decoração, com antiplástico de caraipé, na forma de tigelas, vasos globulares e carenados, foram classificadas como fase Jaciparaná, a partir de dois sítios, cujas formas de ocupação são elipsoides e possuem estrato arqueológico variando de 35 a 40 cm, com dimensões entre 60 x 120 m e 80 x 200 m (Miller 1987).

No rio Jamarí, populações ceramistas manifestaram-se a partir de 550 AC e suas ocupações prolongaram-se até 1.720 DC em áreas sobre barrancos altos próximos do rio ou igapós (Miller et al., 1992). A partir da amostragem de 75 sítios com padrões de habitação circulares e elipsoidais que variam entre 80 x 300 m a 550 x 210 m associados à TPI que atinge até 90 cm de espessura, Miller definiu quatro fases cerâmicas dentro do que ele chamou de Tradição Jamarí: Urucuri, Jamarí, Cupuí e Matapi (Miller et al. 1992, Meggers & Miller 2006). Embora estas fases sejam de longa duração, muitas vezes sobrepostas umas às

outras, elas foram diferenciadas apenas pelas variações do antiplástico e por alguns elementos de tratamento de superfície, não sendo considerados como diagnósticos outros atributos da cerâmica, ou a forma de assentamento e a inserção destes sítios na paisagem. Apesar disso, tanto as fases pré-cerâmicas Pacatuba e Massangana quanto a Tradição cerâmica Jamarí foram consideradas manifestações dos grupos Tupí da família linguística Arikém (Miller 2009, 2013). Esses índios foram contatados no início do século XX pela comissão de linhas telegráficas nas imediações do rio Jamarí. Miller entende que os falantes da língua Arikém, hoje representados apenas pelos índios *Karitiana*, estiveram durante estes seis mil anos na mesma área geográfica.

Novas pesquisas arqueológicas estão mudando o quadro apresentado por Miller. Alunos da Universidade de São Paulo (USP) realizaram levantamentos e escavações na área do rio Madeira e seus principais afluentes a partir do PAC e do Projeto Alto Madeira (PALMA) coordenados pelo professor Eduardo Neves. Entre a foz do rio Jaci-paraná e a Cachoeira de Santo Antônio no rio Madeira, 43 sítios pré-históricos foram identificados pelo projeto *Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do UHE Santo Antônio, RO*, associado à construção da Hidrelétrica de Santo Antônio, sob coordenação do arqueólogo Renato Kipnis pela empresa Scientia Consultoria Científica (Scientia 2008). Outras dezenas de sítios têm sido investigados a montante, entre o distrito de Abunã e a foz do rio Jaci-paraná, em virtude da construção da Usina Hidrelétrica Jirau, coordenado pela arqueóloga Erika Robrahn-González pela empresa Documento Patrimônio Cultural (Moutinho & Robrahn-González 2010).

Moraes (2013) realizou levantamentos arqueológicos e evidenciou sítios nos rios Amazonas e Madeira com diferentes manifestações ceramistas. No médio e baixo rio Madeira ocorrem pelo menos duas ocupações distintas: uma associada à cerâmica da Tradição Polícroma e outra classificada como fase Axinim, que congrega atributos comuns das Tradições Incisa e Ponteadas, Borda Incisa e Hachurado-Zonado. Em uma releitura dos dados produzidos pelos arqueólogos Mario Simões e Eurico Miller durante as atividades do PRONAPABA, Moraes identifica a recorrência de urnas funerárias com representações antropomorfas na cerâmica da Tradição Polícroma dessa área. Essas expressões teriam sua ocorrência marcada por um fenômeno relativamente recente, pois a Tradição Polícroma representada pelas fases Pupunha e Manicoré no médio e baixo rio Madeira teria as seguintes datas: 1.105 DC (AM-MC-2: Banheiro); 1.195 DC (AM-MC-31: Mondego); 1.325 DC (AM-

MC-1: Crato); e 1.405 DC (AM-MC-21: Monense). Ou seja, os povos portadores da cerâmica policroma teriam ocupado esta área do século XII ao XV DC. Moraes apresenta datas ainda mais recentes para os grupos produtores desta cerâmica – séculos XIII e XVII DC (Moraes 2013) –, confirma-se a proposição de que tais povos teriam ocupado essa área até o período histórico (Miller 1987).

No início do século VIII DC começou a ser ocupado o sítio Vila Gomes, localizado na margem esquerda do baixo rio Madeira. Por volta do século X foi construída uma vala defensiva com mais de 1 km de extensão para proteger uma área de 40 hectares deste sítio. A ocupação do sítio Vila Gomes perdurou até o século XII, restando evidências de TPI da intensa ocupação por grupos que estavam em posse de uma cerâmica atribuída à fase Axinim que tem características comuns com a fase Paredão (Moraes 2013). Tal evidência levou os arqueólogos a concluírem que os conflitos foram ocasionados pelo aparecimento de grupos produtores da cerâmica da Tradição Polícroma que surgem no registro arqueológico do baixo rio Madeira no século XII DC (Neves 2012, Moraes & Neves 2012). Outra vala também foi encontrada no sítio Borba naquela mesma área (Moraes 2013).

A hipótese de Moraes & Neves (2012: 131), seguindo o roteiro histórico-cultural de Lathrap (1970) e Brochado (1984, 1989), dão conta de que as ocupações relacionadas à Tradição Polícroma a partir do segundo milênio DC sejam manifestações de grupos Tupí-Guaraní que se expandiram do alto rio Madeira pela Amazônia ocidental hostilizando grupos não Tupí responsáveis pela construção de estruturas defensivas e produtores da cerâmica Axinim no baixo rio Madeira e Paredão na Amazônia central.

Conforme Moraes (2013), o cenário do baixo rio Madeira no ano 1.000 é de invasão da zona-tampão (*buffer zone*) que resguardava os dois lados de um conflito, mas que devido à expansão dos grupos em posse da cerâmica policroma e mesmo com o recuo das ocupações Axinim para manter a estabilidade política, resultaram em conflitos no baixo rio Madeira e Amazônia central concomitantemente. Moraes ainda aponta que pesquisas futuras poderão responder se alguns povos do baixo rio Amazonas seriam os antepassados destes grupos que teriam sido hostilizados, assinalando a possibilidade de uma via de fuga dos grupos produtores da cerâmica Axinim e Paredão.

É possível que esse comportamento bélico de alguns desses povos possa ter permanecido até o período histórico, notadamente quando se sugere que os produtores da cerâmica da Tradição Polícroma são os ancestrais dos *Omágua/Cocama*, ou seja, grupos Tupí

que estavam organizados em confederações para combater inimigos comuns observados pelos primeiros cronistas (Neves 2010, Moraes & Neves 2012, Moraes 2013). Essa conclusão arqueológica possui ligação com os estudos linguísticos referentes aos *Omágua/Cocama* que apontam o surgimento dessa língua originada por muitos contatos no passado provenientes de pelo menos grupos Tupí e Arawak, e apesar de possuir um vocabulário que em parte é Tupí-Guaraní a sua gramática não pertence a essa ramificação (Cabral & Rodrigues 2003).

Porro (1992: 182) considera a deformação craniana dos *Omágua* de origem andina-peruana, trazida em período tardio, talvez por volta do século XVI. Souza (1994) diferencia a deformação craniana do tipo anular (por pressão de bandagens ao redor do crânio) vista nos *Karitiana* e a do tipo tabular observada entre os *Omágua/Cocama*, mas a prática dos *Karitiana* parece ser igualmente recente e possivelmente proveniente da zona andina-boliviana, onde alguns índios dessa região apresenta o mesmo tipo de deformação craniana. Almeida (2013: 317) acredita em uma conexão entre o alto Madeira e o alto Amazonas, onde a prática da deformação craniana dos *Karitiana* e *Omágua* seria uma das evidências dessa relação, e defende que arqueologicamente essa correspondência longínqua resultou em empréstimos entre Tupí e Arawak no passado de onde derivou a língua dos *Omágua*.

Almeida identificou oito sítios arqueológicos à jusante das últimas cachoeiras do alto rio Madeira e rio Jamarí, onde empreendeu o estudo de cinco desses sítios. O sítio Nova Vida (3,4 ha) situado na margem direita do rio Madeira à montante da foz do rio Jamarí, próximo de um lago que se supõe ser um meandro abandonado do rio Madeira, apresentou uma cerâmica bastante fragmentada e erodida com antiplástico de caraipé e que a única decoração vista restringiu-se a cinco fragmentos com incisões irregulares, associada a solo escuro. Uma datação situa esta ocupação no século 200 DC representando uma das ocupações ceramistas mais antigas do rio Madeira (Almeida 2013).

Os grupos que ocuparam os sítios Associação Calderita (2,5 ha), margem direita do baixo rio Jamarí próximo à foz do rio Candeias, e Itapirema (20 ha), margem esquerda do rio Madeira na foz do rio Jamarí, foram interpretados por Almeida (2013) como povos produtores da cerâmica Jatuarana; ambos os sítios possuem TPI e montículos onde se concentra o material cerâmico. A análise cerâmica do sítio Associação Calderita e as datações apontam para duas ocupações: 1.100 e 1.350 DC, a segunda contemporânea à ocupação do sítio Itapirema em 1.300 DC. Embora sejam de uma mesma Subtradição caracterizada pela cerâmica policrômica e contemporâneas, essas duas ocupações Jatuarana possuem traços

particulares que indicam alta variabilidade cerâmica no alto rio Madeira. No sítio Associação Calderita predomina pasta de caraipé e mineral, alisamento fino e polido, pouco menos da metade das peças analisadas apresentaram engobo vermelho, raramente tratamento plástico (mas apresentou uma peça com marcas de cestaria e duas com impressão de folha), prevalece formas esféricas ou semi-esféricas de contorno simples e boca aberta ou constricta, diâmetro da boca das vasilhas variam entre 9 e 50 cm, bases planas e raramente convexas. No sítio Itapirema predomina o antiplástico de cauxi, alisamento fino, incisos finos e largos, e presença de uma peça modelada (cabeça zoomórfica), marcas de folhas e furos, vasilhas com formas esféricas e semi-esféricas de contorno simples ou inflectido e boca aberta ou constricta, vasilhas em forma de calota contorno simples ou inflectido e boca aberta, vasilhas de contorno composto ou complexo, presença de bordas reforçadas, bases côncavas e planas (Almeida 2013).

Almeida (2013) aponta que o sítio Jacarezinho (8,3 ha), localizado na margem esquerda do baixo rio Jamarí, possui TPI com o registro de duas prováveis ocupações: 1.100 DC e 1.300 DC; esse foi interpretado como correlato da Tradição Jamarí. A cerâmica em posse desse grupo tem antiplástico predominante de caraipé, prevalece formas de vasilhas esféricas de contorno simples ou inflectido de boca aberta ou constricta. Raros fragmentos cerâmicos com pintura ou engobo que o autor atribuiu como tendo origem exógena.

Almeida sugere que a ausência de sítios arqueológicos no baixo rio Jamarí, da cachoeira de Samuel até a foz do rio Candeias, pode representar uma zona-tampão que separava os grupos produtores da cerâmica da Tradição Jamarí e àqueles da cultura Jatuarana (Almeida 2013: 158). Ao mesmo tempo em que propõe um limite cultural entre esses grupos, indica que essas fronteiras foram fluídas, pois dois sítios de ambas as culturas identificados no baixo rio Jamarí foram contemporâneos (Almeida 2013: 208-209).

Uma vez que a cerâmica da Tradição Jamarí foi apontada como pertencente aos antepassados dos falantes da família Tupí Arikém (Miller 2009) e Almeida sugere a partir da posição geográfica desses grupos no início do século XX que o médio curso (montante) do rio Jamarí poderia ser interpretado como espaço dos índios *Arikém* (Arikême) e o médio curso (jusante) seria área de domínio dos *Karitiana* (Almeida 2013: 282-283), faz-se necessário acrescentar outro registro. O antropólogo Felipe Vander Velden documentou a ação que ele chamou de *contraterritorialização*, episódio que os *Karitiana* iniciaram há mais de uma década por meio de incursões para o leste da sua atual terra em busca de seu território

tradicional. Esta retomada do território situado na cachoeira de São Sebastião no rio Candeias demonstra que os *Karitiana* reivindicam uma região como sua terra ancestral segundo o seu mito de origem que resulta ainda em áreas dos vales dos rios Jamarí e Branco (Vander Velden 2010). De fato, conforme demonstra os mapas presentes nas obras de Rondon & Faria (1948: 201) e Roquette-Pinto (1950 [1917]), os *Karitiana* ocupavam uma extensa área do rio Candeias. É igualmente problemático apontar o curso superior do rio Jamarí como território tradicional dos *Arikém* baseado no mapa de Roquette-Pinto, uma vez que Rondon aponta a partir de informações de seringueiros em 1909 que os índios *Arikém* haviam sido expulsos do baixo rio Jamarí para as suas cabeceiras por bolivianos que os perseguiram (Rondon 2003 [1916]: 219).

No rio Candeias os *Karitiana* fundaram a aldeia *Byygyty ot'soop'waky* (os cabelos de Byygyty):

A região é repleta de vestígios arqueológicos, sejam ruínas de antigas malocas (aldeias) abandonadas (que a população regional considera lugares mal-assombrados), seja uma infinidade de cacos de cerâmica, que os *Karitiana* – sinalizando, obviamente, a apropriação desses fragmentos e, por conseguinte, das terras onde são encontrados – consideram como a derradeira transformação dos *psam'em ppyt*, uma das almas/espíritos liberados após a morte (Vander Velden 2010: 59).

Em outras palavras, a busca por um território antigo dos *Karitiana* requer um enfoque etnoarqueológico, pois deve levar em conta o conhecimento dos próprios *Karitiana* que situam a área do rio Candeias como terra tradicional, cujo espaço é desconhecido arqueologicamente.

Ao contrário da ideia apresentada para região do Jamarí, onde se pode observar uma uniformidade arqueológica, Almeida (2013: 287-291) entende que a variabilidade cerâmica presente no sítio Teotônio (cerca de 4,3 ha), localizado na margem direita do rio Madeira na cachoeira homônima, pode ter duas explicações. A primeira argumenta que as margens da cachoeira do Teotônio no rio Madeira foi um lugar significativo e persistente, ou seja, um espaço de aglutinação humana, detentor de recursos, que funcionou como um entroncamento na rede fluvial e foi ocupado sucessivamente por três mil anos. Nesse sítio, os arqueólogos do PALMA identificaram duas ocupações em um espesso estrato de TPI: a primeira atribuída a

grupos pré-ceramistas em 1.100 AC; a segunda ocorreu a partir de 400 DC por povos ceramistas. Tal quadro questiona a datação de 700 AC que Miller (1987, 1992, 1999) havia atribuído a Subtradição Jatuarana no mesmo sítio. Para Almeida (2013), a segunda razão para a variabilidade cerâmica é que há uma ocupação no Teotônio que sucede os pré-ceramistas e antecede os povos produtores da cerâmica Jatuarana. Esse grupo, produtor de uma cerâmica antiga datada em 400 DC, seria correlato de grupos produtores da cerâmica Pocó que a partir de interações com os grupos locais do alto rio Madeira, daria origem a cerâmica da Tradição Polícroma. Essas duas passagens vincula as ocupações que antecedem o aparecimento da manifestação Jatuarana, a qual o autor não reconhece no sítio Teotônio pela pluralidade e mistura de diferentes cerâmicas, a grupos de língua Arawak que estavam envolvidos na cachoeira em redes de trocas com grupos Tupí.

Zuse (2014), ao analisar cerâmicas de 14 sítios do projeto *Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antônio, RO*, com a colaboração de alunos da Universidade Federal de Rondônia (Costa 2011, Pessoa 2011, Duram 2012, Santos 2012), caracteriza as ocupações indígenas de um trecho de 80 km, especificamente entre a cachoeira de Santo Antônio e a foz do rio Jaci-paraná, definindo cinco conjuntos tecnológicos cerâmicos. A cerâmica mais antiga (1000 AC - 500 DC) foi encontrada nos sítios Vista Alegre, Foz do Jatuarana, Boa Vista, Santa Paula, Teotônio, Veneza e Garbin, caracterizada por: pasta porosa, adição de caraipé e carvão; queima redutora; predomínio de incisões, mas há também registros de outros tratamentos plásticos que ocorrem especialmente na borda como os excisos, escovados, acanalados, ungulados, modelados, apliques e ponteados; morfologicamente as vasilhas apresentam certa variabilidade nas inclinações das bordas e aparentemente são pequenas (diâmetros da borda variam de 10 a 28 cm), expandidas, pontos angulares nas bordas, presença de flanges labiais e mesiais. Por estas características e pelas datações obtidas para alguns desses sítios, a arqueóloga compara essa manifestação dos povos ceramistas aos complexos Pocó e Açutuba.

O segundo conjunto tecnológico (140 DC e 60 DC) ocorreu nos sítios Morro dos Macacos I, Vista Alegre e Foz do Jatuarana, trata-se de fragmentos cerâmicos com pasta com alta inclusão de minerais, queima oxidante, superfícies polidas ou bem alisadas, decorações com incisos (largos), modelados e ponteados, principalmente nas bordas, presença de flanges labiais; predominam bordas diretas inclinadas externamente (Zuse 2014). Os três sítios situam-se espacialmente entre as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, mas distantes das

quedas d'água, e os sítios Vista Alegre e Foz do Jatuarana apresentam manifestações das cerâmicas mais antigas (Inciso-pintada) e desse segundo conjunto tecnológico.

O terceiro conjunto tecnológico foi identificado como Barrancóide (450 – 1.250 DC) localizado junto às cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, nos sítios Ilha de Santo Antônio, Brejo e Santa Paula, e provavelmente nos níveis inferiores dos sítios de cachoeiras a montante (Ilha São Francisco, Ilha das Cobras e Ilha do Japó). As cerâmicas são caracterizadas por: pasta com baixa inclusão de minerais, inclusão de caraipé e queima reduzida; superfícies bem alisadas, polidas e brunidas, apresentando barbotina ou engobo; tratamentos plásticos incisos, ponteados, modelados, apliques e roletados; apêndices na forma de asas e alças; vasilhas de contorno infletido e simples; bases planas, anelares, em pedestal e convexas côncavas. Além das vasilhas, outros artefatos caracterizam estas ocupações, a reciclagem de fragmentos cerâmicos na forma de pequenos objetos arredondados e fusos, laminas de machados e adornos líticos polidos, bolotas de argila, assim como a associação dessa ocupação Barrancóide com espessas camadas de TPI (Zuse 2014).

Um quarto conjunto tecnológico foi identificado em um espaço arqueológico bastante particular do alto rio Madeira, nas ilhas entre as cachoeiras do Teotônio e Caldeirão do Inferno. Nos níveis superiores dos sítios Ilha São Francisco, Ilha das Cobras, Ilha do Japó e Ilha Dionísio, ocorrem fragmentos cerâmicos com antiplásticos predominante de cauíxí e raros com caraipé. A queima é oxidante, fragmentos com espessuras mais grossas, bordas com espessamento linear e expandida, e presença de trempes. Por vezes, essa cerâmica ocorre junto a Barrancóide entre as cachoeiras de Teotônio e Santo Antônio, apontando a possibilidade de trocas entre os grupos dessas diferentes cachoeiras, o que ainda é muito especulativo, pois estes quatro sítios nas ilhas ainda não possuem datações absolutas até o momento (Zuse 2014).

Ocorrem figuras rupestres nas margens das quatro ilhas sobre afloramentos rochosos que ficavam submersas pelo rio Madeira durante a maior parte do ano tornando-se visíveis apenas durante a baixa do nível da água (estiagem). Com o reservatório da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio, a maior parte desse patrimônio arqueológico ficou permanentemente submerso, o que demandou um extenso registro dessas figuras que ainda são pouco conhecidas na arqueologia do alto rio Madeira. Pesquisadores utilizaram metodologias tradicionais do registro rupestre conjugadas com o *laser scanning* terrestre e a fotogrametria de luz, que permitiu um registro rápido e integrados a modelos 3D, resultando na

documentação de 859 figuras, confeccionadas por técnicas de picoteamento e abrasão em formas geométricas, antropomorfas e zoomorfas (Kipnis et al. 2013).

O último conjunto tecnológico caracteriza-se pela chamada Subtradição Jatuarana da Tradição Polícroma da Amazônia (1.450 - 1.580 DC). Esta manifestação ceramista foi identificada no setor 3 do sítio Boa Vista, em vasilhas cerâmicas inteiras e semi-inteiras dos sítios Morro dos Macacos I e Coração, nos sítios Novo Engenho Velho, São Domingos e Campelo, nos níveis mais superficiais do sítio Vista Alegre e provavelmente dos sítios Ilha de Santo Antônio e Santa Paula. Esses grupos produziram cerâmicas com antiplástico de caraipé, superfícies bem alisadas, algumas com pinturas vermelha e branca ou preta e branca, incisões finas associadas à pintura, vasilhas com formas infletidas, compostas e complexas, lábios arredondados, planos e biselados, e bases convexas côncavas (Zuse 2014). A arqueóloga aponta que os contextos dos sítios das cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio são de difícil associação à Tradição Polícroma, pois naquela área predominam ocupações de grupos produtores da cerâmica Barrancóide, mas acima dessas camadas ocorrem vasilhas políchromas, como é o caso dos sítios Ilha de Santo Antônio, Brejo, Santa Paula e Teotônio.

Miller (1987, 1992: 224) ao definir a Subtradição Jatuarana, apontou que os níveis mais profundos da estratigrafia possuíam fragmentos cerâmicos com uma maior diversidade e uso das técnicas plásticas (inciso, exciso, ponteados, entre outros), enquanto os níveis mais superficiais apresentavam o uso de técnicas crômicas, urnas funerárias antropomórficas e ocorrência de flanges, atributos esses mais semelhantes à Subtradição Guarita. Sendo assim, alegou que durante 3.000 anos, a Subtradição Jatuarana apenas inverteu a popularidade das técnicas de decoração mais plástica para a mais polícroma (Miller 2009: 47). Esta interpretação é uma herança da tipologia do PRONAPABA que privilegiava uma análise dos cacos e não dos vasilhames (Meggers & Evans 1970), relegando a segundo plano os aspectos morfológicos das vasilhas cerâmicas, o contexto arqueológico e os padrões de assentamento em prol da análise das técnicas decorativas. Ao definir a Subtradição Jatuarana, Miller utilizou o método de seriação e apoiou-se em amostras reduzidas provenientes das escavações de trincheiras, “poço-teste” de um metro quadrado, furos-testes ou coletas de superfície, objetivando coletar amostras que pudessem ser classificadas em fases arqueológicas (Miller 1987, 2009). Assim como nos primeiros trabalhos de Meggers e Evans (1961), Miller entende que a cerâmica Jatuarana teria sua origem nos contra-fortes andinos, talvez no alto curso dos rios Beni ou Madre de Díos por questões ecológicas (Miller 2013: 346).

Por outro lado, Almeida (2013) e Zuse (2014), partindo de um viés que combina histórico culturalismo e metodologias processuais, reclassificaram estas ocupações do alto rio Madeira mostrando uma diversidade cultural por meio da variabilidade tecnológica cerâmica no tempo e no espaço, considerando as fases e as tradições amazônicas. Esses novos estudos apoiados em recentes escavações, dados estatísticos e análises comparativas, classificaram outros conjuntos cerâmicos de modo que a Subtradição Jatuarana tornou-se o topo de sucessivas ocupações ceramistas que ocorreram no rio Madeira ao longo de 3.000 anos.

Almeida (2013) e Zuse (2014) encontraram suporte nos modelos arqueológicos amazônicos para interpretar as ocupações que antecedem a Subtradição Jatuarana. Os modelos apontam o rio Madeira como uma via de antigas expansões ou a diáspora de grupos Arawak provindos do rio Amazonas que atingiram a Amazônia meridional levando a cerâmica Barrancóide para diferentes áreas (Lathrap 1975 [1970], Heckenberger 2001, 2011, Hornborg & Eriksen 2011). As pesquisas arqueológicas têm mostrado que houve um crescimento populacional em fins do primeiro milênio por apresentar sítios com um padrão de assentamento maior nesse período alcançando o seu ápice no século X DC, concomitante às mudanças culturais que ocorreram pela Amazônia. É um quadro bastante interessante para o alto rio Madeira, pois juntamente com o alto contingente humano vieram mudanças no registro arqueológico com maior ocorrência de espessas camadas de TPI e indústrias cerâmicas com alta variabilidade que caracteriza a cerâmica Barrancóide (Zuse 2014).

No entanto, a história de grupos Arawak e Tupí começa a ficar obscura quando se observa que a origem da Tradição Polícroma não parece estar dissociada da cerâmica Barrancóide antiga (Almeida 2013), uma hipótese que há 45 anos foi anunciada para a Amazônia central como gênese das línguas Arawak e Tupí (Lathrap 1975 [1970]) e agora retorna com outros contornos no alto rio Madeira. Esse cenário é visto como o de grupos Tupí envolvidos na rede multi-étnica Arawak das cachoeiras evidenciado no registro arqueológico como a apropriação estilística de traços Barrancóide pela Subtradição Jatuarana (Almeida 2013). Portanto, há uma expectativa de que esses grupos produtores da cerâmica da Tradição Polícroma tenham surgido no alto rio Madeira reinterpretando a cerâmica Barrancóide. Quando estes grupos em posse desta cerâmica atingiram o baixo Madeira e o Amazonas central, seus padrões de assentamento caracterizavam-se por aldeias pequenas e de pouca duração, sobrepondo os grupos produtores da cerâmica Paredão (Neves 2010, Moraes 2013). Seguindo esse modelo, alguns autores vinculam falantes da família linguística Tupí-Guaraní

da Amazônia ocidental com os produtores da cerâmica da Tradição Polícroma presente nos rios Madeira, Amazonas, Solimões e na Amazônia peruana e equatoriana (Neves 2006, 2012, Moraes & Neves 2012, Moraes 2013, Almeida 2013).

Sítios da Tradição Polícroma na Amazônia central tem sido vistos como produto de reocupações sobre grupos produtores da cerâmica Paredão, “no caso das ocupações Guarita, a aparente falta de forma definida dos assentamentos se contrapõe a uma preocupação em produzir cerâmicas formalmente padronizadas” (Neves 2012: 261). A Subtradição Guarita possui um padrão formal e decorativo que orientou a identificação desta cerâmica na Amazônia central: destacam-se os vasilhames com boca circular ou quadrangular que possuem flanges mesiais com excisos formando motivos muito característicos; ou ainda a presença das urnas que possuem uma decoração plástica antropomorfa geralmente com uma tiara (Neves 2012: 223-225). No entanto, nenhum desses dois marcadores cerâmicos foi encontrado no alto rio Madeira até o momento. A manifestação mais próxima desse tipo vem do sítio cemitério (AM-MC-21: Monense) do século XV DC encontrado no médio rio Madeira (Miller 1987). Ao contrário, alguns sítios com cerâmica Jatuarana no rio Madeira apresentam camadas de TPI espessas e extensas (Almeida 2013). Outro ponto é que as sociedades em domínio da cerâmica Jatuarana habitaram lugares a jusante da última cachoeira, alguns dos quais apresentam montículos a partir do século X DC (Almeida 2013, Zuse 2014), um fenômeno comumente atribuído a grupos responsáveis por outros complexos cerâmicos. Porém, as cerâmicas de ambas as áreas (Amazônia central e alto rio Madeira) possuem traços decorativos muito semelhantes: a pintura policroma com motivos geométricos (abstratos) possui um mapeamento espacial e cronológico que não deixa dúvidas de tratar-se do mesmo fenômeno. Nesse caso, o que se sugere é ter cautela quanto a um quadro comparativo do registro arqueológico da Tradição Polícroma no alto rio Madeira por possuir diferenças marcantes em comparação com a Amazônia central.

A documentação arqueológica do alto rio Madeira é abundante, apresenta uma grande quantidade de sítios arqueológicos e alta variabilidade cerâmica. Fato que leva as recentes e intensas pesquisas a rediscutir a classificação desses artefatos e retomar a discussão de antigos modelos arqueológicos amazônicos. As ocupações mais recentes dos sítios da Subtradição Jatuarana talvez possam ser confrontadas com os documentos etno-históricos e etnográficos que são pouco discutidos para essa área. Os vestígios arqueológicos têm apontado cada vez

mais que a variabilidade cultural verificada nos sítios arqueológicos do alto rio Madeira pode ser o reflexo da diversidade linguística e cultural constatada no presente.

Capítulo 2 - Arqueologia nos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho

Uma importante contribuição dos estudos de processo de formação do registro arqueológico é a compreensão da história de vida dos artefatos desde a produção até o seu descarte. Dois momentos definidos no modelo de fluxo como *contexto sistêmico* e *contexto arqueológico* (Schiffer 1972) passaram a substituir a ideia de comportamentos “fossilizados” no espaço, que indicavam que todos os artefatos encontrados nos sítios arqueológicos localizavam-se em seus locais de uso.

Para compreender a história de vida de uma estrutura doméstica, LaMotta e Schiffer (1999: 20) defendem que devem ser considerados os processos que levaram tanto à deposição de objetos no interior da estrutura, quanto as ações que levaram à remoção ou que impediram que os objetos fossem depositados em seus locais de uso dentro da casa. Para entender esses processos, que podem ser tanto culturais quanto não culturais, os autores estabeleceram três momentos da trajetória de uma estrutura doméstica que são fundamentais para a interpretação arqueológica; são eles: estágio de habitação; fase de abandono; e pós-abandono.

Com frequência o termo sítio é usado na arqueologia para designar uma antiga área de habitação ou utilizado para catalogar lugares de interesse arqueológico. Para Dunnell (1992), a noção de sítio na arqueologia possui problemas que podem ser divididos em três categorias: 1) de natureza ontológica, em que o sítio não é uma unidade de formação e não deve ter relevância enquanto unidade de observação; 2) de dimensão epistemológica, quando se tenta descrever tamanho e forma, quando na realidade são concentrações e densidades de artefatos que determinam a sua identificação, daí não ser possível a sua observação e registro; e 3) de conceito, pois sítios não tem um papel teórico uma vez que são fenômenos contemporâneos e o interesse arqueológico concentra-se no contexto sistêmico.

Ainda assim, sítio enquanto uma unidade de localização pode ser usado na arqueologia, mas sua noção deve ser abandonada para compreender padrões espaciais internos que podem ser distintos em contextos habitacionais, assim como a interação dos grupos humanos com as paisagens. A noção de não-sítio tem por finalidade explicar a densidade e a distribuição dos artefatos, uma construção de artefatos espacialmente agregados ou espaços antropizados de importância interpretativa (Dunnell 1992).

A interpretação arqueológica deve considerar a paisagem que pode ser entendida como a manifestação espacial das relações dinâmicas entre os seres humanos e seus ambientes, isso

não inclui somente os espaços densamente ocupados com claras mudanças antrópicas, mas também aqueles menos frequentados que as sociedades imbuem de significados (Crumley & Marquardt 1990). A paisagem constitui-se como um permanente registro da história de pessoas que habitaram dentro dela e que deixaram traduzidas suas temporalidades vividas (Ingold 1993).

Ao contrário das pioneiras pesquisas que priorizavam unicamente a classificação dos artefatos, as recentes escavações arqueológicas na Amazônia trazem contribuições em múltiplas direções para explicar as diferenças que se revelam nos registros arqueológicos. As abordagens em arqueologia regional, arqueologia da paisagem e arqueologia espacial têm mostrado que foram distintas as maneiras de ocupar o ambiente com a identificação de diferentes contextos: modificações na paisagem por valetas, montículos ou Terra Preta de Índio; aldeias circulares; estradas ligando assentamentos; espaços comunais; estruturas de habitação; cemitérios; praças cerimoniais; áreas de descarte de lixo, entre outros (Heckenberger et. al. 1998, Heckenberger 2001, Kern et. al. 2003, Schaan & Silva 2004, Machado 2005, Migliacio 2006, Schaan et al. 2007, 2010, Mazz 2008, Silva 2009a, Moraes & Neves 2012, Saunaluoma & Schaan 2012, Gomes & Luiz 2013, Moraes 2013).

A literatura arqueológica do alto rio Madeira apresenta diferentes formas de ocupar o espaço que ora podem ser interpretadas como reocupações sazonais, ora como grandes e duradouros assentamentos, mas ainda necessita-se de análises espaciais que possam lançar informações mais refinadas sobre os tipos de assentamentos. Particularmente, pesquisas que considerem transformações na paisagem e as relações dos grupos humanos na longa duração (Balée 2008), que possam observar espaços sociais nos contextos arqueológicos, reconhecer habitações e estruturas de atividades domésticas, mas sem perder de vista os processos de formação do registro arqueológico (Schiffer 1972, Dunnell 1992, LaMotta & Schiffer 1999).

Como as sociedades do alto rio Madeira ocuparam o meio físico? Como se constitui o espaço intrassítio? Embora as recentes pesquisas arqueológicas empreguem o conceito de lugares significativos (Almeida 2013: 287-291, Zuse 2014: 87), assim como consideram processos naturais e culturais dinâmicos no entorno das cachoeiras (Tizuka et al. 2013), estas perguntas continuarão com interrogação pela própria quantidade e diversidade de ocupações pré-coloniais que se apresentam nessa região, uma ideia que se contrapõe à monolítica classificação de sítios “simples” e “compostos” que Miller (1978, 1987) havia definido.

Na região do alto rio Madeira, pesquisas arqueológicas estão sendo realizadas desde julho de 2008 pela empresa Scientia Consultoria Científica associadas à construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio. O projeto *Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antônio, RO* visa gerar dados inéditos com o objetivo de testar modelos antropológicos baseados em dados linguísticos, etno-históricos, etnográficos e arqueológicos (Scientia 2008, 2011). Os primeiros sítios escavados foram aqueles onde o canteiro de obras da usina causaria impacto direto, localizados a jusante da cachoeira de Santo Antônio ou paralelos a mesma (Figura 6). O círculo na margem direita do rio representa uma área com grande potencial arqueológico que tem sido relatada pelos moradores locais com presença de TPI, cerâmicas, louças e garrafas históricas. Com a enchente do rio Madeira que desabrigou milhares de moradores ribeirinhos no início do ano de 2014, grande parte desse patrimônio arqueológico ficou ameaçado, incluindo o complexo histórico da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.



Figura 6: Localização dos sítios arqueológicos próximos à cachoeira de Santo Antônio/RO identificados em 2008 (Fonte: Google Earth 2014).

Essa é a escala de análise aqui utilizada, englobando espacialmente a cachoeira de Santo Antônio e seu entorno, e um limite temporal que se inicia por volta do século X DC, período que compreende fenômenos de mudanças culturais em várias partes da Amazônia, e se estende até o século XV DC, às vésperas da colonização europeia. O termo escala é

utilizado aqui no sentido que a ecologia histórica o considera, para compreender centros funcionais e suas conexões, apreciando seus aspectos distintivos, como a paisagem que é determinada por estruturas físicas e sócio-históricas (Crumley 1979, Crumley & Marquardt 1990). A cachoeira de Santo Antônio funcionou como um importante marcador físico, por apresentar-se como obstáculo para os grupos humanos que utilizaram o rio Madeira como via hidrográfica para locomover-se sobre longas distâncias. Mas ela também foi um importante nicho ecológico, especificamente do ponto de vista da fauna aquática, o que levou a aglutinação de pessoas nesse lugar por muitos séculos como apontam as evidências arqueológicas, que indicam ocupação por grupos caçadores coletores, passando por antigas ocupações ceramistas e mais tardiamente pelos povos produtores da cerâmica policroma da Subtradição Jatuarana, e finalmente terminando na ocupação histórica de Santo Antônio (Hugo 1959, Miller 1987, 1992, 1999, 2009, 2013, Almeida 2013, Gomes 2013, Zuse 2014). Essas concentrações humanas se devem não apenas aos recursos, mas também como as sociedades significaram a paisagem.

A cachoeira de Santo Antônio pode também ser vista como uma área limite, por ser o primeiro obstáculo para quem subia o rio e o último para quem descia. O próprio rio Madeira permite pensar em um limite, dividindo as duas margens para quem habitava os dois lados. Limites podem ser centros funcionais, pois são nas fronteiras que muitos grupos estabelecem comércio e comunicação, ou podem representar uma área periférica, uma terra de ninguém, que separa dois grupos antagônicos, mas servindo como lugar de encontro de pessoas (Crumley & Marquardt 1990: 74).

Para entender as relações que os grupos humanos estabeleceram no passado com essa área serão apresentados os resultados das intervenções arqueológicas nos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho.

2. 1. Os contextos da Ilha de Santo Antônio

A Ilha de Santo Antônio localizava-se próxima à margem direita do rio Madeira juntamente com outra ilha menor conhecida como Ilha do Cachorro, à jusante da cachoeira de Santo Antônio. Era também conhecida como Ilha do Presídio por ter abrigado as antigas ruínas do Presídio do Território Federal de Rondônia que funcionou durante as décadas de 1970-80.

Na Ilha de Santo Antônio existiam em 2008 pelo menos quatro residências da população local e o próprio acesso a este lugar era difícil, devido aos pedrais que existiam no

seu entorno. A vegetação da ilha se dividia em áreas de capoeira e de roçado, essa última associada à intervenção dos habitantes. A capoeira mais densa localizava-se na porção sul da ilha e o roçado na porção centro-oeste; neste último ponto havia uma espessa camada de TPI, que devido à fertilidade do solo, os moradores aproveitaram para cultivar suas roças (batata cará, mandioca, banana, feijão, dentre outras), onde foi identificado o sítio arqueológico pré-colonial chamado Ilha de Santo Antônio.

Para a delimitação da dimensão e forma da dispersão artefactual, foram realizados furos-testes com cavadeira articulada sobre uma malha de pontos distando 20 m entre si plotados com uma estação total, aprofundados em níveis artificiais de 20 cm. O sedimento coletado foi integralmente peneirado e separado de acordo com os níveis artificiais, assim como o material coletado recebeu um número de proveniência a cada nível. Foram executados 134 furos-teste, dos quais 97 apresentaram material cerâmico ou lítico (Figura 7) e 33 não apresentaram nenhum tipo de material, e do total apenas quatro furos da malha foram anulados por estarem em lajedos ao sul da ilha e em área de alta declividade (Scientia 2011).

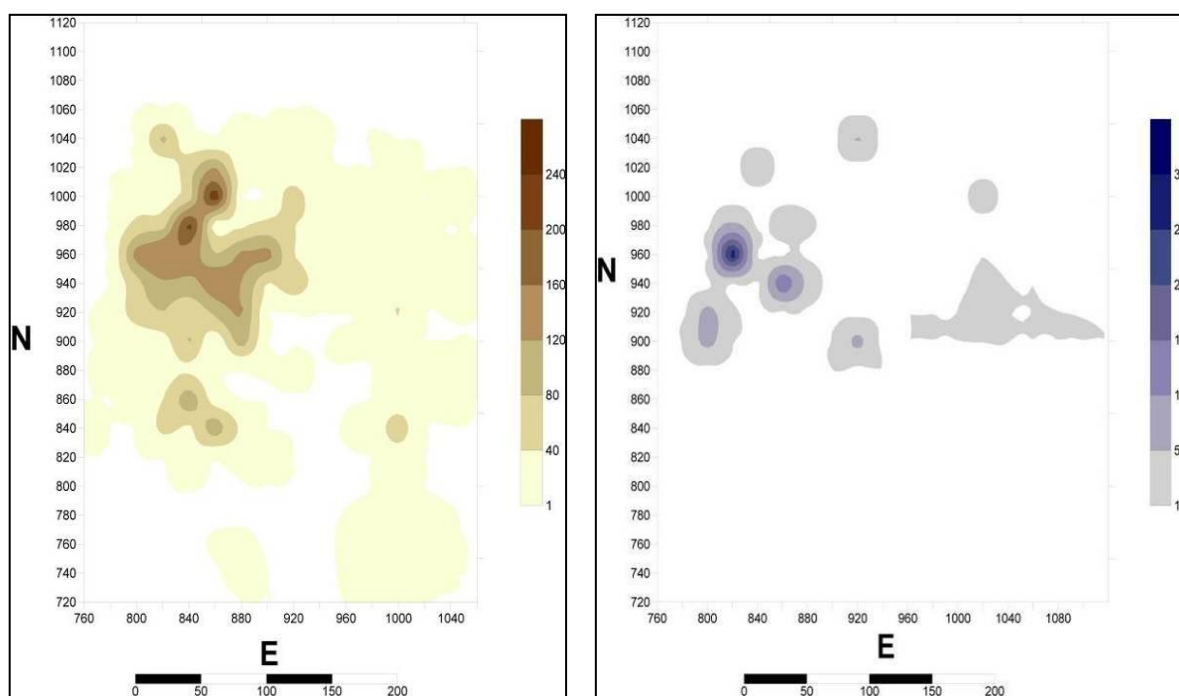


Figura 7: Mapa de densidade dos materiais cerâmicos e líticos do sítio Ilha de Santo Antônio, respectivamente (Scientia 2011).

As escavações foram realizadas em áreas pontuais do sítio, a partir das densidades de materiais arqueológicos e dispersão da TPI evidenciadas na delimitação. O procedimento de

escavação baseou-se em níveis arbitrários de 10 cm em unidades de 1 m²; mesmo quando escavadas trincheiras foi mantido o controle por unidade de 1 m². Todo o solo retirado foi peneirado e o material coletado recebeu um número de proveniência por níveis escavados. As escavações em cada unidade foram encerradas com o desenho do perfil e uma tradagem de 1 m a partir da base de escavação para certificar a ausência de material arqueológico no depósito.

Embora o sítio tenha sido identificado mais na porção centro-oeste, onde a TPI estava dispersa em um espaço de 9,4 hectares em uma área total de 36 hectares que compreende a Ilha de Santo Antônio, pode-se considerar que toda a ilha foi intensamente ocupada no período pré-colonial, considerando que onde não foi encontrada TPI havia “bancos de areia” carregados pelo rio Madeira nas margens. Mesmo nesses lugares encontravam-se cerâmicas em camadas arqueológicas enterradas, e em outras partes onde existiram pedrais graníticos foram observados amoladores e afiadores (Scientia 2011).

Foram escavadas no total 25 unidades de 1m² (Figura 8) que evidenciaram, a princípio, dois episódios históricos pré-coloniais, um mais antigo caracterizado por ocupação pré-ceramista no ponto mais alto da ilha; e outro mais recente por povos ceramistas, cujas ocupações deixaram uma grande quantidade de vestígios arqueológicos (56.556 fragmentos cerâmicos) e geraram a TPI que marcou a paisagem da Ilha de Santo Antônio.

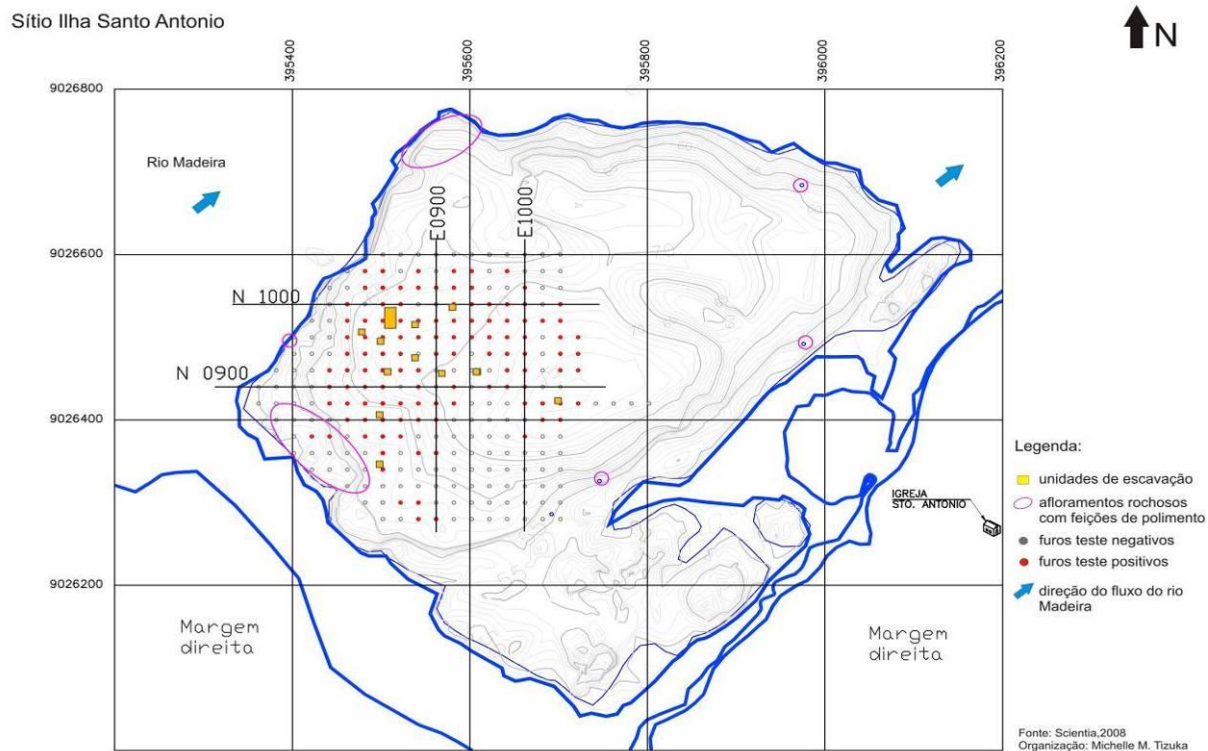


Figura 8: Em vermelho furos-teste com material arqueológico; em cinza furos sem material arqueológico. Polígonos amarelos representam as unidades de escavação (Mapa: Michelle M. Tizuka).

As escavações evidenciaram, na porção mais elevada da Ilha, no limite da TPI, uma ocupação por povos caçadores-coletores. Na unidade N922 E950 ocorreram poucos vestígios cerâmicos até o nível 50-60 cm associados a líticos e sem presença de TPI. Entretanto, a partir desse nível o material lítico aumentou em frequência e ocorreu até 230 cm não associado à bioturbações, e até 260 cm associado a estas. A escavação foi ampliada com a unidade contígua N922 E949 comprovando-se que os vestígios cerâmicos ocorrem até o nível 60-70 cm e no nível seguinte ocorreu alta densidade de material lítico, alcançando 2.100 peças coletadas em apenas um nível. Ainda no ponto mais elevado da Ilha foi escavada a unidade N887 E1041, onde não ocorreu vestígio cerâmico nem TPI e o material lítico foi predominante até o nível 150 cm.

Um fragmento de madeira carbonizada a 163 cm de profundidade foi datado em ca. 7.760 BP, na unidade N922 E949 (Tabela 1), associada somente ao material lítico, não relacionada à bioturbação. Em linhas gerais, o material lítico que ocorreu nas duas ocupações desta área pode ser entendido da seguinte maneira: 1) As camadas pré-ceramistas eram compostas majoritariamente por lascas de quartzo leitoso e poucas em quartzo hialino, feitas com técnicas unipolares e em menor número bipolares. Essas peças são menores em

comparação com as lascas que ocorreram nas camadas mais recentes, ceramistas; 2) As camadas mais recentes dos povos ceramistas eram compostas por instrumentos sem marcas de uso, sendo pequenos raspadores (nódulos e placas) feitos a partir da matéria-prima de quartzo. Ocorreram ainda fragmentos de lâminas de machado em granito, lateritas polidas, lascas em maior parte feitas por técnicas unipolares e em menor número bipolares, assim como núcleos. Quase metade do material destas camadas eram detritos (Scientia 2011).

A unidade N920 E910 permitiu verificar a transição entre a TPI e o pré-cerâmico. A cerâmica foi predominante até cerca de 60 cm associada ao solo escuro, que se encerrou aos 90 cm; a partir de então só ocorreram materiais líticos até 2 m de profundidade associados ao solo mosqueado muito compactado. A escavação nesse ponto do sítio serviu para demonstrar a extensão da ocupação pré-ceramista. Foram identificadas oito camadas estratigráficas (Figura 9), sendo: I) camada muito concrecionada e compactada (*yellowish red* 5YR 4/6) sem presença de material arqueológico; II) camada mosqueada com latossolo muito compactado (*strong brown* 7.5 YR 5/8) com presença de líticos associados à bioturbações; III) latossolo muito compactado com bioturbações (*brownish yellow* 10YR 6/8, *dark yellowish brown* 10YR 4/6 e *yellowish brown* 5YR 5/8) com presença de líticos; IV) latossolo muito compactado (*yellowish brown* 10YR 5/6); V) camada de transição entre latossolo e a camada arqueológica ceramista com média compactação (*dark yellowish brown* 10YR 3/4 e *yellowish brown* 10YR 5/6) com presença de granitos; VI) camada arqueológica ceramista sendo TPI (*dark brown* 10YR 3/3 e *dark yellowish brown* 10YR 3/4) com alta quantidade de material arqueológico (cerâmico e lítico); VII) camada de transição entre a camada arqueológica e a superficial (*dark brown* 10YR 3/3) com baixa quantidade de material cerâmico; VIII) camada superficial húmica (*dark brown* 10YR 4/3) com grande atividade biológica e baixa quantidade de material cerâmico.



Figura 9: Perfil sul da unidade N920 E910 (Scientia 2011).

Na porção oeste da Ilha de Santo Antônio, a cerca de 40 m do rio Madeira, com visibilidade para a cachoeira de Santo Antônio, concentrava-se a maior quantidade de material arqueológico junto à densa camada de TPI. Nessa área do sítio foi evidenciado um vasilhame cerâmico denominado recipiente I (R1), em torno do qual foram escavadas 13 unidades contíguas de 1 m² cada, sendo elas: N990 E851; N990 E850; N990 E849; N989 E849; N989 E850; N989 E851; N988 E849; N988 E850; N988 E851; N987 E849; N993 E849; N992 E849; N991 E849 (Figura 10).



Figura 10: Escavações na área do recipiente 1 (Scientia 2011).

Nesta área foram definidas três camadas estratigráficas: I) compreende o latossolo amarelo arqueologicamente estéril, coloração *yellowish brown* 10YR 5/8, textura argilosa, alta compactação e baixa densidade de material arqueológico; II) TPI correspondente à camada arqueológica com cerca de 50 cm de espessura, coloração *very dark brown* 10YR 2/2 e *black* 10YR 2/1, textura argilo-arenosa, média compactação e onde se encontra a maior densidade de material arqueológico e feições que afundaram no latossolo; III) camada húmica com cerca de 5 cm de espessura, coloração *dark brown* 10YR 3/3, textura areno-argilosa, baixa densidade de material arqueológico, baixa compactação e presença de raízes, radículas e sementes provenientes do cultivo recente (Scientia 2011). A TPI em todo o sítio ocorreu sobre esse latossolo, o qual representava o limite da ocorrência de material arqueológico. Entretanto, é difícil dimensionar os limites verticais da TPI, pois muitas vezes estava intrusa no latossolo até cerca de 1 m, seja por se apresentar mais espessa em outras partes do sítio ou por bioturbações e feições que “mergulhavam” contrastando com o solo amarelado (Figura 11).

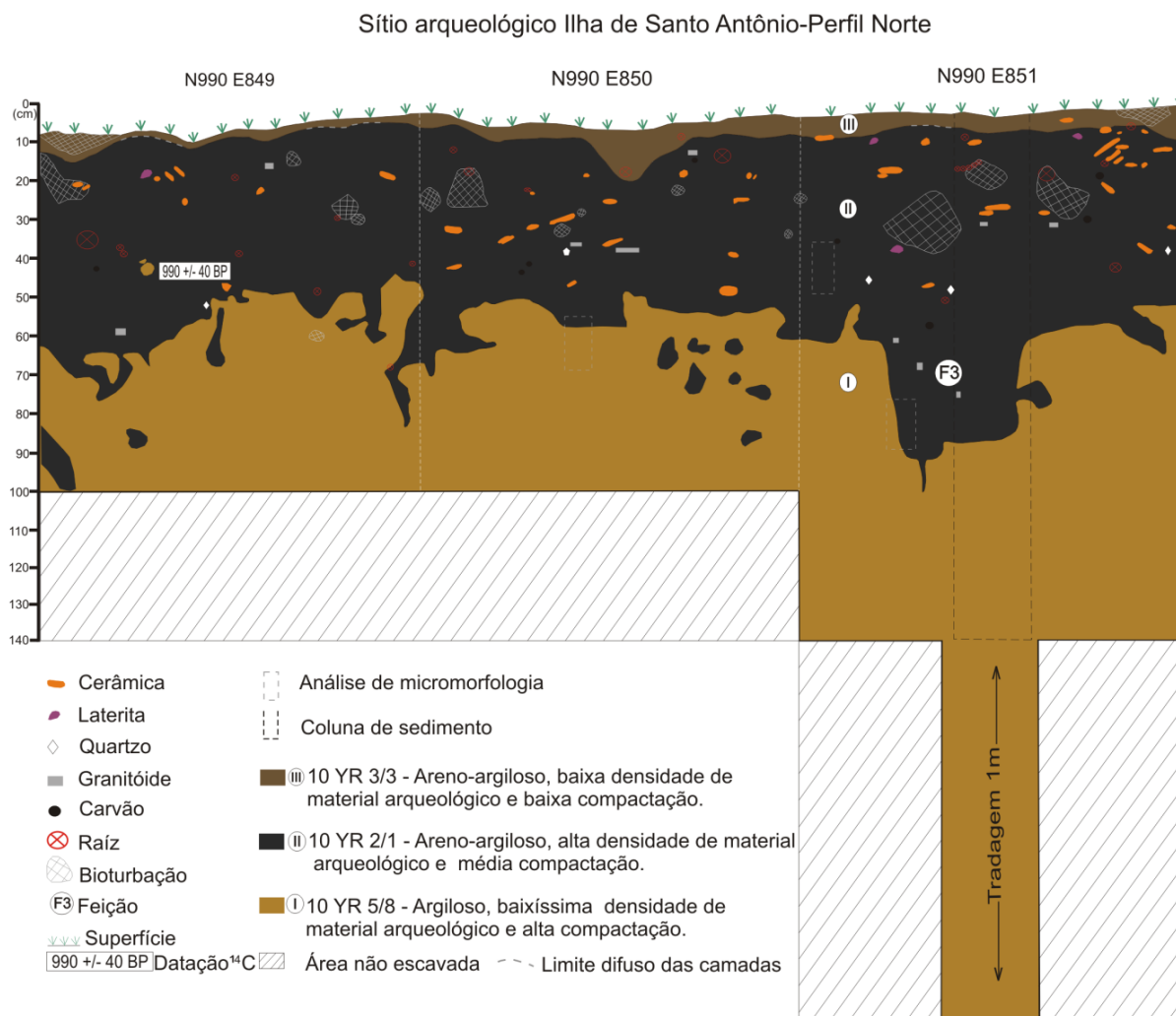


Figura 11: Perfil norte do setor do R1 (Desenho: Rodrigo Suñer e Marinei Rosa; Arte: Angislaine Costa).

Nas escavações das unidades N990 E850/849 foi evidenciada uma vasilha utilizada como urna funerária (R1), cuja borda apareceu no nível 40 cm e a base enterrada no latossolo. No seu interior não foram evidenciados ossos que comprovassem os restos mortais do indivíduo, mas foi encontrado um pingente de rocha e pequenos carvões que são importantes indicativos de sepultamento com cremação (Miller 1987: 16, Schaan 2000: 5, Migliacio 2006: 215-216, Costa 2013). Os fragmentos cerâmicos encontrados no interior do vasilhame não parecem que foram depositados intencionalmente, além de estarem muito fragmentados em tamanhos muito pequenos, em média cerca de 2 a 4 cm, estavam espalhados aleatoriamente e nenhum remontou demonstrando que os fragmentos estavam associados à TPI que foi introduzida dentro do vasilhame. Entre os níveis 20-30 e 30-40 cm da unidade N989 E849 foi coletado um aglomerado de fragmentos de uma vasilha quebrada *in situ*; trata-se de um assador bastante erodido que remonta parcialmente.

Na escavação dessas unidades foram coletados diversos fragmentos cerâmicos, bem como lascas de quartzo. Em menor número ocorreram bolotas de argila, lateritas polidas, além de placas e blocos graníticos. Apresenta-se neste setor diferentes fragmentos que indicam variabilidade decorativa e morfológica das vasilhas, como a aplicação de engobo ou pintura, incisos, apliques, flanges, entre outros. Além disso, rodela de fuso inteiras e semi-inteiras foram coletadas. Quanto ao material lítico, foram encontrados nas escavações várias lascas de quartzo (leitoso e hialino), fragmentos de lâminas de machado e adornos. Um fragmento de madeira carbonizada a 42 cm de profundidade foi datado em ca. 990 BP (Tabela 1), associada ao material cerâmico e lítico da unidade N990 E849, não relacionada a feições e bioturbações. Embora esta data possa situar no tempo este grupo ceramista, necessita-se de novas datações radiocarbônicas para avaliar se essa diversidade de artefatos estava ocorrendo em um só tempo ou se são decorrentes de mais de uma ocupação.

Tabela 1: Datações do sítio Ilha de Santo Antônio (Fonte: Scientia Consultoria Científica).

Amostra	PN	Unidade	Nível	Data convencional	Data calibrada 2 sigma	Data calendário	Código do laboratório
ISAT-NP-3079	3079	N922 E949	163	7.760 ± 50 BP	Cal BP 8620 to 8420	Cal BC 6670 to 6470	Beta – 260331
ISAT-NP-3913	3913	N990 E849	42	990 ± 40 BP	Cal BP 960 to 800	Cal AD 980 to 1160	Beta - 260332

Nessas unidades contíguas foram evidenciadas algumas feições, que podem ser definidas como alterações antrópicas no solo que configuram formas que só foram possíveis a identificação, no caso da Ilha de Santo Antônio, entre o contraste da TPI e o latossolo amarelo. No nível 60-70 cm da unidade N987 E849 foram identificadas as manchas escuras de feições denominadas F8, F9 e F10 (Figura 12), assim como farelos ósseos associados à TPI. Mais de uma dúzia de feições foram registradas e confirmadas neste setor, todas no entorno do R1. A maior parte das feições encontradas apresentou diâmetro de 20 a 30 cm e forma circular contínua cilíndrica ou que afunilava como um cone invertido. Estas feições podem ser os negativos dos buracos de enterrar “estacas” das habitações ou outros artifícios. Mas outras feições apresentaram morfologias diferentes, como é o caso da F6 (N989 E849) e F22 (N990 E849) que estavam paralelas, e F18 (N980 E849), que se apresentavam mais largas. A F17, feição utilizada para enterrar o R1, assemelha-se muito a essas duas últimas

feições. A F13, F14 e F15 estavam relacionadas ao enterramento do R1, mas não é possível especular que funções desempenharam.



Figura 12: Feições 8, 9 e 10 esvaziadas na unidade N987 E849 e Feição 6 na unidade N989 E849 (Scientia 2011).

Com o fim das escavações, a fim de ampliar a amostra de material arqueológico, uma vez que a Ilha seria totalmente destruída para dar lugar ao eixo da usina de Santo Antônio, decidiu-se decapar cerca de 30 cm com uma máquina retro-escavadeira a área do R1, por ser onde ocorreu a maior densidade de material arqueológico. O resultado foi a identificação de dez feições (de F23 a F32) com superfície predominantemente circular e diversos diâmetros. A profundidade e morfologia destas feições não puderam ser definidas devido à metodologia de escavação. Foram coletadas ainda duas vasilhas com pintura bicrômica (R2 e R3) semelhantes ao R1, além de uma terceira sem decoração. Diversos fragmentos de cerâmicas diagnósticas foram coletados assim como peças líticas, destacando-se fragmentos e peças inteiras de machados polidos.

Outras unidades no entorno dessa área do R1 e com TPI foram escavadas, mostrando estratigrafia semelhante, apenas com algumas variações de profundidade e coloração da TPI. No entanto, percebe-se que a variabilidade artefactual fora dessa área das treze unidades do R1 é muito menor, mas ao mesmo tempo exhibe contextos complementares para compreender essa indústria cerâmica.

A unidade N980 E849, aberta a 10 m sentido sul do R1, apresentou a camada de TPI até cerca de 60 cm e foi escavada até 140 cm. A unidade N974 E849, alinhada com o R1 26 m sentido sul, no nível 30-40 cm, apresentou diversos materiais diagnósticos como um lítico polido e um alicate cerâmico. Registrou-se a ocorrência de rochas (granitos), que não foram

coletados por não haver marcas da ação humana. A TPI foi predominante até cerca de 70 cm, mas uma grande feição foi identificada na base do nível 90 cm (F12), em cujo interior havia várias bioturbações, pequenos pedaços de carvão, líticos lascados e bolotas de argila.

Em outra área da mancha de TPI, ao sudoeste do R1, foi escavada a unidade N959 E841, em local em que a delimitação do sítio evidenciou material cerâmico, lítico e restos ósseos. No nível 30-40 cm ocorreu uma concentração de rochas graníticas associadas a cerâmicas que foi denominada Estrutura 1 (E1). Esta estrutura seria uma lixeira por apresentar rochas na posição horizontal e cacos cerâmicos muito pequenos, ou seja, um refugio secundário por não estarem em seus locais de uso (Schiffer 1972). No nível 50-60 cm ocorreu outra Estrutura (E2) de tamanho menor com cerâmica e rochas (Figura 13), mas não foi possível sugerir uma função.



Figura 13: Escavação da Estrutura 1 e Estrutura 2, respectivamente, unidade N959 E841 (Scientia 2011).

No extremo oeste da Ilha foi escavada a unidade N970 E820, onde se destacava a ocorrência de farelos ósseos provavelmente de fauna no nível 20-30 cm. Esta unidade representa o limite oeste da mancha de TPI, tendo em vista que no nível 30-40 cm mais de 50% do latossolo foi evidenciado, assim como diminuiu a densidade de material arqueológico, indicando que nesta área a camada arqueológica era menos espessa. Poucas manchas de TPI permaneceram no decorrer da escavação e uma delas foi identificada como feição (F2), a qual apresentou em seu interior uma rocha granítica de 15 cm de comprimento no nível 60-70 cm.

Ao leste do R1, foi escavada a unidade N1000 E922, cuja camada de TPI foi predominante até 80 cm de profundidade; do nível 100 a 140 cm foi escavada uma feição (F1) que apresentava forma conoidal invertida com 26 cm de profundidade, contendo no seu interior materiais líticos (granitos) e carvões, interpretada como um “buraco de esteio” (Figura 14, A: vista da feição a partir da base aos 104 cm, B: vista da feição seccionada no perfil norte).

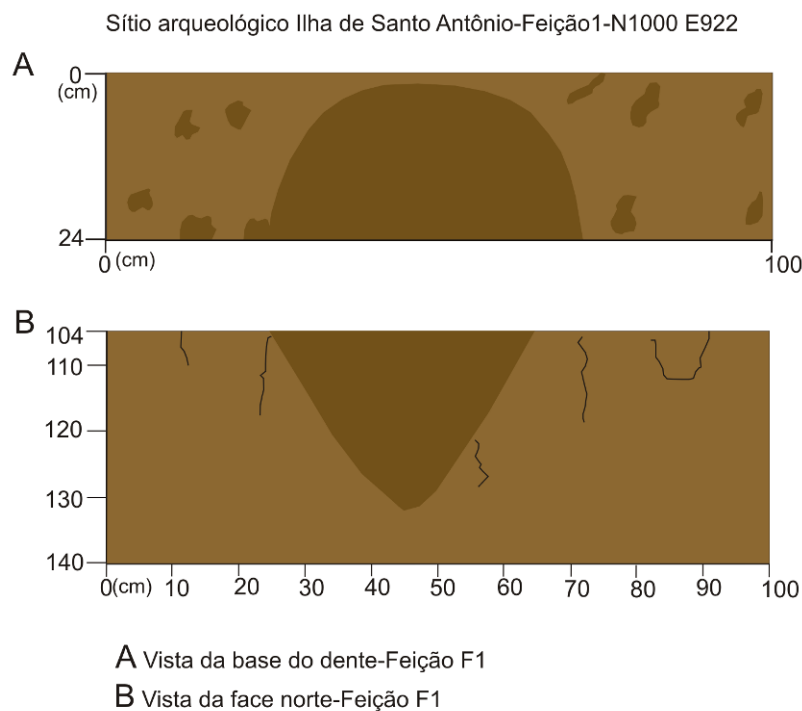


Figura 14: Feição 1 da unidade N1000 E922 (Desenho: Ednair Nascimento; Arte: Angislaine Costa).

A unidade N979 E880, aberta cerca de 30 m leste do R1, evidenciou uma camada de TPI de 1 m de profundidade com alta quantidade de material cerâmico. Na mesma linha, mas na direção sudeste do R1, foi escavada a unidade N939 E880 que atingiu 75 cm de TPI com alta densidade de material arqueológico. Apesar dessa unidade se apresentar muito perturbada desde os primeiros até os últimos níveis, bordas de vasilhas bem conservadas puderam ser coletadas, contribuindo para reconstituição integral das morfologias.

Na porção sudoeste da margem da Ilha, numa área bastante aplainada e baixa, foram abertas as unidades N870 E840 e N810 E840, a 120 e 180 m ao sul do R1, que evidenciaram uma camada arqueológica coberta por solos de coloração mais clara e com presença de pouco ou nenhum material arqueológico. Nessa área não foi identificada TPI e a densidade de material foi menor se comparada ao restante da Ilha onde havia esse solo escuro. Foram

definidas cinco camadas para a unidade N870 E840 e quatro para a unidade N810 E840, onde a camada identificada como arqueológica se encontrava na camada III (N870 E840) e camada II (N810 E840). O pouco material arqueológico coletado nas outras camadas, abaixo ou acima destas, levam a inferir que é proveniente da camada arqueológica que subiu ou que desceu. Estas camadas arqueológicas eram diferentes dos outros setores do sítio, o solo tinha coloração mais clara e textura areno-siltosa, enquanto no setor da TPI o solo era escuro e mais argiloso. A hipótese formulada em campo deu conta de que períodos de cheias do rio teriam formado as camadas que cobriram o estrato arqueológico, um fenômeno que envolve a dinâmica fluvial do rio Madeira.

As cinco camadas estratigráficas identificadas no perfil norte da unidade N870 E840 são as seguintes: I) camada (*dark yellowish brown* 10YR 4/6) não apresentou material arqueológico somente bioturbações; II) camada (*dark brown* 10YR 3/3) apresentou baixa densidade de vestígios arqueológicos e bioturbações; III) camada arqueológica (*dark yellowish brown* 10YR 3/4) onde ocorreram cerâmicas, carvões e poucas peças líticas; IV) camada (*dark brown* 10YR 3/3) apresentou baixa densidade de vestígios arqueológicos que devia estar associado a camada anterior; V) camada (*very dark grayish* 10YR 3/2) apresentou baixíssima densidade de material arqueológico disperso juntamente com raízes e radículas. Todas as camadas apresentaram-se pouco compactadas e com textura silto-arenosa (Figura 15).

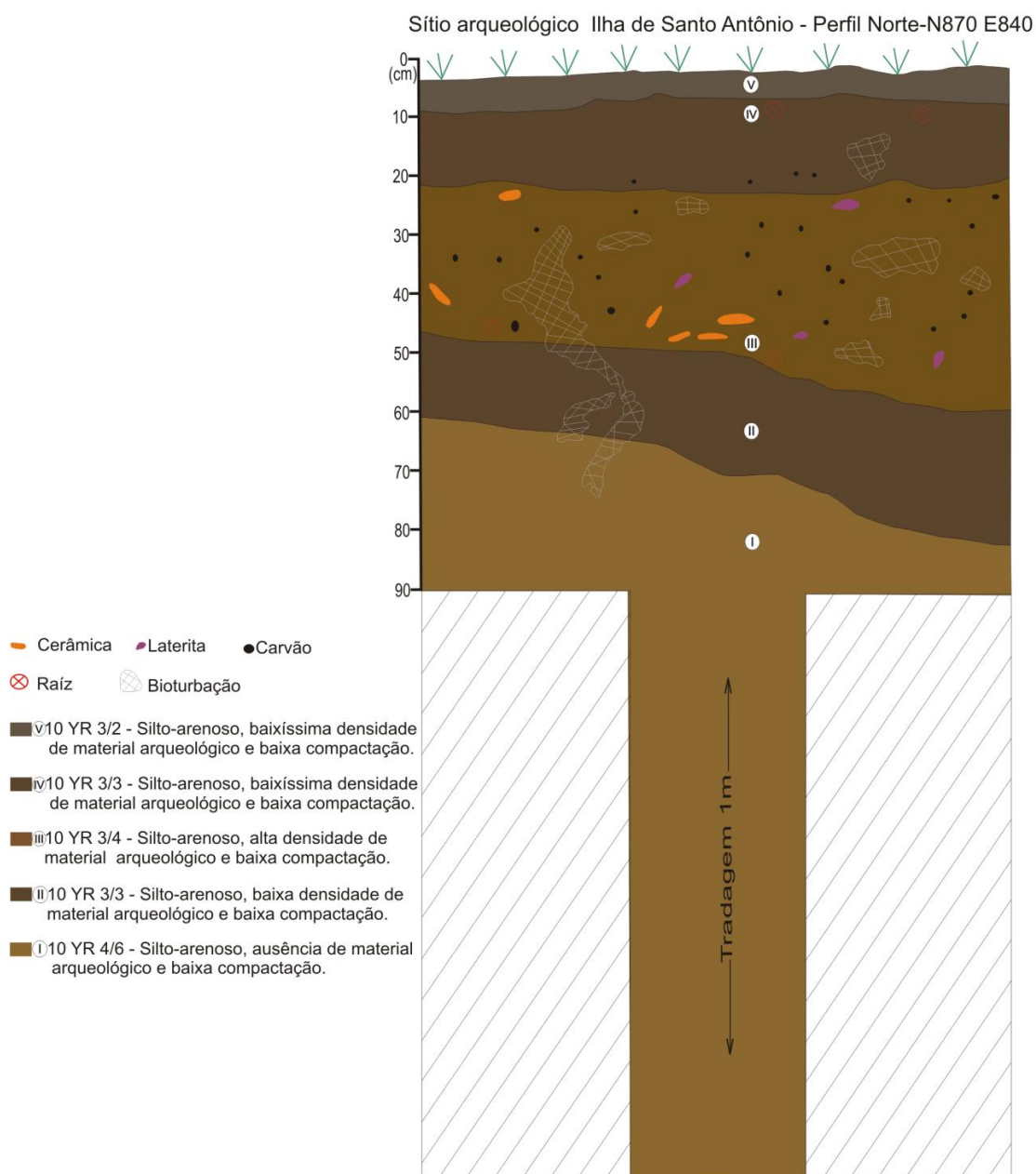


Figura 15: Perfil norte da unidade N870 E840 (Desenho: Ozelino Rodrigues; Arte: Angislaine Costa).

Como se observa, a distribuição espacial dos artefatos na Ilha de Santo Antônio extrapola a dimensão da TPI. Em muitos casos o solo de TPI é utilizado para demarcar o tamanho dos assentamentos. Essa área específica que não possuía TPI apresentou um solo antrópico e expressiva quantidade de material cerâmico associado a carvões. É difícil especular se esse solo seria uma “Terra Mulata” enterrada, solos criados por manejos em áreas de cultivo (Woods 2009, Sombroek et. al. 2009), pois a quantidade de fragmentos cerâmicos é significativa contrastando com os contextos desses solos em que os vestígios arqueológicos

são raros ou ausentes. Nessa área, além de não ocorrer TPI, também não ocorreram fragmentos líticos ou apareceram em quantidade muito inferior, se comparado ao setor do R1. Uma hipótese a ser testada durante a análise cerâmica é se nessas unidades havia fragmentos de vasilhas de transportar líquidos, pois sua distribuição nesse espaço próximo do rio indicaria uma área de deslocamento em que as pessoas comumente transitavam e conseqüentemente quebravam vasilhas.

Sítios arqueológicos com TPI têm sido interpretados como assentamentos permanentes na história pré-colonial e possuem ampla ocorrência na Amazônia, associados a cursos d'água e a paisagens com topografia privilegiada para observar o espaço circundante (Kern et. al. 2003). Uma análise do solo de algumas unidades escavadas recuperaram vestígios vegetais contidos na TPI da Ilha de Santo Antônio, dentre eles sementes de mamão (*Caricaceae*), bananeira do mato (*Heliconiaceae*) e gramíneas (*Poaceae*) (Oliveira 2013). A maior parte dos vestígios arqueológicos encontrava-se dentro do espaço da TPI. Estudos apontam que esses solos antrópicos são formados, entre outras causas, por dejetos orgânicos jogados no entorno das habitações (Woods 2009). Vestígios arqueológicos associados à TPI têm sido inequivocamente interpretados como áreas de habitação no passado, o que indica que a Ilha de Santo Antônio foi um contexto habitacional por apresentar feições e uma grande quantidade de vestígios arqueológicos.

A partir do quadro de distribuição de dois atributos analisados na cerâmica (tópico que será explorado no próximo capítulo), é possível problematizar questões espaciais da ocupação que ocorreu na Ilha. Dos 134 furos-testes realizados para a delimitação da dispersão artefactual, 33 deles apresentaram cerâmicas com vestígios de utilização, ou seja, fragmentos de vasilhas que apresentavam manchas de uso por terem ido ao fogo ou descamações por terem sido usadas para fermentar bebidas (Dantas & Lima 2006, Neumann 2011). Outros 23 furos-teste apresentaram cerâmicas com algum tipo de tratamento plástico; esse acabamento tem sido majoritariamente decorativo na Ilha de Santo Antônio. Ao plotar essas ocorrências em um mapa (Figura 16), verificam-se seis concentrações relacionadas aos vestígios de utilização e duas associadas aos tratamentos plásticos⁶.

⁶ Foram utilizados 68 fragmentos com vestígios de utilização e 41 com tratamentos plásticos.

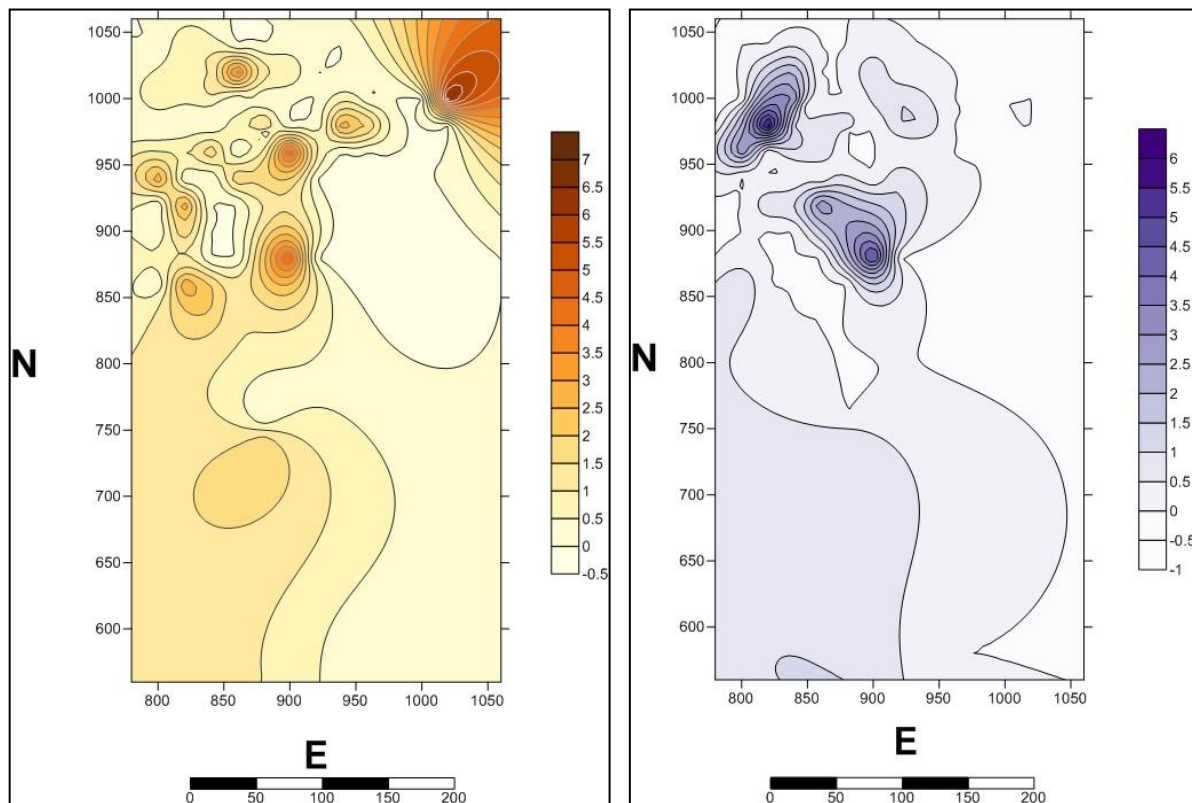


Figura 16: Mapa de densidade dos fragmentos cerâmicos com vestígios de utilização e com tratamento plástico, respectivamente.

A interpretação mais clara que poderíamos fazer em relação à distribuição de fragmentos de vasilhas cerâmicas que foram utilizadas no fogo, talvez como painéis, é que essas áreas representam habitações e isso é apoiado por localizarem-se dentro da área mais espessa de TPI. Quanto à distribuição dos tratamentos plásticos, eles concentram-se em duas áreas, uma delas é o setor do R1, que também apresentou fragmentos de vasilhas com vestígios de utilização, e a outra é uma área que foi pouco escavada, cuja unidade mais próxima era a N920 E910.

A impressão que advém desses mapas é que, além de contextos domésticos que assinalam habitações com atividades de cocção, poderia haver um contexto cerimonial associado a essas áreas. No entanto, nem todos os artefatos utilizados em uma habitação estiveram presentes nela, e o registro arqueológico de uma estrutura doméstica pode ser um palimpsesto de atividades em diferentes fases da história de vida dessa estrutura (LaMotta & Schiffer 1999). Uma vez que não é possível avaliar se existe mais de uma ocupação ceramista somente pela estratigrafia e pela homogeneidade da TPI, é possível especular como esta sociedade habitou o espaço a partir do entendimento funcional dos vestígios arqueológicos.

As urnas funerárias indicam a prática de sepultamento e cerimônia dentro ou próximo da área de habitação, onde também foram encontrados adornos. Atividades intensas ocorreram ali como é atestado pela TPI, feições e a alta densidade de vestígios arqueológicos, dentre eles cerâmicas, líticos lascados, bolotas de argila queimadas e granitos, que apontam para atividades domésticas de produção, preparo e consumo de alimentos. A presença de rodela de fuso assinalam atividades de produção de fiação. As feições, embora pouco estudadas, tiveram um papel importante no entendimento dessas áreas. Feições arredondadas com cerca de 20 cm de diâmetro representam os buracos de estacas de antigas habitações ou estruturas que possuíam cobertura, outras feições com diâmetros maiores, em especial as que estavam próximas do R1, talvez representem o negativo de antigos objetos enterrados como grandes cestos que acabaram se deteriorando durante o tempo (Figura 12).

Ao fim, é necessário colocar esta importante ocupação no quadro de mudanças culturais. Desde o século V a Amazônia foi ocupada por povos organizados regionalmente com grande variabilidade sociopolítica, explorando recursos aquáticos e agrícolas, onde chefes e pajés tinham posições privilegiadas (Schaan 2010: 58). A Ilha de Santo Antônio parece ter sido um importante lugar na última cachoeira do alto rio Madeira durante o século X, uma paisagem privilegiada que certamente foi envolvida de significados e com abundantes recursos aquáticos. Lugar de encontro, uma vez que as pessoas que almejassem subir ou descer o rio faziam isso pela margem gerando interações com os habitantes locais. O sítio do Brejo, situado na margem direita da cachoeira de Santo Antônio, foi ocupado concomitante à Ilha de Santo Antônio, com datações entre os séculos VII e XII (Zuse 2014). Separados por apenas um lago do rio Madeira, esses povos mantinham alguma relação entre si, o que tem sido comprovado pelas similaridades de alguns artefatos cerâmicos. No entanto, a variabilidade artefactual observada na Ilha de Santo Antônio não foi constatada na ocupação do Brejo. A população local se refere a fragmentos de cerâmica e TPI encontrados na margem direita do rio Madeira. Possivelmente essa área teria sido no passado, parte das ocupações no entorno da cachoeira. A ocupação da Ilha de Santo Antônio só pode ser compreendida se forem levados em conta esses registros de seu entorno, confirmando que a abordagem restrita ao sítio arqueológico limita a perspectiva de compreensão da interação dos grupos humanos (Dunnell 1992).

2.2. Os montículos do sítio Novo Engenho Velho

O sítio Novo Engenho Velho situava-se a cerca de 4 km a jusante da cachoeira de Santo Antônio, na margem esquerda do rio Madeira, em um terraço fluvial. As escavações foram motivadas pela construção de uma agrovila neste local que serviu de reassentamento para famílias da comunidade Engenho Velho desapropriadas pela Usina Hidrelétrica de Santo Antônio (Scientia 2011). Antes disso, a área era coberta por pasto e palmeiras de urucurí e tucumã. Ao norte do sítio foi construída uma estrada para veículos que se estendeu por uma barragem feita em um igarapé que, em virtude dessa intervenção, acabou se tornando um lago onde os moradores criavam tambaqui (Figura 17).

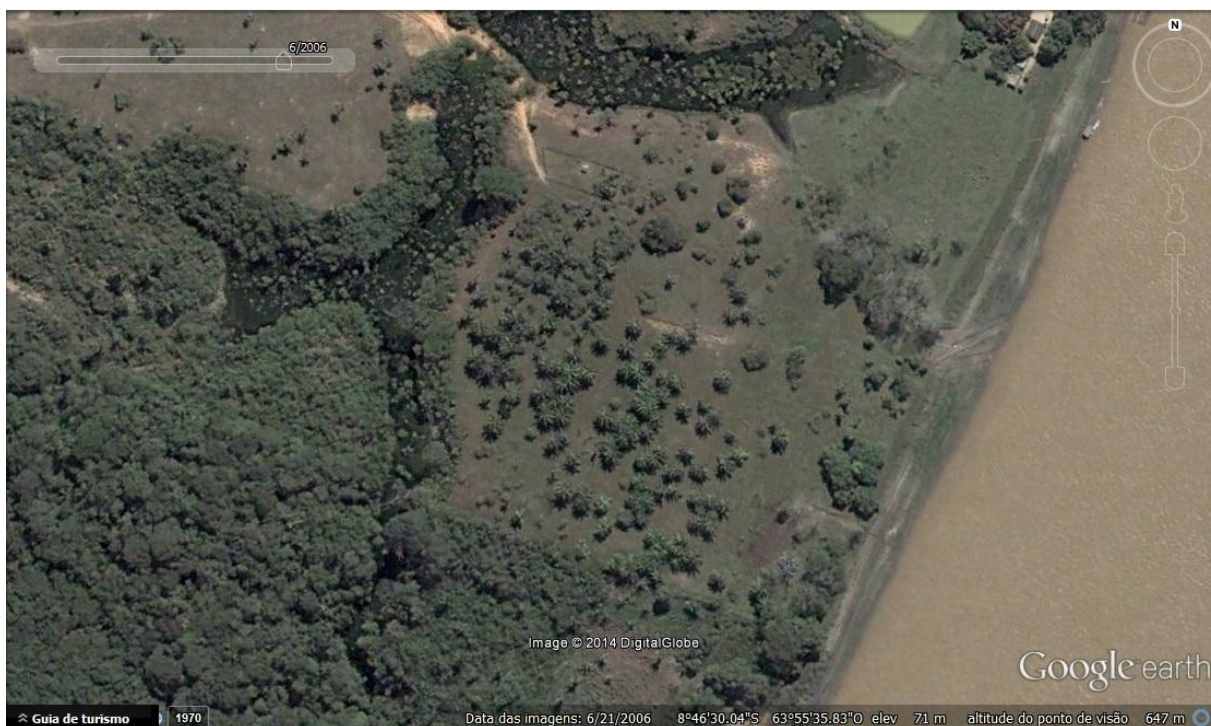


Figura 17: Ao centro da imagem, entre o igarapé e o rio Madeira está o sítio Novo Engenho Velho (Fonte: Google Earth 2014).

A mesma metodologia de delimitação e escavação utilizadas na Ilha de Santo Antônio foi usada no sítio Novo Engenho Velho. Foram executados 100 furos-testes, dos quais 38 apresentaram material arqueológico (majoritariamente cerâmico, sendo 2.083 fragmentos cerâmicos) e 62 não apresentaram nenhum tipo de material. Percebeu-se que na área do terraço havia pequenas elevações de 50 cm de altura e 15 m de comprimento, então se problematizou desde o início das escavações, se tais elevações seriam montículos construídos por atividades humanas no passado (Scientia 2011). A distribuição do material cerâmico

proveniente da delimitação era compatível com a distribuição dos montículos, ocupando um espaço de 3,4 hectares, incluindo uma área central (plana) que apresentou pouco material arqueológico (Figura 18).

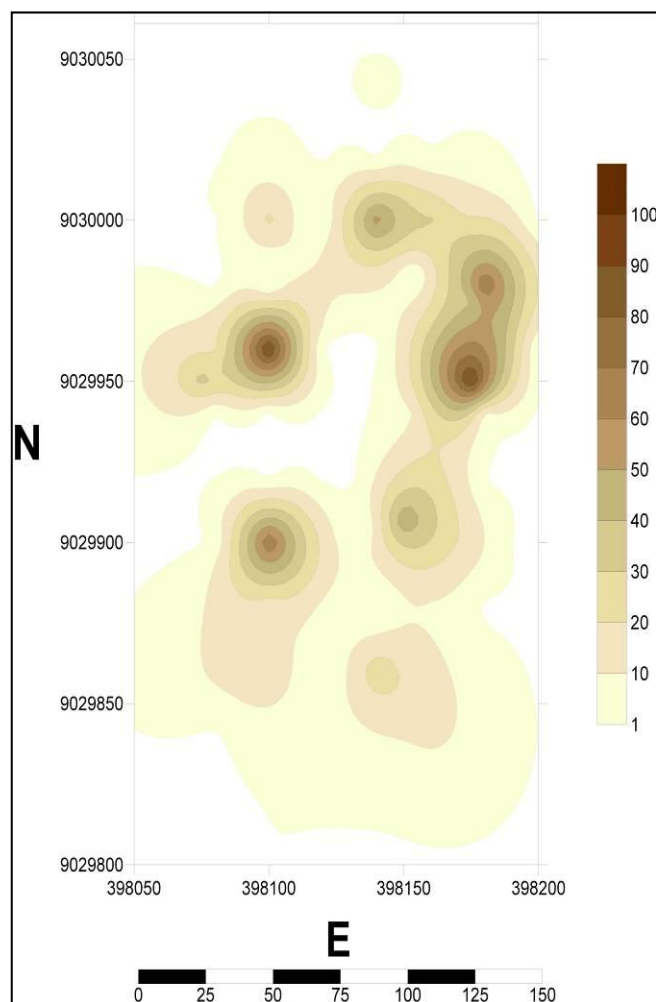


Figura 18: Mapa de densidade dos materiais cerâmicos do sítio Novo Engenho Velho (Scientia 2011).

As escavações do sítio Novo Engenho Velho ocorreram em duas etapas. A primeira em agosto de 2008, quando foram escavados cinco montículos e uma área correspondente ao setor sul, onde foram coletados 5.450 fragmentos cerâmicos de dezoito unidades. A segunda etapa ocorreu em agosto de 2010, quando foi escavado o sexto montículo e coletados 1.076 fragmentos cerâmicos de três unidades. A figura a seguir mostra a distribuição dos montículos no sítio:

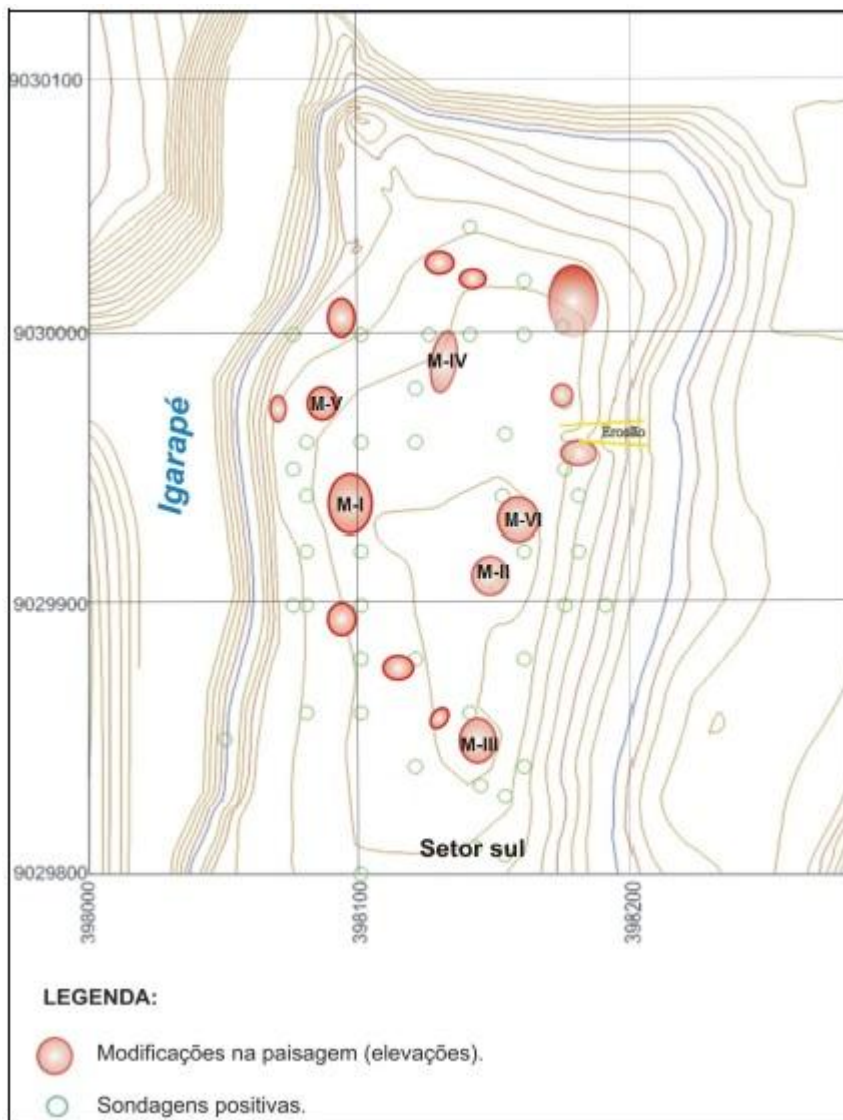


Figura 19: Montículos escavados no sítio Novo Engenho Velho (adaptado de Scientia 2011).

O montículo I situava-se na porção oeste do sítio e a primeira unidade de escavação (N1000 E954) foi aberta no ponto mais alto do montículo. Ocorreu material arqueológico até 80 cm de profundidade, no entanto observou-se uma camada mais escura entre os níveis 40 e 60 cm. A unidade N1000 E951 foi aberta para verificar se tal camada também ocorria naquele local que tinha desnível mais suave, o que foi comprovado aos 50 cm de profundidade com a identificação da referida camada e ocorrência de muitos vestígios cerâmicos. A escavação foi paralisada naquela unidade e decidiu-se abrir uma trincheira ligando as duas unidades para verificar o comportamento desta camada. Assim foram abertas as unidades N1000 E952 e N1000 E953 e niveladas em 50 cm com a unidade N1000 E951. A retomada da escavação da N1000 E951 revelou um aglomerado de fragmentos cerâmicos de diversas partes de vasilhas quebradas *in situ* associados a blocos lateríticos, carvões, líticos e trepes de argila. Essas

cerâmicas passaram a ser pedestalizadas e mantidas na unidade a fim de entender como estavam distribuídos esses vestígios que passaram a ser tratados como Estrutura 1 (Scientia 2011).

Visando compreender a amplitude da Estrutura 1 foram abertas outras quatro unidades (N999 E950, N999 E951, N1001 E951 e N1000 E950) cujas escavações exibiram a mesma distribuição de vestígios e ainda possibilitaram a coleta de uma casca de semente de urucurí queimada e nódulos de argila que provavelmente foram queimados, indicando uma estrutura de combustão (Scientia 2011). A partir de escavações mais amplas e a pedestalização dos vestígios foi possível entender a configuração da Estrutura 1 que apresentou forma elipsoidal (Figura 20).

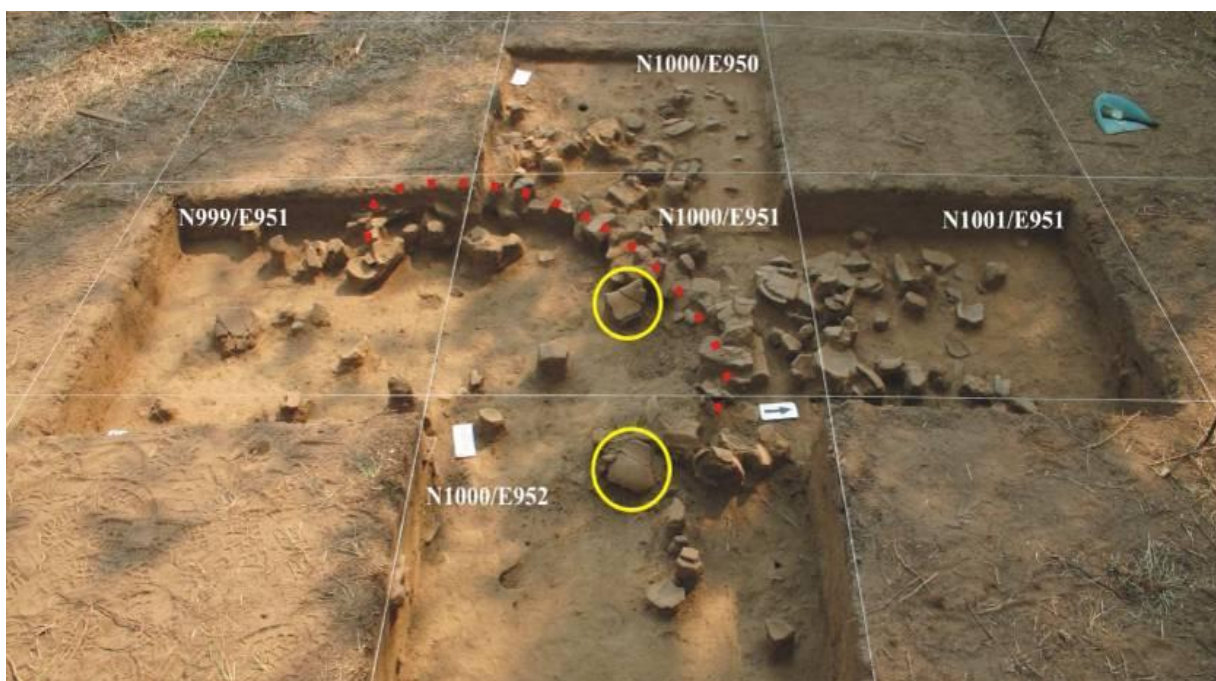


Figura 20: O pontilhado em vermelho indica a forma da estrutura composta por trempes de argila, blocos de laterita e fragmentos de cerâmica. Os círculos amarelos mostram alguns exemplos de fragmentação *in situ* das vasilhas (Scientia 2011).

A última unidade desse montículo (N1000 E957) foi escavada na porção leste onde o desnível era mais acentuado. Entre os níveis 30 e 50 cm foram coletados vários fragmentos cerâmicos junto a uma camada escura, que parece corresponder à mesma camada arqueológica já mencionada nas outras unidades. No entanto a quantidade de material arqueológico mostrou-se quantitativamente inferior.

As escavações nesse setor permitiram formular em campo algumas proposições (Scientia 2011). O montículo I não era uma construção recente, produto das modificações que a paisagem sofreu nos últimos anos em virtude da pecuária e abertura de estradas, mas a herança de uma ocupação indígena que marcou o ambiente. Vasilhas cerâmicas quebradas *in situ* mostram que as intervenções recentes não afetaram esse contexto. A Estrutura 1, entendida como refúgio primário por estar em seu local de uso (Schiffer 1972), mostrou que ali seria uma unidade habitacional, especificamente os fundos de uma casa. Essa ideia é apoiada pela própria configuração do montículo I que apresentava maior quantidade de vestígios arqueológicos, incluindo a Estrutura 1, na porção oeste onde o desnível era mais suave contrastando com a porção leste que tinha menor frequência de material arqueológico e desnível acentuado, esta última supostamente a frente da casa. Essa habitação data de eventos pré-coloniais tardios, conforme a datação radiocarbônica obtida na unidade N1000 E952 (Tabela 2).

Tabela 2: Datação do sítio Novo Engenho Velho (Fonte: Scientia Consultoria Científica).

Amostra	PN	Unidade	Nível	Data convencional	Data calibrada	Data calendário	Código do laboratório
NEVH-NP-0121	121	N1000 - E952	50-60 cm	490 ± 50 BP	Cal AD 1330 to 1340, Cal AD 1400 to 1460	Cal BP 620 to 610, Cal BP 560 to 490	Beta -260339

Estratigraficamente as nove unidades apresentaram uma camada escura que concentrava a maior quantidade de vestígios arqueológicos, mas ela esteve sempre orientada horizontalmente sem acompanhar o desnível do montículo. Isso significa que a composição do montículo não existia no contexto sistêmico, sendo produto do desmoronamento da habitação (Scientia 2011).

Conforme mostra o perfil da unidade N1000 E952 (Figura 21) foram identificadas cinco camadas: I) camada com alta compactação de textura argilo-arenosa (*yellowish brown* 10YR 5/4), apresentou poucos vestígios arqueológicos; II) camada com baixa compactação de textura areno-argilosa (*gray* 10YR 5/1), apresentou vários carvões, solo aparentemente queimado, cinzas e bioturbações, possivelmente ocorre uma fogueira nesta camada; III) camada arqueológica de baixa compactação de textura silto-argilosa (*light yellowish brown* 10YR 6/4), apresentou alta quantidade de materiais cerâmicos associados a Estrutura 1, carvões, raízes e bioturbações; IV) camada com baixa compactação de textura areno-siltosa

(*brown* 10YR 5/3), ausência de vestígios arqueológicos e presença de poucos carvões; V) camada húmica com baixa compactação de textura areno-siltosa (*brown* 10YR 5/3), ausência de vestígios arqueológicos (Scientia 2011)⁷.

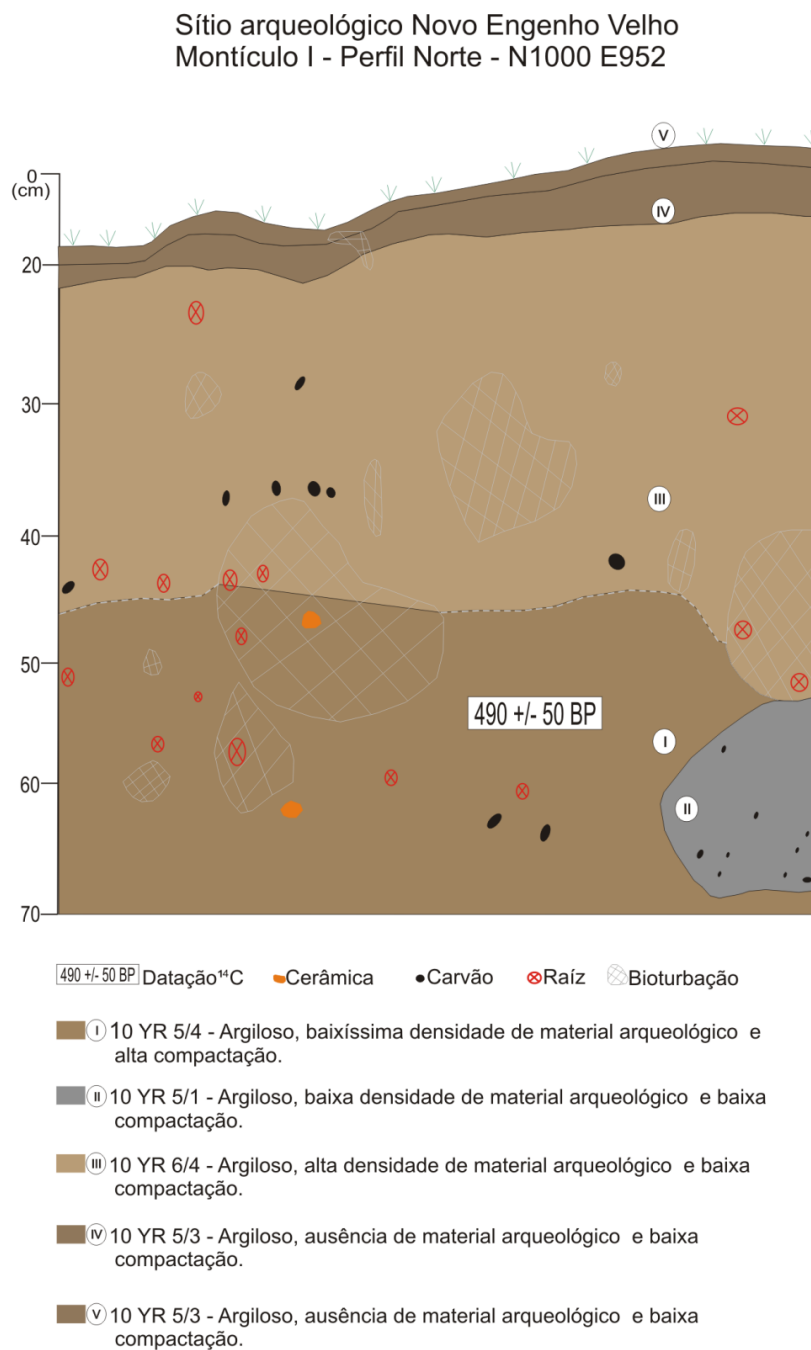


Figura 21: Perfil norte do montículo I (Desenho: Rodrigo Suñer; Arte: Angislaine Costa).

⁷ Embora as camadas IV e V apresentem as mesmas características (textura, coloração e ausência de vestígios arqueológicos), foi mantida a divisão das duas camadas como está no croqui de campo, mas elas certamente eram uma única camada.

No montículo II, situado na porção leste do sítio onde havia várias palmeiras de urucurí, foram abertas quatro unidades de escavações, das quais três delas (N964 E1011, N965 E1011 e N966 E1011) concentraram-se na porção norte do montículo, que possuía declividade mais acentuada, enquanto a quarta unidade (N956 E1011) foi aberta ao sul, onde o desnível era mais suave (Figura 22). Tais unidades exploraram melhor a estratigrafia e a frequência de cerâmicas considerando a ideia do desnível monticular, conforme visto no montículo I.



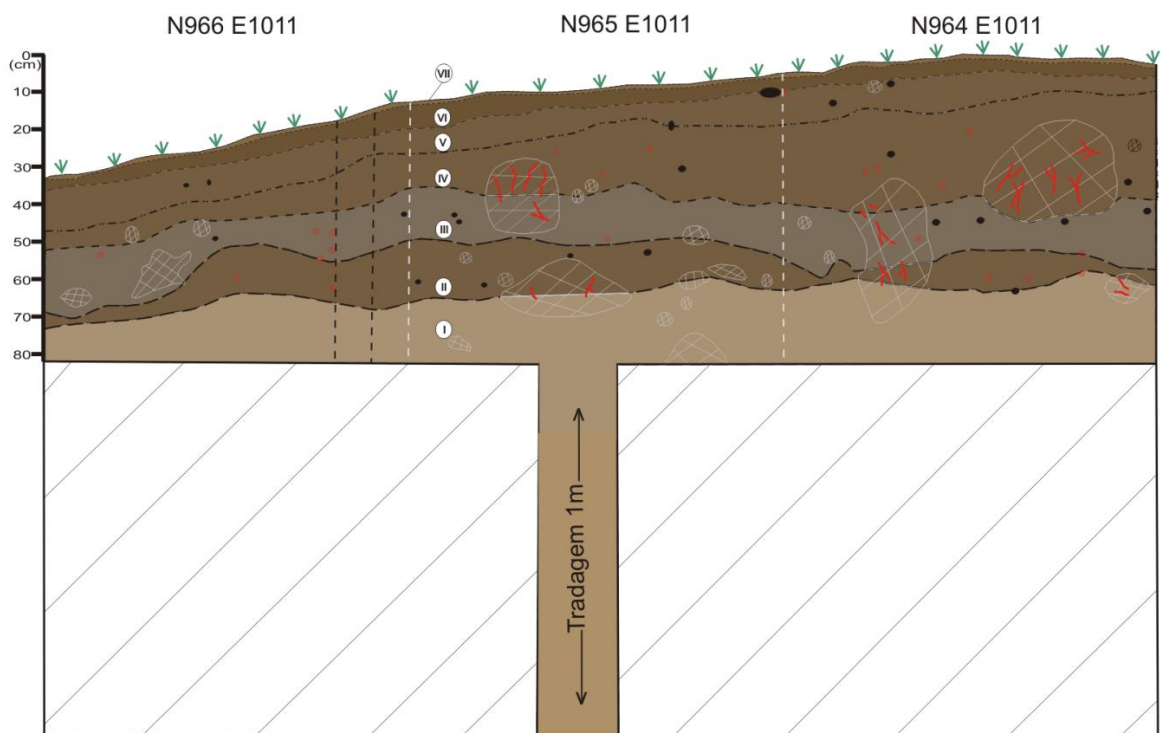
Figura 22: Escavações no montículo II. À esquerda está a parte norte do montículo e à direita a parte sul (Scientia 2011).

Nas três unidades escavadas ao norte do montículo II foi evidenciado um estrato arqueológico com solo escuro “enterrado”, onde se concentrava os vestígios cerâmicos. Esse estrato corresponde às camadas estratigráficas III com cerca de 20 cm de espessura, variando o nível de profundidade a cada unidade. Embora as unidades sejam marcadas por bioturbações, elas apresentaram duas bordas de vasilhas cerâmicas com gargalo bem preservadas, mas a quantidade de material arqueológico é baixa se comparado ao montículo I.

O estrato arqueológico mostrou-se relativamente horizontal sem acompanhar o desnível do montículo. Foram definidas sete camadas⁸ ao longo da escavação do lado norte do montículo II (Figura 23), sendo elas: I) camada com alta compactação de textura argilosa (*pale brown* 10YR 6/3 para o solo seco e úmido), apresentou bioturbações que provavelmente movimentaram os poucos vestígios arqueológicos que ocorreram; II) camada de transição com alta compactação de textura argilo-arenosa (*yellowish brown* 10YR 5/4 para o solo seco e *dark brown* 10YR 4/3 para o solo úmido), ausência de vestígios arqueológicos, apresentou bioturbações, raízes e carvão; III) camada arqueológica com média compactação de textura argilo-arenosa (*dark yellowish brown* 10YR 4/4 para o solo seco e *dark grayish brown* 10YR 4/2 para o solo úmido), apresentou vestígios arqueológicos, bioturbações, raízes e carvões; IV) camada com média compactação de textura argilo-arenosa (*dark brown* 10YR 4/3 para o solo seco e úmido), apresentou vestígios arqueológicos e bioturbações; V) camada com média compactação de textura argilo-arenosa (*dark yellowish brown* 10YR 4/4 para o solo seco e *dark brown* 10YR 4/3 para o solo úmido), apresentou poucos vestígios arqueológicos, pequenas bioturbações, carvões e raízes; VI) camada com média compactação de textura argilo-arenosa (*pale brown* 10 YR 6/3 para o solo seco e *dark yellowish brown* 10YR 3/4 para o solo úmido), apresentou poucos vestígios arqueológicos, raízes e carvão; VII) camada húmica pouco compactada de textura argilo-arenosa (*brown* 10YR 5/3 para o solo seco e *dark brown* 10YR 4/3 para o solo úmido), apresentou poucos vestígios arqueológicos (Scientia 2011).

⁸ As camadas foram descritas com o solo seco e úmido. Os pedólogos costumam analisar apenas o solo úmido na tabela Munsell, manteve-se a descrição feita em campo para comparação, mas nas figuras dos perfis considerou-se apenas o solo úmido.

Sítio arqueológico Novo Engenho Velho - Montículo II - Perfil Leste



Bioturbação • Carvão Raiz Coluna de sedimento Limite difuso das camadas Área não escavada

I 10 YR 6/3 - Argiloso, baixíssima densidade de material arqueológico e alta compactação.

II 10 YR 4/3 - Argilo-arenoso, ausência de material arqueológico e alta compactação.

III 10 YR 4/2 - Argilo-arenoso, alta densidade de material arqueológico e média compactação.

IV 10 YR 4/3 - Argilo-arenoso, baixa densidade de material arqueológico e média compactação.

V 10 YR 4/3 - Argilo-arenoso, baixíssima densidade de material arqueológico e média compactação.

VI 10 YR 3/4 - Argilo-arenoso, baixíssima densidade de material arqueológico e média compactação.

VII 10 YR 4/3 - Argilo-arenoso, baixíssima densidade de material arqueológico e baixa compactação.

Figura 23: Perfil leste do lado norte do montículo II (Desenho: Bruna Rocha, Mirtes de Oliveira e William Almeida; Arte: Angislaine Costa).

A unidade N966 E1011 escavada no desnível suave (direção sul do montículo II), apresentou a camada arqueológica mais próxima da superfície e com coloração mais escura do que as unidades escavadas ao norte. O material cerâmico nesta unidade ocorreu predominantemente entre os níveis 10 e 50 cm de profundidade.

Foram definidas cinco camadas (Figura 24): I) camada arqueologicamente estéril com alta compactação de textura argilosa (7.5 YR 4/6 para o solo seco e 7.5 YR 5/6 para o solo úmido), apresentou bioturbações e algumas raízes; II) camada com média compactação de textura areno-argilosa (10YR 5/3 para o solo seco e 10 YR 4/4 para o solo úmido), apresentou baixíssima densidade de vestígios arqueológicos, bioturbações e raízes; III) camada

intermediária com média compactação de textura argilo-arenosa (10YR 5/3 para o solo seco e 10YR 4/4 para o solo úmido), apresentou baixa densidade de vestígios arqueológicos, raízes e bioturbações; IV) camada arqueológica com média compactação de textura argilo-arenosa (*dark brown* 10YR 4/3 para o solo seco e *very dark brown* 10YR 2/2 para o solo úmido), apresentou alta densidade de vestígios arqueológicos, raízes e bioturbações; V) camada húmica com baixa compactação de textura areno-argilosa (10YR 5/3 para o solo seco e 10YR 3/3 para o solo úmido), ausência de vestígios arqueológicos, apresentou raízes e bioturbações (Scientia 2011).

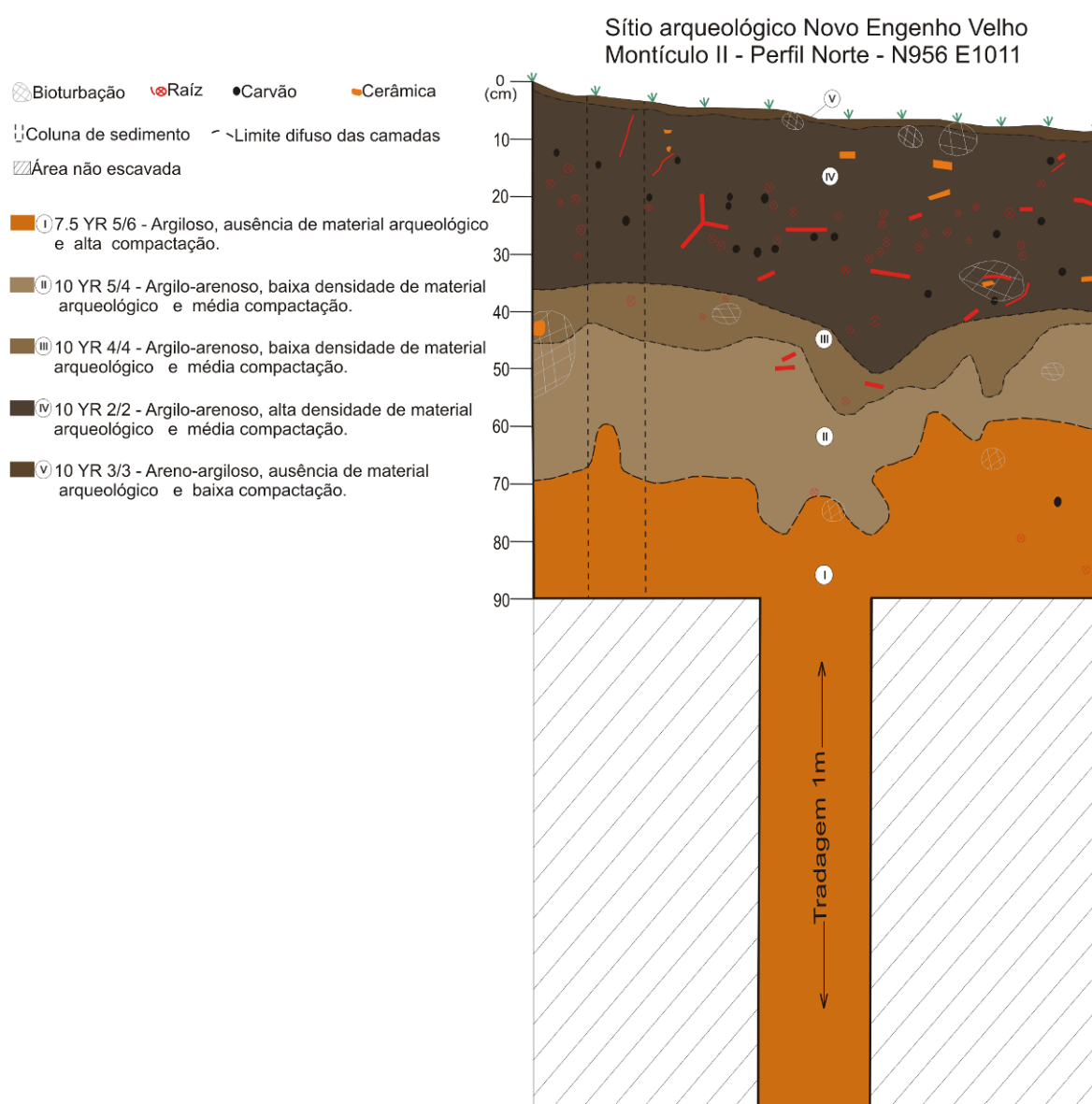


Figura 24: Perfil norte do lado sul do montículo II (Desenho: Bruna Rocha, Mirtes de Oliveira e William Almeida; Arte: Angislaine Costa).

Para obter mais informações foram realizadas 12 tradagens do norte ao sul do montículo II, de forma que os furos ao sul apresentaram maior quantidade de vestígios arqueológicos do que aqueles do norte; nesse último setor duas tradagens não apresentaram material. Numa comparação da contagem de fragmentos cerâmicos em campo, as três unidades escavadas ao norte do montículo II apresentaram 536 fragmentos contra 523 da única unidade escavada ao sul (Scientia 2011). O contexto do montículo II é muito semelhante ao do montículo I em relação à distribuição dos vestígios arqueológicos associado aos desníveis suave e acentuado.

A explicação formulada em campo para justificar a diferença quantitativa de material arqueológico, considerando a coloração do solo como consequência de atividades orgânicas, é a de que a parte sul do montículo II tenha sido no passado uma zona de descarte (Scientia 2011), ou seja, um refugio secundário. É importante enfatizar que essa lixeira apresentou o solo tão escuro que é o mesmo classificado para a TPI, permitindo apontar que a formação desse solo no montículo II poderia estar se processando nos fundos da casa em meio ao acúmulo de restos orgânicos e artefatos varridos, onde também poderia ter ocorrido a incineração do lixo contribuindo para a formação da TPI como apontam exemplos etnoarqueológicos (Hecht 2003, Silva 2009a: 30, 2009b: 59).

O montículo III, situado a sudeste do sítio, possuía a mesma morfologia dos montículos descritos anteriormente, ou seja, com um desnível mais abrupto à noroeste e outro mais suave a sudeste. Onde a declividade era suave foram abertas duas unidades de escavação (N906 E984 e N906 E985) na tentativa de aumentar a amostra de fragmentos cerâmicos, uma vez que esse setor mostrou-se com maior densidade de vestígios arqueológicos, conforme escavações nos montículos anteriores.

Foram identificadas quatro camadas, sendo a segunda a camada arqueológica (*dark yellowish brown* 10YR 4/4) com cerca de 30 cm de espessura. Os poucos vestígios arqueológicos que estavam fora dessa camada certamente foram movidos por bioturbações, as quais alcançaram mais de 10 cm de diâmetro em ambas as unidades. Destaca-se a ocorrência de seixos arestados que podem ter sido utilizados como trempes em atividades domésticas (Scientia 2011).

A cerca de 30 m do montículo III, foi aberta uma unidade no setor sul do sítio (N90298222/E398154). Embora o local não apresentasse montículo, havia um leve declive

ocasionado por processos erosivos expondo a cerâmica, bem como os furos-teste já haviam identificado que aquela zona marginal do sítio tinha potencial arqueológico. Os dois primeiros níveis foram os que concentraram maior frequência de fragmentos cerâmicos, que ocorrera até o nível 40 cm; a unidade foi finalizada após três níveis estéreis.

Ao norte do sítio estava o montículo IV, uma pequena elevação bastante discreta na paisagem. Foram abertas duas unidades (N1040 E987 e N1040 E997) nos extremos leste e oeste. As escavações em ambas as unidades foram levadas até os níveis 80 e 70 cm com a identificação da camada arqueológica (*brown* 10YR 5/3) “enterrada”, onde foram encontradas a maior quantidade de material cerâmico, no entanto em número muito inferior se comparado aos outros montículos.

O montículo V, localizado na porção noroeste do sítio, ao contrário dos montículos anteriores, não foi escavado por unidades de 1 m². Ele foi seccionado nas direções norte-sul e leste-oeste por 10 tradagens realizadas com cavadeira articulada em níveis arbitrários de 20 em 20 cm com o objetivo de verificar a existência de vestígios arqueológicos naquela área. Todas as tradagens apresentaram material cerâmico com maior frequência na porção central do montículo.

Após o término das escavações foram reassentados naquela localidade os moradores ribeirinhos da comunidade Novo Engenho Velho. Em agosto de 2010 uma equipe de arqueólogos da Scientia Consultoria monitoraram a ocorrência de material arqueológico nesta localidade em virtude da construção de fossas sanitárias e bases para sustentar caixas d’água. A partir do reconhecimento realizado foram definidas duas áreas de escavação que poderiam ser impactadas com as recentes obras.

A primeira corresponde à unidade de 1 m² de coordenada UTM 20L 398144L 9029120N, situada numa área ao sul dos montículos, mas fora dos limites estabelecidos para a ocorrência de vestígios arqueológicos durante a etapa de 2008. Foi utilizada a mesma metodologia de escavação da etapa anterior. A unidade foi escavada até 60 cm de profundidade sem presença de material arqueológico e apresentou um aterro nos primeiros 30 cm feito pelos próprios moradores da comunidade para aplainar a área (Scientia 2011).

A segunda área corresponde à abertura da unidade localizada sob as coordenadas UTM 20L 398167L 9029920N, situada em um montículo, mas como o montículo estava aterrado pelas recentes intervenções dos moradores, sua visualização era imperceptível. Os primeiros 70 cm foram de aterro, que inclui grande quantidade de entulho que os moradores

utilizaram para dar regularidade à área do montículo. Entre os níveis 80 e 120 cm ocorreu a camada arqueológica caracterizada por TPI, cerâmicas, carvões e granitos (Figura 25). De 120 a 140 cm o latossolo apresentou-se arqueologicamente estéril (Scientia 2011).



Figura 25: Estratigrafia do montículo VI (Scientia 2011).

Objetivando reconhecer a distribuição desse material disperso na TPI foram abertas outras duas unidades (sob as coordenadas UTM 20L 398166L 9029920N e 398165L 9029920N), formando juntamente com a unidade 398167L 9029920N uma trincheira de 3m. As duas unidades foram escavadas evidenciando ainda mais a TPI e pedestalizando os vestígios arqueológicos que juntamente com fragmentos de granitos formavam uma estrutura (Figura 26).



Figura 26: Vestígios arqueológicos pedestalizados na trincheira do montículo VI (Scientia 2011).

As escavações dessa estrutura revelaram pequenas vasilhas cerâmicas semi-inteiras quebradas *in situ* (Figura 27), juntamente com carvões e sementes de urucurí queimadas, o que sugere um contexto primário de deposição muito semelhante ao do montículo I, a diferença está no registro da TPI. Não foi possível inferir em campo em qual parte do montículo encontrava-se esse contexto primário, mas considerando que esse mesmo tipo de contexto foi encontrado nos fundos do montículo I e que o mesmo tipo de solo (TPI) foi evidenciado na parte detrás do montículo II, pode-se presumir que esse contexto ocorria aos fundos do que seria a casa.



Figura 27: Vasilhas quebradas *in situ* do montículo VI (Scientia 2011).

As pesquisas arqueológicas no sítio Novo Engenho Velho evidenciaram atividades relacionadas às áreas domésticas, um registro raro, na qual foi possível identificar duas ações conhecidas na literatura arqueológica sobre processo de formação: a deposição primária nos montículos I e VI, onde possivelmente funcionavam atividades de cocção; e a deposição secundária no montículo II que representa uma lixeira onde se descartavam restos orgânicos e artefatos. O mais interessante é que esses dois processos foram gerados durante o estágio de habitação (Schiffer 1972, LaMotta & Schiffer 1999).

Espacialmente os montículos estavam distribuídos ao redor de uma área central, a qual parece ter sido limpa periodicamente por não apresentar vestígios arqueológicos representando uma praça (DeBoer & Lathrap 1979). Do mesmo modo, os montículos parecem refletir antigas casas, e talvez existissem mais habitações do que os seis contextos monticulares escavados, levando em conta que havia outras elevações na paisagem.

Na Amazônia, há sítios arqueológicos que apresentam alguns contextos que também ocorrem elevações nas paisagens associadas às ocupações ceramistas. Na Ilha de Marajó ocorrem tesos, modificações humanas intencionais na paisagem formadas por montes de terra que atingem mais de 10 m de altura, compostos por estruturas domésticas e funerárias, onde sua forma e conteúdo no espaço habitacional e cerimonial apontam para marcadores sociais distintos dentro da sociedade *marajoara* (Schaan 2000, Schaan 2007b, Schaan & Silva 2004). Montículos como dos sítios Hatahara e Antônio Galo na Amazônia central, e Jacaré no noroeste Mato-grossense, são igualmente exemplos de aterros intencionalmente construídos (Machado 2005, Migliacio 2006: 353, Moraes 2013). Na Amazônia equatoriana elevações na

paisagem também foram construídas na forma de terraços artificiais que funcionaram como centros políticos e religiosos (Salazar 1998).

No entanto, conforme apontado nas escavações e demonstrado na estratigrafia dos montículos do Novo Engenho Velho, a camada arqueológica apresentou-se horizontal, não acompanhando a declividade dos montículos. Por sua vez, as camadas que formam o montículo não foram interpretadas como arqueológicas. Isso sugere que os montículos desse sítio são fenômenos pós-deposicionais, especificamente produto do abandono da aldeia que teria desabado e suas ruínas teriam sido tomadas por processos naturais formando os montículos. De acordo com LaMotta & Schiffer (1999: 22-23), durante a fase de abandono, a deposição de alguns objetos no interior das habitações podem mascarar reconstruções de atividades domésticas, porém, é possível prever que tipos de artefatos podem ter sido abandonados ou retirados da estrutura doméstica dependendo da circunstância do abandono. Objetos portáteis, com alto custo de substituição e constantemente utilizáveis, tendem a ser retirados dessas estruturas pelo modelo do “menor esforço” e viabilidade de transporte. Esse é o caso de pequenas vasilhas quebradas *in situ* que se encontravam em seus locais de uso no interior dos montículos I e VI que merecem investigação durante a análise cerâmica. Embora não seja refugo de fato, são representativas juntamente com outros vestígios do cotidiano dessas sociedades que parecem ter abandonado rapidamente a aldeia, aparentemente sem planejamento.

A paisagem em que se inseria essa aldeia manifesta algumas particularidades. O terraço no qual está implantado o sítio tem ampla visibilidade para o rio Madeira, que se encontra a sul e oeste. Do outro lado, nas porções norte e leste, a aldeia era cercada por um igarapé, onde antigos moradores relatam que realizavam a pesca de peixes de pequeno porte como traíra, curimatã e cará⁹. Assim sendo, esse grupo poderia explorar a fauna aquática do rio Madeira e do igarapé, ao mesmo tempo, a escolha da localização dessa aldeia pode representar uma estratégia de um ambiente naturalmente defensável¹⁰.

A quantidade de palmeiras de urucurí que estavam inseridas tanto nos montículos quanto na área do entorno, sem ultrapassar os limites da dispersão material, assim como a

⁹ Esse igarapé atualmente serve para os moradores locais criarem peixes pirarucu.

¹⁰ Essa pode não ser uma característica somente desse sítio, na margem esquerda do rio Madeira e próximo a cachoeira de Santo Antônio, os sítios Igarapé do Engenho e Veneza possuíam um igarapé ou um lago limitando a ocupação (Scientia 2011).

presença dessas sementes associadas às deposições primárias, permitem apontar que essas palmeiras estavam sendo manejadas por esses grupos. Além da capacidade de ser aproveitada como alimento, poder-se-ia extrair o óleo dos seus frutos. Esta palmeira apresenta outras funções que permitem seu uso em diferentes atividades, seja transformando o seu óleo em resina para ser aplicado nas superfícies das vasilhas cerâmicas (Lowie 1948: 10), seja utilizando os troncos ocos dessas palmeiras como suportes para guardar penas de animais como faziam os *Kawahíb* (Lévi-Strauss 1948a).

Miller já chamou a atenção para a prática do manejo dessa palmeira na região do alto rio Madeira, onde, segundo ele, a disseminação do urucurí gerada pelos grupos humanos produtores dos artefatos da Tradição Massangana, ocorreu há mais de 4.000 anos associados a solos de TPI, e foi registrada amplamente em ocupações dos povos ceramistas da Tradição Jamarí e da Subtradição Jatuarana, nesta última o urucurí ocupou as formas e dimensões da TPI (Miller 1992: 221, 1999: 334-335). Esses lugares foram manipulados de modo que as evidências dessa intervenção se apresentam na forma de solos antrópicos (TPI) e na presença de palmeiras de urucurí, em vista disso, essas paisagens construídas podem ser entendidas como artefatos vivos (Balée 2008: 16-17).

Os processos deposicionais, a distribuição dos montículos ao redor de uma área central e a ideia de que o Novo Engenho Velho representa uma aldeia, portanto, uma única ocupação, torna o seu registro um importante componente para o enfoque etnográfico, especialmente porque a única datação dessa ocupação não tem muita profundidade temporal. Há que se considerar também que essa aldeia pode ser dos povos produtores da cerâmica Jatuarana, conforme apontado em campo com a identificação de cerâmicas policrômicas (Oliveira et al. 2009). Essas informações foram avaliadas e refinadas durante a análise desses fragmentos.

Capítulo 3 - A variabilidade artefactual no alto rio Madeira: uma interpretação da cerâmica Jatuarana

Este estudo está direcionado para a variabilidade dos artefatos, especificamente da cerâmica. Desta forma, optou-se pela escolha da *classificação estrutural* que tem como parâmetro a análise da variabilidade cerâmica. Esta metodologia foi inspirada na linguística descritiva e aplicada na arqueologia amazônica por Lathrap (1962). Raymond (2009) explicou os princípios, métodos e a aplicação dessa classificação que contribui para compreender a variabilidade cerâmica em seus aspectos funcionais e simbólicos no espaço-temporal, entre conjuntos cerâmicos ou intra e intersítios.

O primeiro passo consiste em determinar as unidades básicas que correspondem a um contexto arqueológico relacionado a um grupo que compartilha ideias e regras. A unidade aqui utilizada são os grupos ceramistas que ocuparam Santo Antônio entre os séculos X e XV DC, a partir dos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho. O objetivo é criar um modelo de conhecimento das ceramistas, a maneira pela qual se produz a vasilha cerâmica, associado a um estilo particular. Os estilos deverão ser diferenciados comparativamente e suas variações explicadas. Porém, para atingir esses resultados é necessário seguir os princípios da análise estrutural, enumerados em quatro pontos básicos: “1) definir aquelas unidades que exibem estrutura; 2) determinar as dimensões de variabilidade; 3) identificar e descrever aqueles valores de variável que afetam o significado; e então 4) construir as regras que estruturam as relações entre dimensões e geram as unidades que contém ‘significado’” (Raymond 2009: 518).

As unidades que exibem estrutura são as vasilhas cerâmicas, mas como se tratam de fragmentos, deverá ser priorizada a reconstituição destas vasilhas, mesmo que seja de forma hipotética, associando diferentes partes (ex. borda com corpo e corpo com base); assim é possível deduzir as formas dos vasilhames que deverão apresentar variabilidade a partir de valores que distinguem as formas. Esses valores são conhecidos como *modos*, definidos da seguinte maneira: “são séries de valores ao longo de dimensões de variabilidade, e são assumidos como sendo as mínimas unidades de variação formal que afetam o significado. Modos são propriedades mutuamente exclusivas de uma variável nominal” (Raymond 2009: 520). Uma vez que essas estruturas são definidas (as regras específicas que regem as formas dos vasos), outras variáveis são analisadas podendo cruzar suas informações com os *modos de formato*, nesse caso, variáveis de tempero, queima e acabamentos de superfície. Raymond

observa que essas inserções de variáveis podem “provar ser multimodais e estruturalmente relacionadas aos modos de formato” (2009: 520).

Na análise modal da decoração, o motivo é analisado separado da vasilha com o objetivo de entender sua estrutura, que poderá ser feita na identificação e comparação de partes de motivos similares para reconhecer as regras que o estruturam, a gramática de motivos permitirá construir representações completas (Raymond 2009: 521). Mas é possível confrontar os modos de formato e decoração, conforme explica Raymond “para alguns estilos, será necessário especificar as relações estruturais entre campo decorativos, se mais do que um ocorre em uma mesma forma de vasilha; para outros estilos, os campos decorativos são independentes de outros campos, mesmo em uma mesma vasilha” (2009: 522).

Portanto, a análise modal pode exibir a variabilidade das vasilhas cerâmicas em suas dimensões morfológicas, nas características tecnológicas e em seus aspectos decorativos.

A variabilidade artefactual pode ser associada à organização social e econômica, cosmologia ou interações culturais (Silva 2007, 2009a, 2009c). Em todo o caso, a variabilidade formal dos artefatos provém do conhecimento, experiência e, sobretudo, das escolhas tecnológicas do(a) artesão(ã) mediante as sequências de produção da *cadeia comportamental* (Schiffer & Skibo 1997). Silva (2009a: 33) lembra que os estudos sobre a variabilidade formal não devem ficar limitados aos contornos e decorações dos artefatos e precisam considerar todas as escolhas levadas a cabo durante o processo de produção que resultou na forma. Consideram-se também os diferentes fatores situacionais que contribuem para provocar variabilidade, são eles: fornecimento e acessibilidade às matérias-primas; diferentes técnicas de fabricação; o transporte de um vaso que demanda escolhas relacionadas ao seu contorno, peso, resistência e estabilidade; atividades de limpeza que necessitem carregar os artefatos a distâncias que demandam facilidade no transporte; atividades de distribuição como festas, troca ou comércio podem exigir distintas performances no *design* do artefato; processos de utilização onde vasos para cozinhar, armazenar e servir tem a composição afetada, ou quando se tratam de usuários de um artefato que deve ser diferenciado em função da idade, sexo, gênero, classe, casta, local de residência, e outras variáveis (Schiffer & Skibo 1997: 34-39).

Esses fatores relacionam-se diretamente às escolhas técnicas das ceramistas. Pensando na classificação estrutural (Raymond 2009) e nas considerações sobre variabilidade formal e cadeia comportamental (Schiffer & Skibo 1997), foram analisados os fragmentos diagnósticos

(borda, base, bojo e carena, bem como fragmentos com pintura, engobo, polimento, brunidura e tratamento plástico) em relação à: composição da pasta (antiplástico e tipos de minerais), técnica de manufatura; queima; acabamentos de superfície (barbotina, polimento, pintura/motivo e técnica de tratamento plástico); e contornos morfológicos (espessura, tipo de base, tipo de borda, diâmetro da base e borda, espessamento da borda, inclinação da borda, tipo de lábio, forma da boca da vasilha, estrutura e contorno) (Shepard 1956, Chmyz 1976, Rice 1987, La Salvia & Brochado 1989).

Outros elementos podem ter deixado alguns vestígios no contexto sistêmico e são passíveis de análise, como as marcas e manchas de uso que podem ser confrontados com os estilos tecnológicos estabelecidos dentro da análise. Alguns fragmentos podem apresentar vestígios de utilização como a fuligem na face externa das vasilhas e o depósito de carbono na face interna, ambos indicando o uso das vasilhas no cozimento de alimentos. A fuligem fornece informações sobre a posição das panelas em relação ao fogo, os depósitos de carbono são testemunhos de atividades de culinárias e resultam da carbonização dos alimentos no interior da panela (Dantas & Lima 2006). Vasilhas utilizadas para fermentar ou armazenar bebidas podem apresentar marcas de fermentação em seu interior, estas marcas ocorrem em forma de descamações (Neumann 2011).

Esses atributos compõe a ficha de análise elaborada por Zuse (2014) e usada na análise do material cerâmico do projeto *Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do UHE Santo Antônio, RO*. A ficha com esses atributos foi utilizada na análise do material de ambos os sítios onde foi digitalizada em tabela Excel a partir da qual foram produzidos gráficos com os dados quantitativos. Esses atributos das produções cerâmicas têm sido utilizados como os principais elementos comparativos entre diferentes complexos cerâmicos e são essenciais para compreender a variabilidade cerâmica presente no alto rio Madeira.

Optou-se por organizar as informações das análises cerâmicas em duas partes, a primeira compreende os dados quantitativos da análise tecnológica de fragmentos cerâmicos diagnósticos e a segunda apresenta as formas reconstituídas. Uma tabela foi realizada para cruzar os dados morfológicos com as diferentes variáveis tecnológicas como propõe Raymond (2009). La Salvia & Brochado (1989: 115) em uma crítica ao manual de Meggers & Evans (1970) e ao PRONAPA, que subordinavam as formas das vasilhas aos antiplásticos e acabamentos de superfícies, apontam que:

em vez de fazer duas seriações separadas, uma segundo o sistema tipo/variedade, incluindo todos os fragmentos, e outra segundo as formas reconstituídas, incluindo, é claro, unicamente aqueles fragmentos que se prestam para isso, principalmente os fragmentos de bordas, para observar se a ordem de uma seriação confirma a outra ou não, a seriação das formas é simplesmente subordinada à seriação dos fragmentos pelo sistema tipo/variedade. O resultado é que em todas as seriações publicadas, como seria de esperar, não se observa nenhuma regularidade na distribuição das formas através do tempo que, muitas vezes, se afirma existir uma certa concordância.

Ressalta-se que as vasilhas foram classificadas segundo as formas geométricas propostas por Shepard (1956), na qual os critérios que definem diferentes vasilhas são a forma e o contorno dos vasos, acompanhados de outros atributos (forma da boca e estrutura da vasilha, forma e inclinação da borda, espessamento, tipo de lábio e base, diâmetro da borda e altura da vasilha). Suas possíveis funções foram sugeridas por marcas e manchas de uso ou utilizando os preceitos metodológicos para vasilhas cerâmicas em Rice (1987).

Ao definir as formas e cruzá-las com diferentes atributos tecnológicos (Tabela 5 e 8), foi necessário determinar em que grau esses atributos foram recorrentes em determinadas formas. Utilizou-se a mesma nomenclatura referida por Raymond (2009), mas aqui elas são entendidas da seguinte maneira:

Comumente (C) - Indica que o atributo é muito recorrente, na maioria dos casos está presente em pelo menos 70% de um modos.

Frequentemente (F) – Indica que o atributo é recorrente, na maioria dos casos está presente em pelo menos 30% de um modos.

Raramente (R) – Indica que o atributo é pouco recorrente, ocorre no máximo em 15% de um modos.

Esse critério possibilitou indicar quanto os atributos analisados são recorrentes em cada forma definida.

3.1. A cerâmica do sítio Ilha de Santo Antônio

O sítio Ilha de Santo Antônio possui uma coleção cerâmica muito diversificada, o que demandou identificar quais eram os padrões de vasilhas desse sítio. Embora apresente um número significativo de vasilhas semi-inteiras, o que é bastante interessante para as reconstituições e comparações intra e intersítios, a maior parte são fragmentos de vasilhas.

São 56.556 fragmentos cerâmicos (50.544 provenientes das escavações e 6.012 dos furos-teste), dos quais 10.221 são diagnósticos (9.644 das escavações e 577 dos furos-teste). Uma amostra de 3.010 fragmentos cerâmicos diagnósticos provenientes das unidades N990 E849, N990 E850, N990 E851, N959 E841, N939 E880 e N870 E840, localizadas em diferentes partes do sítio, foi analisada segundo os atributos apresentados acima. Outros 577 fragmentos diagnósticos dos furos-testes permitiram elaborar alguns mapas da distribuição espacial dos atributos (Figura 16). Uma triagem qualitativa de todo material cerâmico desse sítio foi realizada na qual foi possível desenhar, anotar e quantificar a presença de vários fragmentos quanto ao acabamento de superfície e morfologia.

3.1.1 Análise tecnológica e modal

A escolha da matéria-prima e preparação da pasta ocorre no início da confecção dos artefatos cerâmicos, de acordo com os conhecimentos da ceramista e as necessidades técnicas do tipo específico do artefato. O material básico, a argila, apresenta numerosas variedades quanto à composição e o estado físico. Dá-se o nome de “pasta” a mistura da argila com outros elementos (tempero), usado na confecção da cerâmica, e “antiplástico” ao elemento não plástico já presente na argila ou propositalmente adicionado na pasta pela ceramista que diminui a plasticidade da pasta ou que confere outras propriedades (Chmyz 1976). Um exemplo de antiplástico é o caraipé (*Licania octandra*), uma árvore cuja casca é queimada e suas cinzas são adicionadas na pasta cerâmica. É largamente utilizado na Amazônia, especialmente associado à Tradição Polícroma, embora não seja uma regra para essas cerâmicas (Tamanaha 2012). Já o cauixi é uma espícula de esponja de água doce que tem sido registrado com maior frequência em cerâmicas de ocupações do baixo rio Amazonas, no alto Madeira tem sido observado com maior frequência em cerâmicas de sítios a montante da cachoeira do Teotônio.

No sítio Ilha de Santo Antônio predominam antiplásticos de caraipé associado a mineral¹¹ (60%), e caraipé associado a mineral e carvão (38%), ou seja, as ceramistas desse sítio tinham preferência pela adição do caraipé como tempero da pasta. Poucos materiais apresentaram cauixi na pasta (2%) e algumas vezes associado a outros elementos (caraipé, carvão e mineral). É importante enfatizar que o mineral presente nessa pasta pode ser oriundo da própria argila e não adicionado. A baixa densidade dessas inclusões e os grãos muito finos

¹¹ Esse mineral é majoritariamente grãos de quartzo, mas ocorre também óxido de ferro.

desses minerais apontam muito mais para uma escolha de pasta com poucos minerais, sendo o caraipé o antiplástico predominante.

A análise apontou, a partir das quebras dos fragmentos cerâmicos, que a técnica de confecção predominante é o acordelamento (94%), que consiste em sobrepor vários cordões (roletes) de argila até obter a forma almejada da vasilha. A técnica modelada foi identificada em poucos fragmentos (3%) relacionada à confecção de bases e apêndices; em outros fragmentos (3%) não foi possível identificar a técnica de manufatura.

A queima é uma etapa não menos importante no processo de produção das vasilhas. La Salvia e Brochado (1989) descrevem como ocorre o processo de queima das cerâmicas Guarani que envolvem a secagem das peças, a escolha da fogueira e do combustível, a organização das vasilhas, orientação do fogo em torno das peças, controle da temperatura, aplicação de resina após a queima e o resfriamento das cerâmicas para serem utilizadas. Infelizmente os limites na análise dos remanescentes arqueológicos não permitem verificar estas etapas, mas pode apontar que tipos de queima ocorreram, se são oxidantes, redutoras ou se combinam de forma diferente esses dois tipos.

Vários componentes podem interferir para provocar as atmosferas oxidante e redutora (reduzida), desde o tipo de fogueira, combustível, tempo de queima, etc. Nas quebras dos fragmentos das vasilhas é possível visualizar as duas categorias, considerando as queimas oxidantes como as que produziram pastas com colorações mais claras e as queimas redutoras como as que produziram pastas mais escuras. Assim, na presente amostra, verificou-se que há uma divisão quase proporcionalmente igual dos dois tipos de queima, sendo a oxidante vista em 48% e a redutora em 46% dos fragmentos. Em 3% oxidante na face externa e reduzida na face interna, 2% oxidante na face interna e reduzida na face externa, 1% oxidante com núcleo reduzido e 5 fragmentos reduzidos e núcleo reverso. A queima oxidante prevalece por quase todos os níveis, exceto nos níveis 20-30 e 30-40 em que a queima redutora predomina em maior número de fragmentos. É um dado interessante, pois a cerâmica apresenta baixa porosidade e alta dureza independente do tipo de queima, embora sejam atributos não inclusos nas análises, mas facilmente observáveis na cerâmica.

Após e durante a confecção das vasilhas, as ceramistas alisavam as superfícies interna e externa. Os tratamentos aplicados nas superfícies das vasilhas nem sempre tinham a finalidade decorativa, mas poderiam ser uma escolha funcional ou de simples acabamento (ex. impermeabilizar a vasilha). A superfície pode ser alisada (alisamento fino, médio e grosseiro),

ou polida, brunhida, engobada, pintada ou com tratamentos plásticos que modificam tridimensionalmente a superfície (incisos, exciso, acanalado, roletado, etc). Estas características em particular acabam por definir muitos complexos cerâmicos da Amazônia por alguns deles restringir-se a determinadas áreas.

Verificou-se um esmero no alisamento das superfícies dos fragmentos, considerando que 53% da face externa e 42% da face interna da amostra analisada é polida e 28% da face externa e 33% da interna possui alisamento fino. O alisamento médio ocorreu em alguns fragmentos (9% da face externa e 11% da face interna) e o alisamento grosseiro em poucos, geralmente bases (1% da face interna). A brunidura ocorre em 8% e 4%, nas faces externa e interna, respectivamente. E somente em 2% e 9% não foi possível identificar o tipo de acabamento de superfície, a razão disso foi o estado de conservação de algumas peças que apresentavam-se erodida.

Determinados fragmentos da amostra exibem engobo como acabamento de superfície com predomínio da coloração vermelha em 12% na face externa e 10% na face interna, e laranja, vinho ou branco raras vezes (1% na face externa). Como no sítio da Ilha de Santo Antônio continham três urnas com pintura vermelha e branca em uma ocupação Barrancóide (Zuse 2014), havia uma expectativa que superficialmente houvesse um estilo cerâmico da Tradição Polícroma, especificamente nos primeiros 30 cm escavados que correspondem aos níveis acima de onde a borda desses recipientes foi encontrada. Ao confrontar estatisticamente o material diagnóstico cerâmico analisado dos primeiros 30 cm escavados (1.535 fragmentos) com os níveis mais profundos de 30 a 90 cm (1.475 fragmentos), os quais possuem um tamanho de amostra muito próximos numericamente, tem-se uma maior incidência de engobo vermelho nesses níveis superficiais que totalizam 13%, enquanto os níveis mais profundos resultaram em 10%. Portanto, o engobo vermelho é um atributo que cresce gradativamente ao longo do tempo no sítio Ilha de Santo Antônio.

Por outro lado, poucos fragmentos com pintura foram identificados durante a análise, o que não descarta a possibilidade de pertencerem a indústria cerâmica Jatuarana. São 11 fragmentos com pintura branca e vermelha, 10 com pintura vermelha e um com pintura branca. A baixa frequência de fragmentos com pintura pode significar que essas vasilhas pertencessem a contextos especiais, essa ideia se apoia no contexto funerário desse sítio no qual as urnas possuem pintura nas cores vermelha e branca.

O tratamento plástico está presente em 5% da face externa dos fragmentos analisados (Figura 28). De fato como apontou Miller (1992), parece ocorrer um decréscimo de cerâmicas com tratamento plástico ao longo do tempo. A mesma relação proposta para o engobo vermelho foi realizada para o tratamento plástico e constatou-se que nos primeiros 0-30 cm o tratamento plástico está presente em apenas 3% da cerâmica, enquanto no nível 30-90 cm ocorre em 7%. A maior parte desses tratamentos plásticos são incisos majoritariamente aplicados na borda, aproximam-se a uma tradição arqueológica bastante conhecida da Amazônia, as cerâmicas Barrancóide, também chamada de Borda Incisa (Zuse 2014). Por outro lado, existe uma significativa quantidade de bordas com tratamentos plásticos roletados que não parecem se enquadrar nessa tradição arqueológica.

O tratamento plástico na face interna ocorre apenas em 1% da amostra analisada (Figura 28), onde também predominam incisos nas bordas, mas ocorre o tipo modelado nos lábios que é um traço peculiar de algumas vasilhas desse sítio.

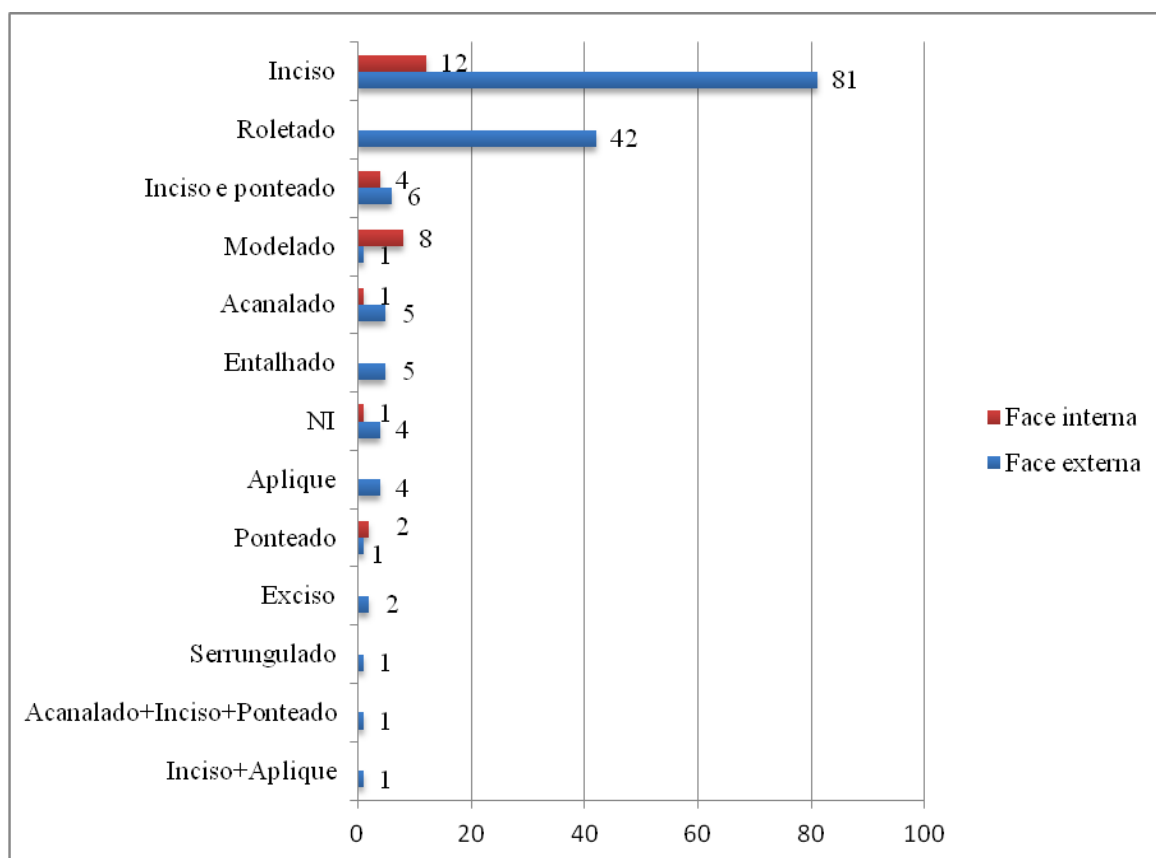


Figura 28: Tipos de tratamentos plásticos do sítio Ilha de Santo Antônio.

Foram analisadas 876 bordas, o que representa 29% da amostra total analisada. São as bordas que oferecem as melhores informações sobre os aspectos morfológicos, sendo elas o ponto de partida para a reconstituição das vasilhas. Das bordas que foram analisadas quanto a forma e inclinação, 15% são diretas inclinada externamente, 13% diretas vertical e 11% extrovertida. Ocorrem em menor número bordas diretas inclinadas internamente (4%), Introvertidas (3%) e uma borda extrovertida com ponto angular. A maior parte do espessamento das bordas são lineares (40%) e contraídas (37%); em menor número podem ser encontradas as bordas expandidas (3%), reforçadas internamente (1%) e duas bordas reforçadas externamente. O número de bordas que não puderam ser verificadas a inclinação (54%) e o espessamento (19%) deve-se a alta fragmentação da coleção. Fragmentos muito pequenos dificultam a visualização desses atributos e entram na categoria de Não Identificados (doravante NI), como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3: Relação da forma e inclinações *versus* espessamento das bordas do sítio Ilha de Santo Antônio.

	Contraída	Linear	Expandida	Reforçada internamente	Reforçada externamente
Direta vertical	55	50	3	0	1
Extrovertida	50	40	3	0	0
Direta inclinada externamente	45	71	6	2	0
Direta inclinada internamente	19	16	0	0	1
Introvertida	10	12	1	0	0
Extrovertida com ponto angular	1	0	0	0	0

Outro exemplo de inversão de atributos está nos espessamentos das bordas em que as expandidas tendem a ser mais recorrentes no níveis profundos, enquanto as contraídas estão mais presentes nos níveis superficiais. Bordas de inclinação introvertida são de vasilhas que ocorreram nos níveis mais superficiais da Ilha de Santo Antônio, onde não há nenhum registro durante a análise deste tipo de borda abaixo do nível 30-40 cm.

Os tipos de lábios dessas bordas são arredondados (62%), planos (18%), apontados (11%), irregulares (3%) e dois biselados (Figura 29).

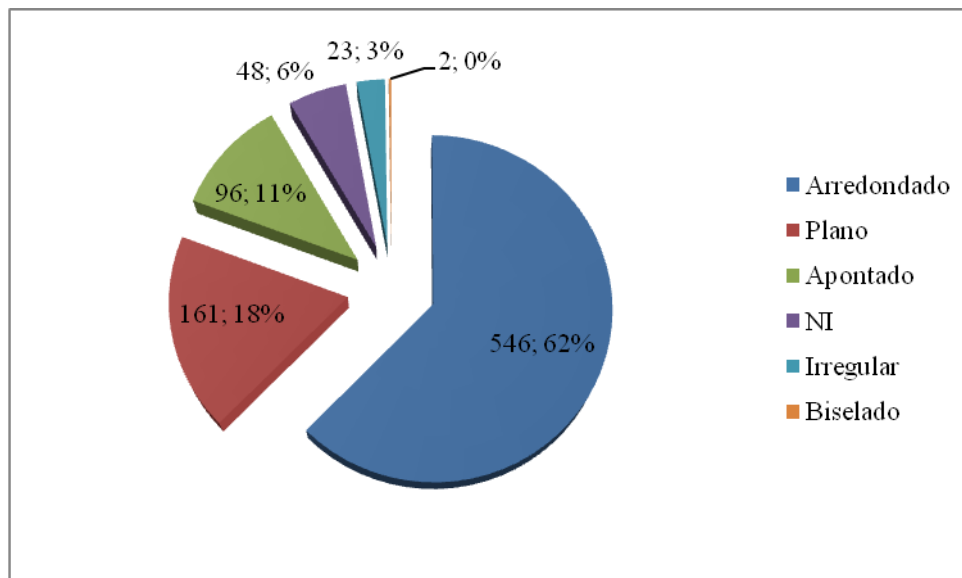


Figura 29: Tipos de lábio do sítio Ilha de Santo Antônio.

O lábio irregular foi uma categoria inserida durante a análise, ela não consta na tipologia, pois são lábios mistos, quando apresentam mais de um tipo de lábio em uma mesma borda geralmente resultando em sutis ondulações na “boca” da vasilha, o que dificulta a observação da inclinação da borda, sugerindo que talvez a vasilha não tivesse a “boca” circular, mas sim possivelmente ovalóide.

As 219 bases identificadas nesse sítio, assim como as bordas, apresentam uma boa variabilidade, mas com predomínio de bases planas (56%), seguida por convexas (10%), em pedestal (8%) e uma côncava. Outros 26% são bases que foram reconhecidas pela quebra do fragmento, mas que não foi identificada a morfologia (Figura 30).

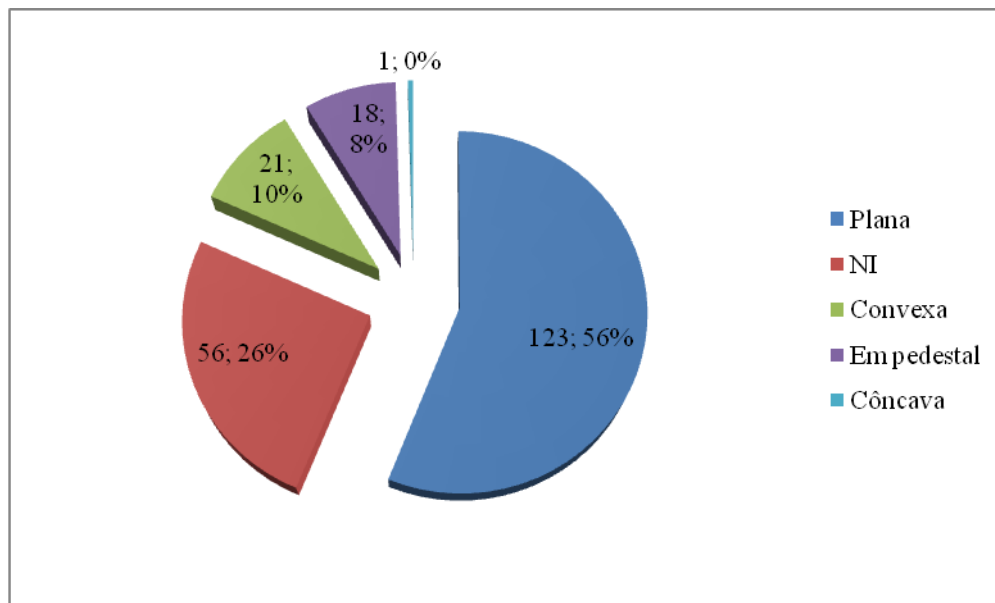


Figura 30: Tipos de bases do sítio Ilha de Santo Antônio.

Marcas e manchas de uso foram identificadas em alguns fragmentos; serão cruzados com a reconstituição dos contornos morfológicos para apontar possíveis padrões de uso das vasilhas. Foram identificados em 4% da amostra fragmentos com fuligem e 2% com depósito de carbono que indicam vasilhas que estavam indo ao fogo. Em 4% observaram-se descamações que indicam a utilização de vasilhas para fermentar bebidas.

As reconstituições morfológicas foram feitas de maneira comparativa entre fragmentos de uma mesma unidade ou próxima, que apresentavam as mesmas características tecnológicas e espessura. Assim, considerando as bordas com seus diâmetros, comparando-as com demais partes do corpo das vasilhas (parede, inflexão, bojo, pescoço e gargalo) que possuem atributos tecnológicos aproximados, e estes últimos com as bases, foi possível reconstituir algumas formas do sítio Ilha de Santo Antônio. Diferentes partes de vasilhas foram identificadas durante a análise como pode ser visto na Tabela 4. Um total de 107 bordas analisadas puderam ter seus diâmetros mensurados, que variou entre 6 cm e 38 cm, assim como 41 bases analisadas puderam ter seus diâmetros medidos entre 4 e 18 cm, que funcionaram como um guia para pensar no tamanho dessas vasilhas. As reconstituições das vasilhas não se limitaram as seis unidades analisadas, como em outras partes do sítio haviam fragmentos que puderam ser desenhados, obteve-se outras formas que não estavam presentes nas unidades analisadas. As formas de vasilhas que puderam ser reconstituídas seguem descritas abaixo.

Tabela 4: Partes das vasilhas analisadas do sítio Ilha de Santo Antônio

Partes das vasilhas	Quantidade
Parede	1452
Borda	848
Inflexão	420
Base	203
Borda e bojo	24
Bojo	19
Base com parede	13
Pescoço/gargalo	9
Alça	1
Asa	1
Borda e pescoço	1
Perfil completo	3
NI – Não Identificado ¹²	16

¹² Peças de vasilhas cuja morfologia não pôde ser identificada.

Forma 1: Corpo de formato circular e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta vertical. Espessamento contraído. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro da boca da vasilha 38 cm. Altura 4 cm.

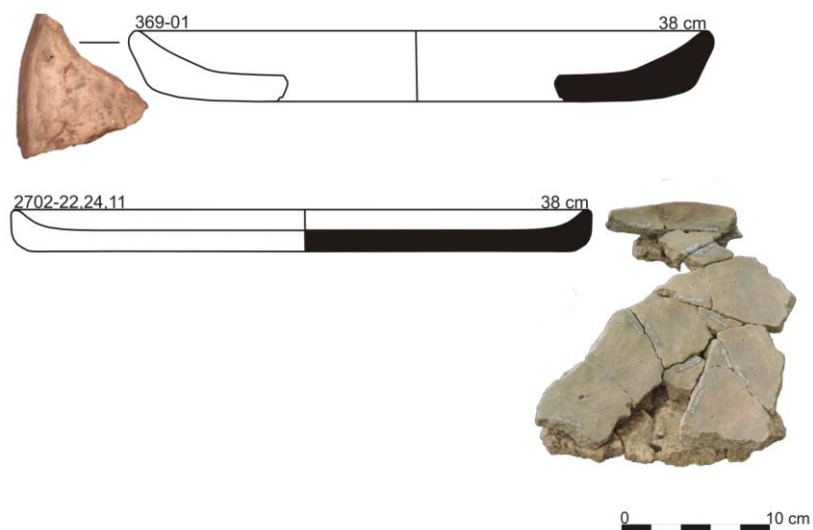


Figura 31: Forma 1 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 2: Corpo no formato de calota esférica e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda inclinada externamente. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado ou apontado. Base plana ou convexa. Diâmetro entre 6 e 32 cm. Altura entre 3 e 12 cm.

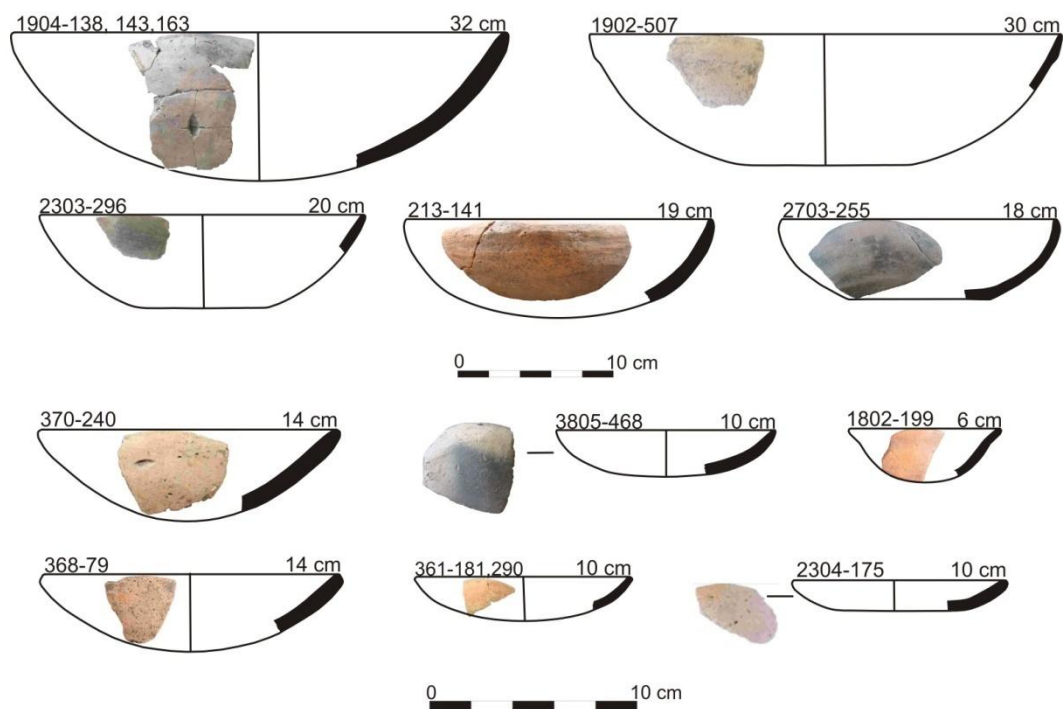


Figura 32: Forma 2 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 3: Corpo no formato de meia esfera e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta vertical. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado, plano ou apontando. Base convexa ou plana. Diâmetro entre 14 e 34 cm. Altura entre 6 e 16 cm.

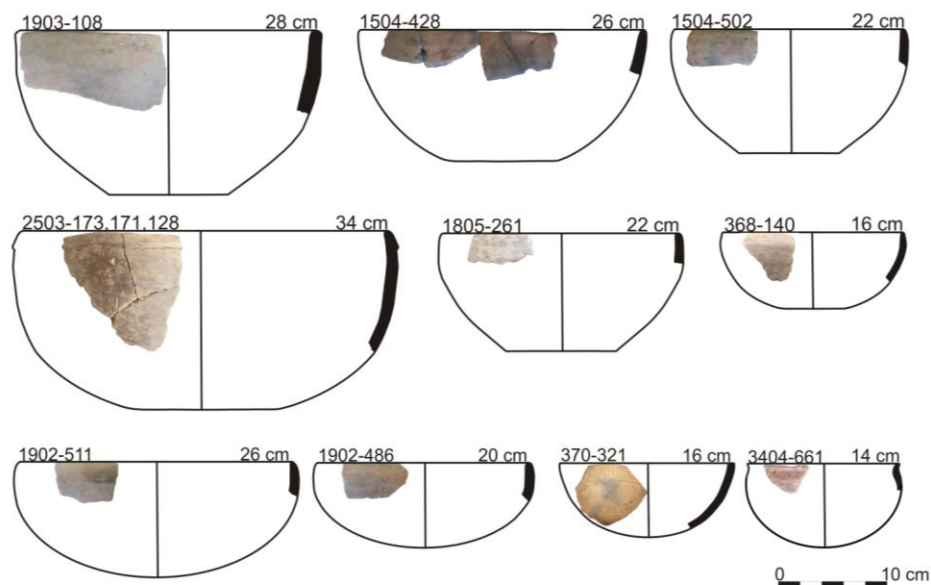


Figura 33: Forma 3 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 4: Corpo de formato esférico e contorno composto. Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento linear. Lábio arredondado. Base convexa. Diâmetro 6 cm. Altura 12 cm.



Figura 34: Forma 4 do sítio Ilha de Santo Antônio

Forma 5: Corpo de formato esférico e contorno infletido. Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida, direta inclinada externamente ou direta vertical. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 6 e 22 cm. Altura entre 9 e 29 cm.

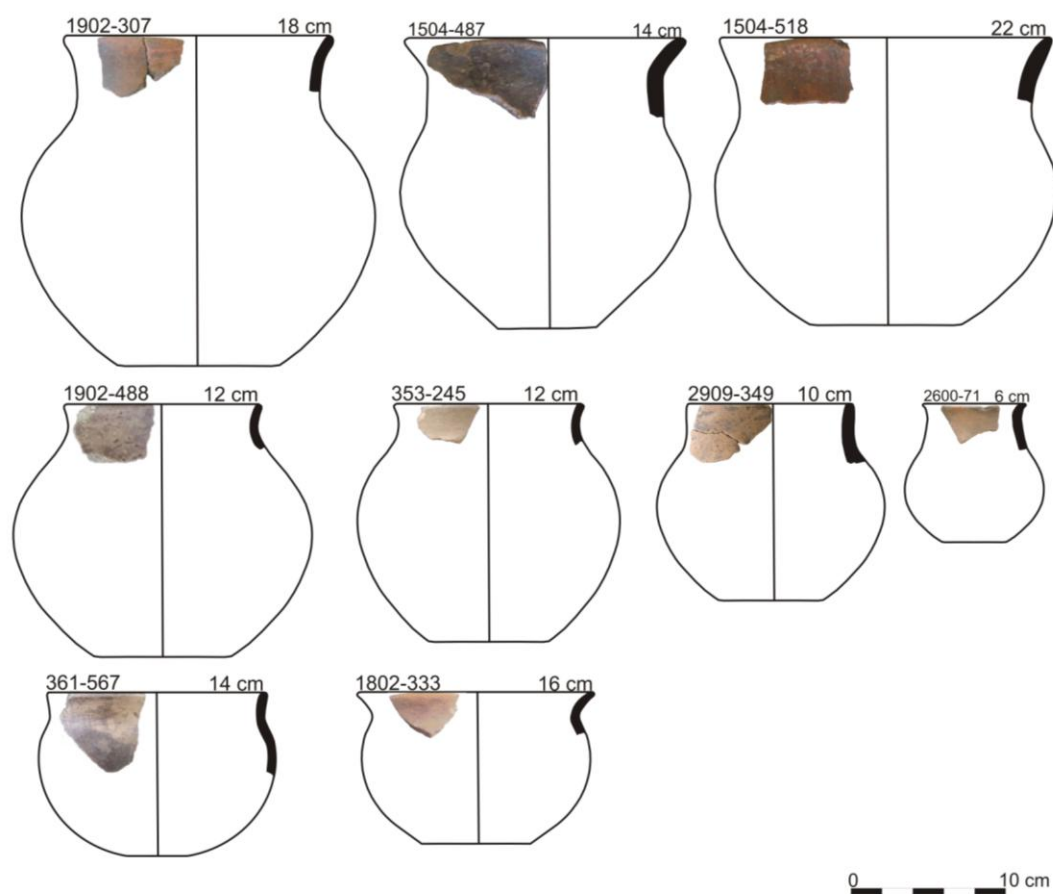


Figura 35: Forma 5 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 6: Corpo de formato elipsoide e contorno simples. Vasilha de boca circular restrita ou irrestrita. Borda direta vertical, direta inclinada internamente ou introvertida. Espessamento da borda linear ou contraído. Lábio arredondado, apontado ou plano. Base plana ou convexa. Diâmetro entre 16 e 34 cm. Altura entre 8 e 16 cm.

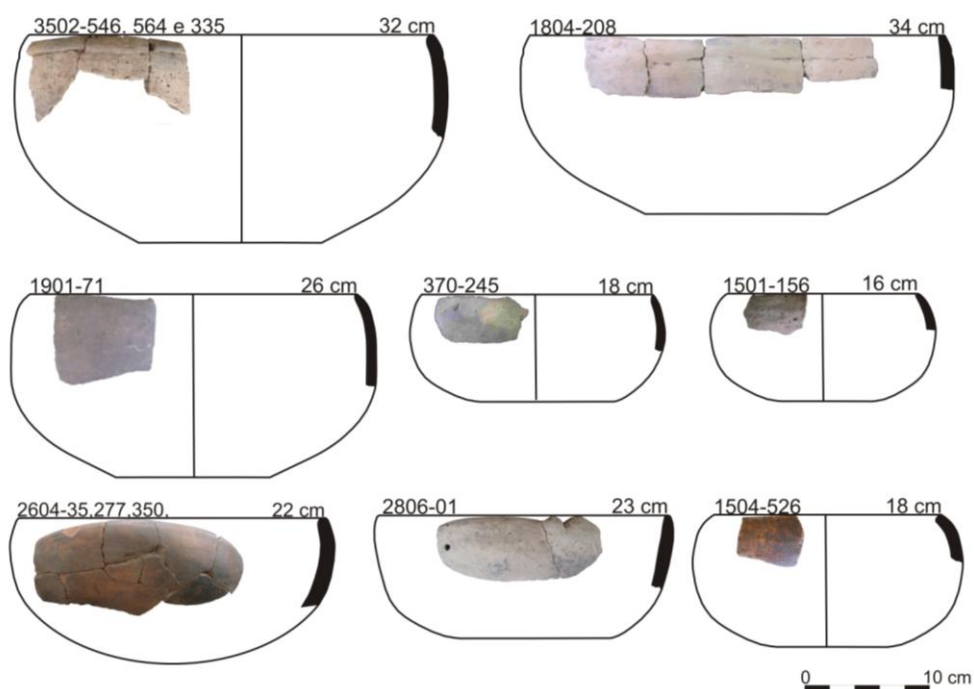


Figura 36: Forma 6 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 7: Corpo de formato esférico e contorno simples. Vasilha de boca circular restrita. Borda introvertida ou inclinada internamente. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado, plano ou apontando. Base convexa ou plana. Diâmetro entre 12 e 35 cm. Altura entre 10 e 24 cm.

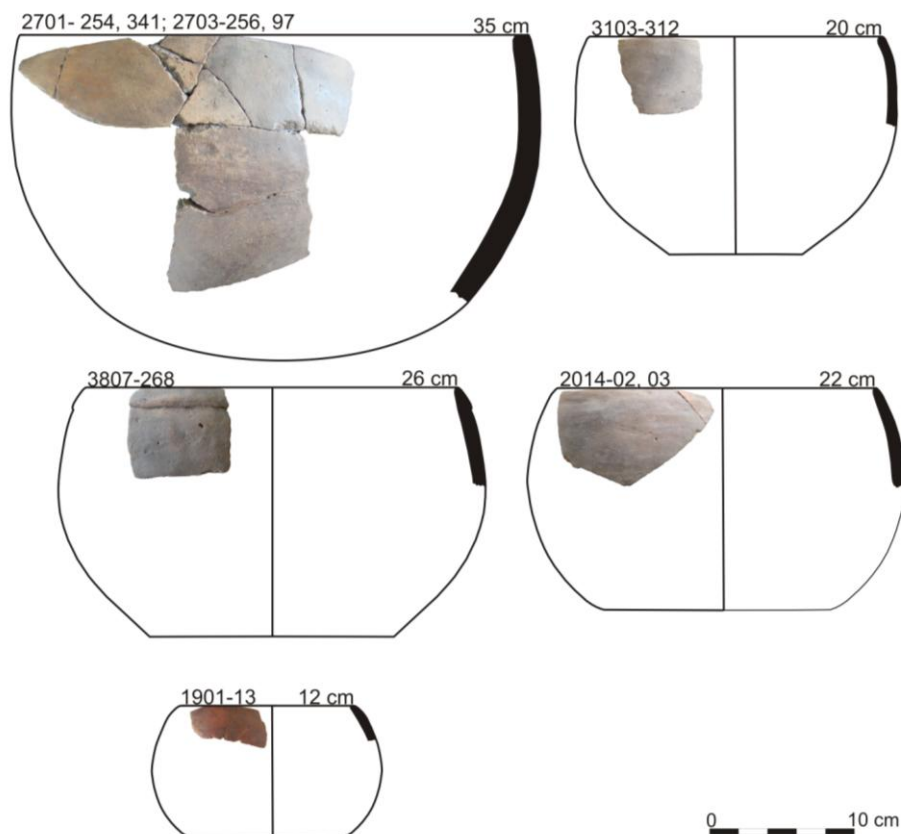


Figura 37: Forma 7 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 8: Corpo de formato ovóide e contorno composto. Vasilha de boca circular irrestrita ou restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento contraído ou expandido. Lábio arredondado. Base convexa. Diâmetro da boca entre 20 e 22 cm. Altura entre 18 e 19 cm.

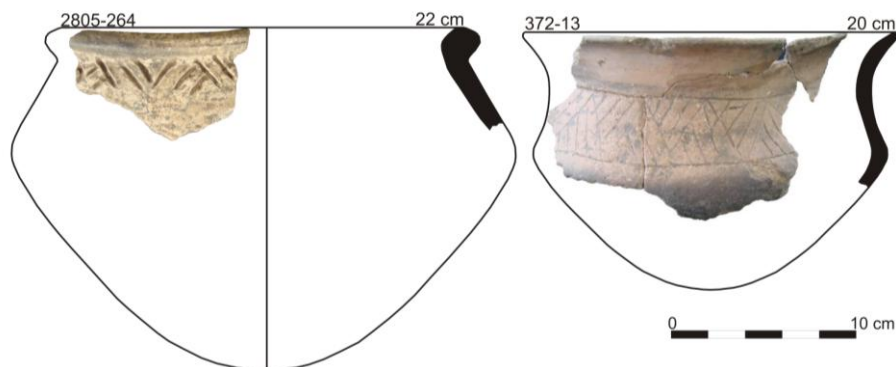


Figura 38: Forma 8 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 9: Corpo no formato esférico e contorno infletido. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda extrovertida. Espessamento linear ou expandido. Lábio arredondado. Base convexa. Diâmetro entre 26 e 29 cm. Altura 24 e 25 cm.

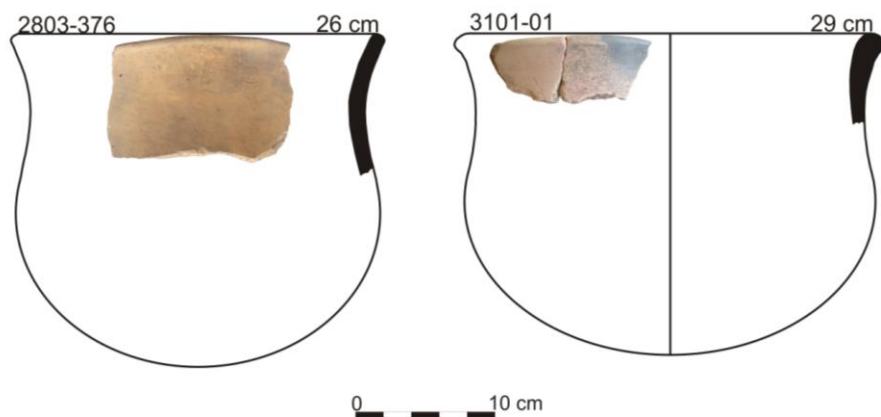


Figura 39: Forma 9 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 10: Corpo de formato ovóide e contorno infletido. Vasilha de boca circular irrestrita ou restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado ou apontado. Base convexa ou plana. Diâmetro da boca entre 20 e 24 cm. Altura entre 15 e 20 cm.

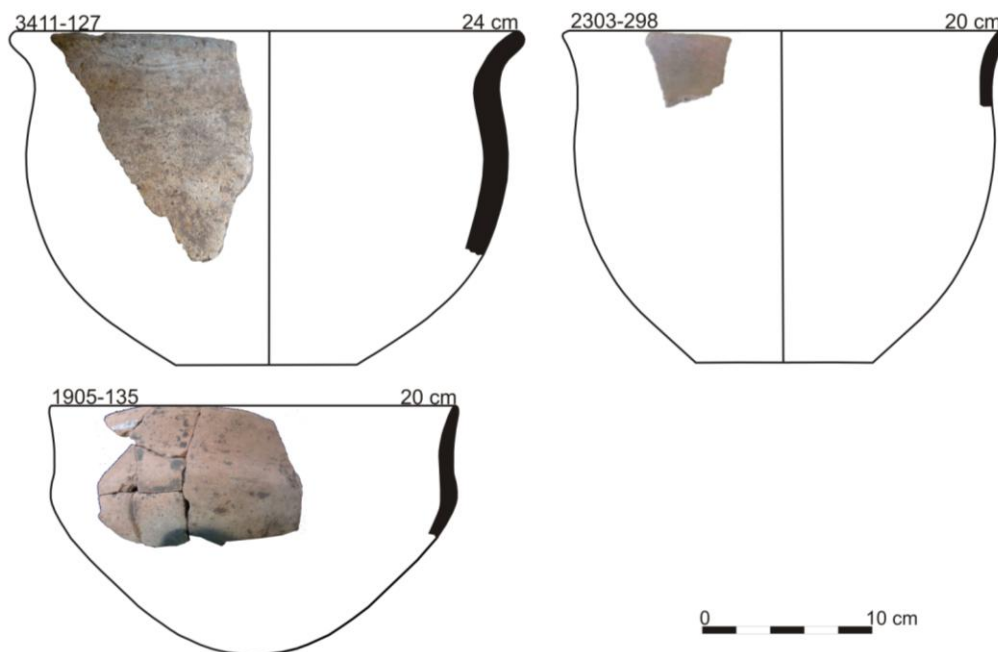


Figura 40: Forma 10 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 11: Corpo de formato esférico contorno infletido. Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado. Base em pedestal. Diâmetro entre 14 e 18 cm. Altura entre 22 e 28 cm.

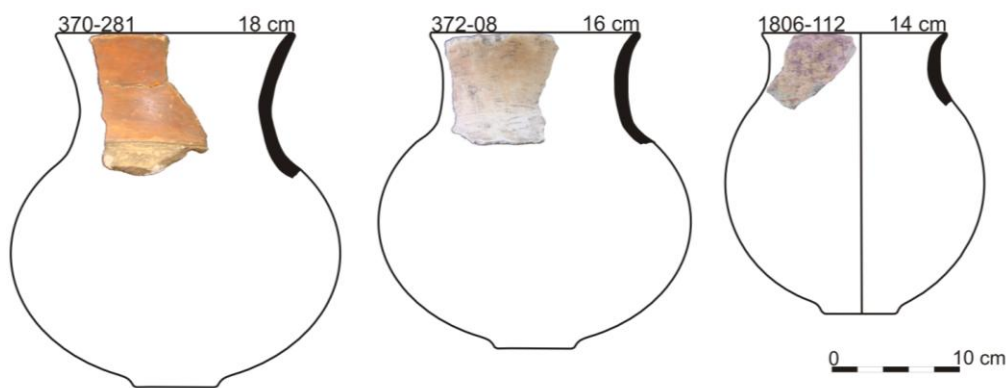


Figura 41: Forma 11 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 12: Corpo de formato elipsoide e contorno infletido. Vasilha de boca circular restrita ou irrestrita. Borda extrovertida. Espessamento expandido ou contraído. Lábio arredondado, apontado ou plano. Base plana. Diâmetro entre 12 e 38 cm. Altura entre 11 e 21 cm.

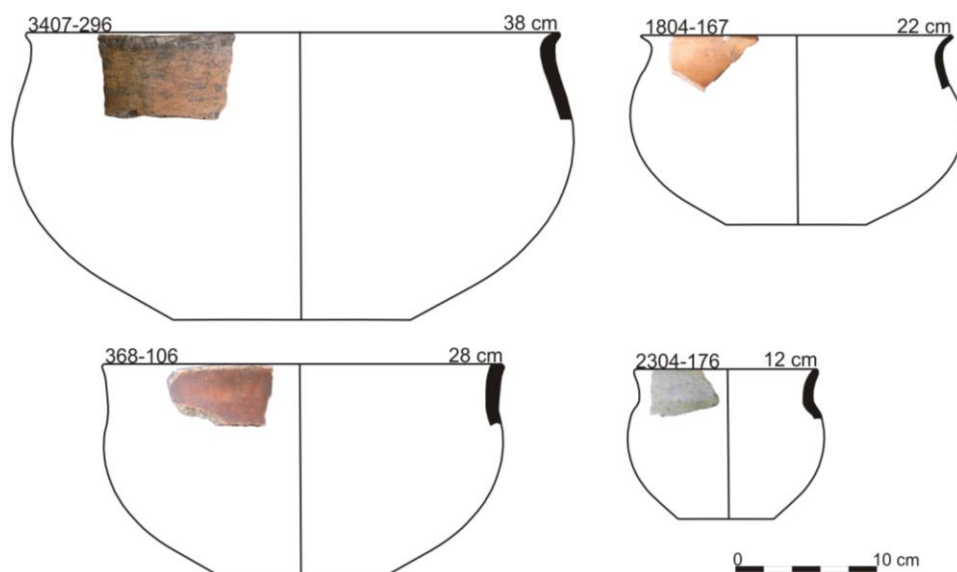


Figura 42: Forma 12 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Forma 13: Corpo de formato trapézio invertido e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta inclinada externamente. Espessamento linear. Láblio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 12 e 16 cm. Altura 6 cm.

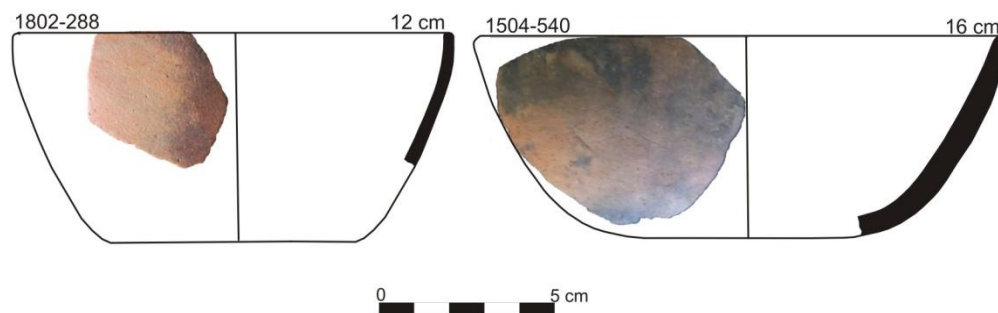




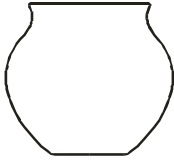

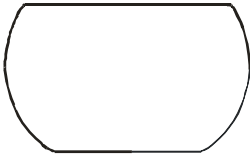
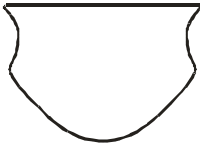
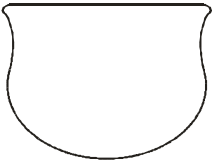
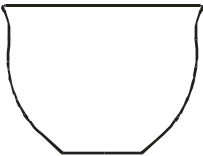
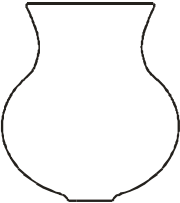
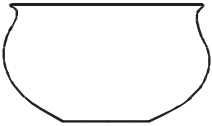
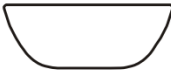


Figura 43: Forma 13 do sítio Ilha de Santo Antônio.

Tabela 5: Ilustração dos modos formais de vasilhas do sítio Ilha de Santo Antônio cruzados com variáveis tecnológicas. C = Modos comumente representados; F = Modos frequentemente representados; R = Modos raramente representados.

Formas	Tempo		Acabamento				Decoração		Utilização		
	Caraipé	Cauixi	Alisamento	Polido	Brunhido	Engobo	Pintura	Trat. Plástico	Fuligem	Dep. de carbono	Fermentação
Forma 1 	C			C				F			
Forma 2 	C		R	C		R			R		

<p>Forma 3</p> 	C	R	R	C	R	F	R	R			
<p>Forma 4</p> 	C			C				C			
<p>Forma 5</p> 	C		R	C	R	R	R				
<p>Forma 6</p> 	C		F	C	R	R		F	R		
<p>Forma 7</p> 	C		R	F				R			
<p>Forma 8</p> 	C		C					C	F		
<p>Forma 9</p> 		C		C							
<p>Forma 10</p> 	C		R	C	R						

<p>Forma 11</p> 	C			C			C	R			C
<p>Forma 12</p> 	C		C	R		F	R				R
<p>Forma 13</p> 	C		C						C		

3. 1. 2. Vasilhas utilizadas como urnas funerárias

Recipientes 1, 2 e 3: Corpo de formato elipsoide ou ovoide e contorno infletido (Figura 44). Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento expandido. Lábio plano. Base convexa. Diâmetro entre 30 e 61 cm. Altura entre 38 e 63 cm.

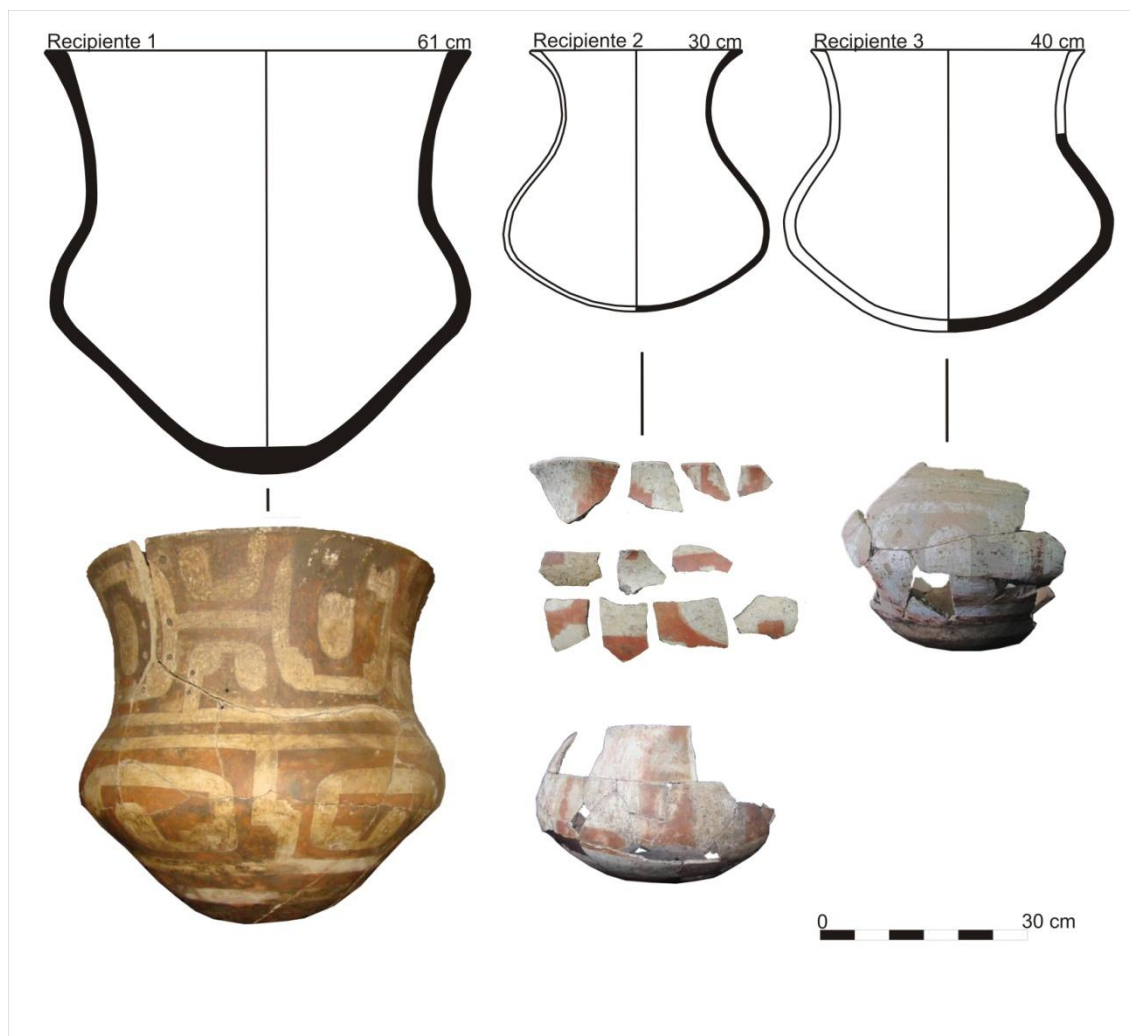


Figura 44: Morfologia dos recipientes 1, 2 e 3, e seus respectivos fragmentos.

O R1, escavado na unidade N990 E849/850, apresenta pasta com caraipé, carvão e pouco mineral. Um tipo de elemento não-plástico foi verificado nas quebras de alguns fragmentos como possíveis cacos moídos, sendo escuros, de dureza alta e maior que 1 cm. A vasilha foi confeccionada a partir de uma base modelada e sobre esta base empregou-se a técnica do acordelamento. A pasta apresenta coloração cinza clara em todas as partes da vasilha, desde a base até a borda, portanto apresentou queima oxidante em toda a sua extensão.

Após o alisamento desta vasilha, foi aplicado um banho de barbotina rosada em ambas as faces. Foi realizada pintura em toda a face externa da vasilha, nas cores vermelho e branco, sobre a camada de barbotina. Observando a pintura na superfície externa e nas quebras, percebe-se que inicialmente foi aplicada a pintura vermelha e posteriormente a pintura branca, pois a última sobrepõe a primeira em algumas partes. Inicialmente a oleira aplicou a pintura

vermelha, delimitando os espaços onde seria aplicada a pintura branca, ficando estes espaços sem o pigmento vermelho, uma espécie de negativo dos motivos. Observou-se que a pintura vermelha advém debaixo da pintura branca, entretanto não recobre a superfície totalmente, ou seja, a sobreposição do branco ocorre apenas em uma pequena zona no limite de transição da branca para a vermelha. A camada de pigmento branco é mais espessa que a do vermelho. Existem duas zonas de pintura bem definidas no R1, uma que vai do bojo inferior ao superior e outra em toda extensão da borda¹³.

A borda é extrovertida com lábio plano, possui um bojo bastante pronunciado. Tem 61 cm de diâmetro na borda, 60 cm de diâmetro no bojo e 63 cm de altura. O fato do R1 possuir um tamanho grande e ter uma espessura considerável, entre 1 e 2 cm, além de ter uma boa queima e ser resistente, produziu fragmentos grandes no momento da quebra. Observa-se que ocorreram pelo menos dois momentos de quebra da vasilha: um durante o contexto sistêmico (durante o uso), o que possibilitou a remontagem do vasilhame conforme indicado pelos 42 furos, e as quebras posteriores que ocorreram no contexto arqueológico. As porções mais fragmentadas são a parte superior do bojo e a base. Esta vasilha foi integralmente restaurada pela Dr^a. Silvia Cunha Lima.

Ocorrem marcas que indicam a utilização dos três recipientes, entre elas a descamação na superfície interna, que é bem visível. Estas marcas indicam a utilização primária na fermentação de alguma bebida. Outras marcas no R1 puderam ser interpretadas como sulcos rasos e finos, provocados por um instrumento pontiagudo, feitos após a aplicação da barbotina, porém foram realizados antes que fizessem os furos de amarração, pois em alguns casos os furos sobrepõem estas marcas (Figura 45). Estes sulcos ocorrem mais visivelmente na posição horizontal e na porção do bojo. O percurso que estes sulcos traçam, indica que manuseavam algo (possivelmente um instrumento pontiagudo) dentro do recipiente em movimento de rotação. Estão presentes em todas as partes do recipiente, porém são mais recorrentes no bojo, alinhados na posição horizontal. Possivelmente trata-se de sulcos causados por um instrumento utilizado para mexer o conteúdo do recipiente (líquido sendo fermentado) no momento de sua utilização, como uma espátula por exemplo. Estas evidências corroboram para considerar que esta vasilha tinha função utilitária antes do seu enterramento.

¹³ Uma análise dos motivos do R1 e R3 pode ser encontrada na pesquisa de Vassoler (2014).



Figura 45: Marcas de descamações na porção do bojo inferior e sulcos rasos paralelos, respectivamente, face interna do recipiente 1.

Ocorrem pelo menos 42 furos localizados na borda e porção superior do bojo do R1, em dois locais da vasilha opostos entre si. Em um dos lados ocorrem 22 dos furos e no outro 20. Os furos ocorrem sempre paralelo a outro e entre eles ocorre uma quebra que não atingiu em nenhum momento os furos. Pelas quebras existentes e com base nas fotos de escavação é possível inferir que a quebra que ocorre entre os furos teria ocorrido antes da confecção deles. Nesse sentido, os furos teriam sido produzidos para a remontagem da vasilha quebrada, utilizando-se possivelmente uma fibra vegetal para sustentar os fragmentos, pois dessa forma poderia se prolongar o uso da vasilha que foi quebrada em algum momento. Essa ideia é reforçada quando é observada a técnica de confecção dos furos (Figura 46), que indica terem sido confeccionados em momento posterior à queima do artefato, semelhante aos furos dos fusos confeccionados sobre fragmentos cerâmicos, encontrados também no mesmo setor do sítio. No R1 observou-se que o maior diâmetro dos furos está sempre na superfície externa, portanto essa característica corrobora com a ideia de que os furos tenham sido feitos a partir da superfície externa para a interna.



Figura 46: Fragmento do Recipiente, face interna e face externa, respectivamente: descamações na barbotina ocasionada pelos furos; e superfície inalterada, onde os furos possuem maior diâmetro.

Ocorrem algumas marcas arredondadas que foram identificadas na borda e outras no bojo, na superfície interna. Estas marcas poderiam indicar possíveis tentativas de confecção de furos, entretanto podem também ter sido provocadas por impacto ou corrosão, sendo de difícil interpretação.

No centro da base do R1, que possui 2 cm de espessura, foi elaborado um furo em momento posterior a confecção da vasilha, medindo 2,6 cm de diâmetro na face interna e 2,1 cm na face externa (Figura 47). O fato do diâmetro do furo ser maior no lado interno indica que o início de sua confecção ocorreu nesta face, no sentido interior para exterior. Observam-se marcas alongadas no sentido longitudinal do furo feitas a partir da superfície interna, que parecem ser interrompidas próximo a superfície externa, momento em que a ação muda da superfície externa para a interna para a finalização do furo, ou seja, o furo foi produzido tanto da face interna quanto externa da vasilha. O R3 também traz um furo na base com 1 cm de diâmetro.



Figura 47: Furo no centro da base do Recipiente 1.

O R2 foi remontado parcialmente, compondo no total 54 fragmentos remontados e 27 fragmentos que não foram remontados, porém pertencem à mesma vasilha. A vasilha possui base convexa, bojo o qual foi possível medir em 38 cm de diâmetro e borda extrovertida, possivelmente com pescoço, conforme indicam os fragmentos com curvatura/inflexões. A espessura dos fragmentos é em torno de 0,8 cm. A pasta é pouco porosa, contendo muito caraipé, poucos minerais e carvão. Utilizou-se a técnica do acordelado na sua confecção. A queima é oxidante. No tratamento de superfície foi possível perceber que ocorre barbotina em ambas as faces. Na face externa ocorre pintura em vermelho e branco (exceto na porção da base). Ocorrem motivos geométricos (abstratos) semelhantes aos do R1.

O R3 foi remontado parcialmente com 14 fragmentos e possui 44 fragmentos que não foram remontados, mas que são da mesma vasilha. Ocorrem fragmentos de base, parede e bojo, porém nenhum fragmento de borda, por isso foi possível visualizar somente parte de sua forma. O R3 possui base convexa e bojo muito pronunciado (semelhante ao R1) medindo 44 cm de diâmetro, na base ocorre um furo arredondado de 1 cm de diâmetro. A espessura dos fragmentos variam entre 1,2 cm (base) e 1 cm (bojo). A pasta apresenta media porosidade, contendo muito caraipé, carvão e pouco mineral. Utilizou-se a técnica do acordelado na produção da vasilha. A queima é oxidante. No tratamento de superfície foi possível perceber

que ocorre barbotina em ambas as faces. Na face externa ocorre pintura em vermelho e branco em todo o recipiente. Os motivos são semelhantes aos do R1.

Recipiente 4: Corpo de formato elipsoide e contorno simples (Figura 48). Vasilha de boca circular restrita. Borda introvertida. Espessamento contraído. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro da borda 58 cm. Altura 25 cm.



Figura 48: Morfologia do recipiente 4.

O R4 estava no mesmo contexto das urnas descritas anteriormente. Boa parte desta vasilha é remontável obtendo-se o desenho completo do perfil. A superfície externa apresenta uma espessa fuligem indicando que foi utilizada para processar. É possível que essa vasilha, além da função de cocção, possa ter sido uma urna ou um anexo funerário desse contexto.

Embora em nenhuma dessas vasilhas tenha sido encontrado restos ósseos, algumas evidências apontam que esses contextos são de sepultamentos humanos como, por exemplo, furos nas bases das vasilhas, grande quantidade de carvões em seu interior que podem sugerir cremação e o pingente encontrado no interior do R1. Não se pode descartar também a possibilidade do uso cerimonial dessas vasilhas associada a restos faunísticos (Miller 1987: 16).

3.1.3. Reutilização da cerâmica

Além da reutilização dos vasilhames descritos, existem outros tipos de artefatos cerâmicos no sítio Ilha de Santo Antônio que apresentam evidências de reutilização. Outros 11 fragmentos com formas arredondadas e retangulóides, elaboradas a partir do alisamento e

polimento de fragmentos de vasilhas, também são encontrados em todos os setores do sítio. Não se sabe qual a finalidade e função destas peças, mas é possível concluir que havia a prática de reciclagem dos artefatos cerâmicos.

Durante a análise foram observadas quatro rodela de fuso confeccionadas a partir de fragmentos de vasilhas e distribuídas em diferentes partes do sítio. Embora exista uma recorrência desse tipo de artefato no setor do R1, eles estavam presentes em toda extensão do sítio.

3. 2. A cerâmica do sítio Novo Engenho Velho

Existia uma expectativa de que a cerâmica do sítio Novo Engenho Velho fosse da Subtradição Jatuarana (Oliveira et al. 2009, Zuse 2014). Muitos fragmentos cerâmicos desse sítio foram coletados em contexto primário quebrados *in situ*, o que facilitou as reconstituições de vasilhas. O sítio possui 7.533 fragmentos cerâmicos (5.450 das escavações e 2.083 dos furos-testes) que acomoda uma coleção particular e aparentemente homogênea, que demonstra, a princípio, ser de uma mesma indústria cerâmica. Foi realizada uma triagem qualitativa (como feita na Ilha de Santo Antônio) para selecionar o máximo de fragmentos possíveis, reconstituí-los e analisá-los quanto às escolhas tecnológicas e suas possíveis funções (Rice 1987). Foram analisados 221 fragmentos diagnósticos, priorizou-se a análise de fragmentos de vasilhas reconstituídas para cruzar os modos de formato com as variações tecnológicas.

3.1.1 Análise tecnológica e modal

O antiplástico predominante na cerâmica do sítio Novo Engenho Velho é o caraipé que está presente em 79% dos fragmentos analisados associado à mineral, e em 21% associado à mineral e carvão. O caraipé identificado nestas cerâmicas em alguns casos apresenta comprimento de 5 mm, visível a olho nu nas superfícies das vasilhas.

A produção das vasilhas foi realizada majoritariamente pela técnica de manufatura acordelada (97%) e somente as bases das vasilhas apresentaram a técnica modelada (3%).

A queima foi realizada predominantemente em atmosfera oxidante (64%), mas há também um número significativo de queimas redutoras (36%). Por outro lado, esses fragmentos apresentam-se bastante porosos e com baixa dureza.

O acabamento de superfície pôde ser verificado em 68% da face externa e 65% da face interna dos fragmentos (Figura 49). A maior parte do material é polido e possui alisamento

fino, o que indica uma preocupação com a superfície das vasilhas. Em 32% da face externa e 35% da face interna não foi possível identificar (NI) o tipo de acabamento, especialmente porque o material se encontra bastante erodido. Nesse caso é ilustrativo o tipo de conservação que se encontrava essa cerâmica que mostra que 52% do material analisado está erodido e 48% bem conservado. Foi exatamente essa má conservação dos fragmentos cerâmicos no contexto arqueológico que dificultou a visualização de suas superfícies.

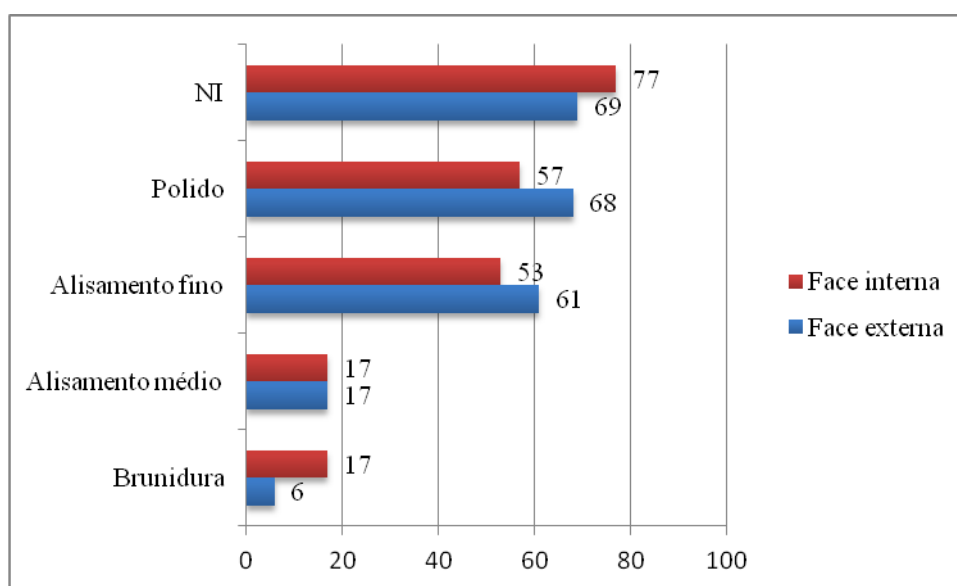


Figura 49: Tipos de acabamentos de superfície nas cerâmicas do sítio Novo Engenho Velho.

Dentro da amostra analisada foram selecionados 51 fragmentos com pintura e 49 fragmentos com engobo (Figura 50). A maior parte das pinturas possui pigmentação branca e quando associada às pinturas vermelha ou preta ela ocorre como base, o que corresponde a uma forte característica da Tradição Polícroma. No entanto, como metade das peças estão erodidas é difícil identificar essas pinturas em outros fragmentos, assim como visualizar os seus motivos. Elas ocorrem predominantemente em bordas e bojos.

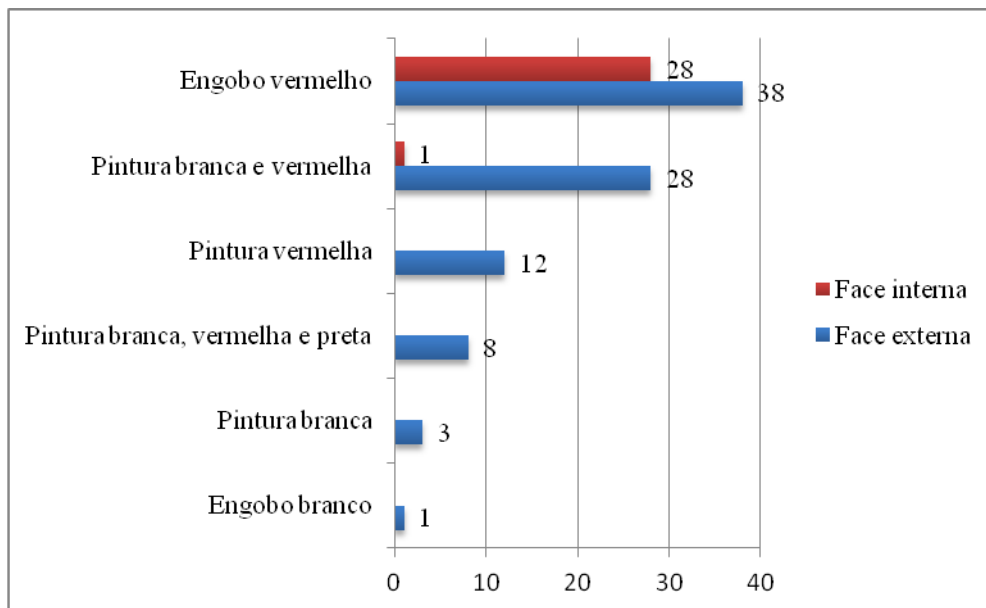


Figura 50: Engobo e pintura nas cerâmicas do sítio Novo Engenho Velho.

Se por um lado existe significativa quantidade de vasilhas com pintura, não se pode dizer o mesmo da quantidade de tratamentos plásticos. Ocorrem oito fragmentos com incisos nas bordas, geralmente uma linha horizontal paralela à borda. Esses tratamentos também ocorrem associados a cerâmicas que apresentavam pintura ou engobo. Nos fragmentos que combinam esses acabamentos de superfície (pintura/engobo e tratamento plástico) registraram-se fragmentos de três vasilhas com apliques que possivelmente formavam desenhos geométricos (abstratos) e dois fragmentos com acanalado que consiste em uma linha horizontal paralela a borda (semelhante à ideia do inciso paralelo a borda).

Foram analisadas 110 bordas, as quais apresentaram forma e inclinação predominantemente diretas vertical externa (54%) e extrovertidas (31%). Em número inferior ocorrem as diretas vertical (8%), introvertidas (2%) e outras bordas que não puderam ser identificadas (5%). Numa sequência decrescente dos tipos de espessamento de bordas que ocorrem, tem-se como resultados as lineares (35%), contraídas (25%), reforçadas externamente (24%) e expandidas (16%). Bordas contraídas ocorrem predominantemente associadas à bordas diretas inclinadas externamente, ao passo que as expandidas e reforçadas externamente estão muito presentes em bordas extrovertidas, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 6: Relação da forma e inclinações *versus* espessamento das bordas do sítio Novo Engenho Velho.

	Contraída	Linear	Reforçada externamente	Expandida
Direta inclinada externamente	24	21	10	5
Extrovertida	2	7	12	13
Direta vertical	1	5	3	0
Introvertida	0	2	1	0

Quanto aos tipos de lábios dessas bordas, apresentam-se arredondados (60%), apontados (23%), planos (10%) e biselados (5%) como mostra a figura a seguir.

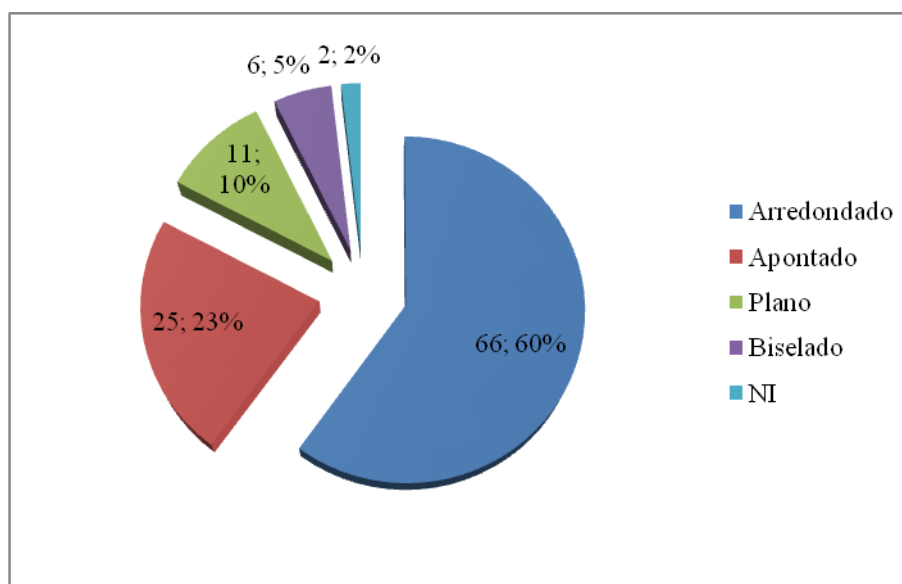


Figura 51: Tipos de lábio do sítio Novo Engenho Velho

As bases das vasilhas em sua maioria tem morfologias planas, sendo identificadas 13 com essa forma que pertencem em sua maioria as vasilhas de maior dimensão, possivelmente para processamento, enquanto 7 bases convexas podem ser atribuídas a vasilhas menores, provavelmente para servir, e somente uma base anelar foi identificada, provavelmente pertencente a uma vasilha decorada por apresentar engobo branco.

Embora os fragmentos se apresentem bastante erodidos, foi possível identificar vestígios de utilização em 24% da amostra analisada, sendo majoritariamente fuligem vista em 52 fragmentos, enquanto apenas uma base apresentou vestígios de fermentação de bebida. A presença de fuligem em fragmentos de vasilhas reconstituídas permite apontar com maior exatidão quais as formas que estavam indo ao fogo para preparar.

As reconstituições morfológicas foram feitas de maneira comparativa entre fragmentos de um mesmo montículo ou setor, que apresentavam as mesmas características tecnológicas e espessura. Como explicado anteriormente, as reconstituições de vasilhas foram feitas de maneira comparativa utilizando diferentes partes das vasilhas. As reconstituições não foram muito difíceis em virtude de alguns fragmentos serem provenientes de contextos primários e remontarem vasilhas quase inteiras ou perfis completos como pode ser visto a quantidade de peças dessa categoria na Tabela 7. As formas de vasilhas que puderam ser reconstituídas seguem descritas abaixo.

Tabela 7: Partes das vasilhas analisadas do sítio Novo Engenho Velho.

Partes da vasilha	Quantidade
Borda	80
Bojo	45
Parede	33
Perfil completo	20
Parede e bojo	17
Borda com gargalo/pescoço	9
Base	8
Inflexão	6
Aplique	1
Borda e bojo	1
NI – Não Identificado	1

Forma 1: Corpo no formato circular e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta vertical. Espessamento contraído. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro 38 cm. Altura 2 cm.

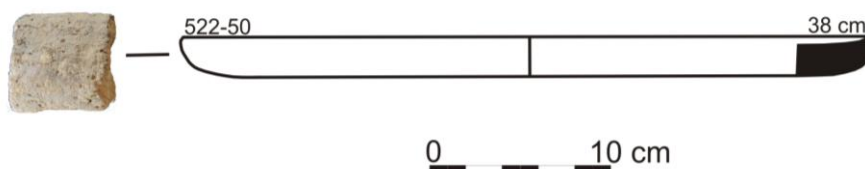


Figura 52: Forma 1 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 2: Corpo no formato de calota esférica e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta inclinada externamente. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado, apontado ou plano. Base plana ou convexa. Diâmetro entre 10 e 24 cm. Altura entre 3 e 8 cm.

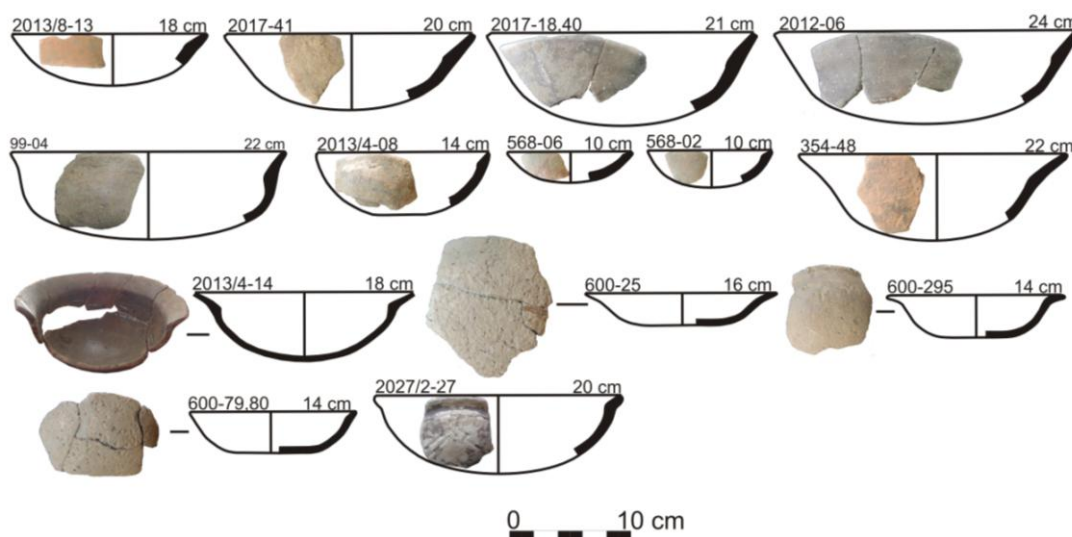


Figura 53: Forma 2 do sítio Novo Engenho Velho

Forma 3: Corpo de formato em meia esfera e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta inclinada externamente. Espessamento linear ou contraído. Lábio arredondado ou plano. Base convexa. Diâmetro entre 12 e 32 cm. Altura entre 5 e 15 cm.

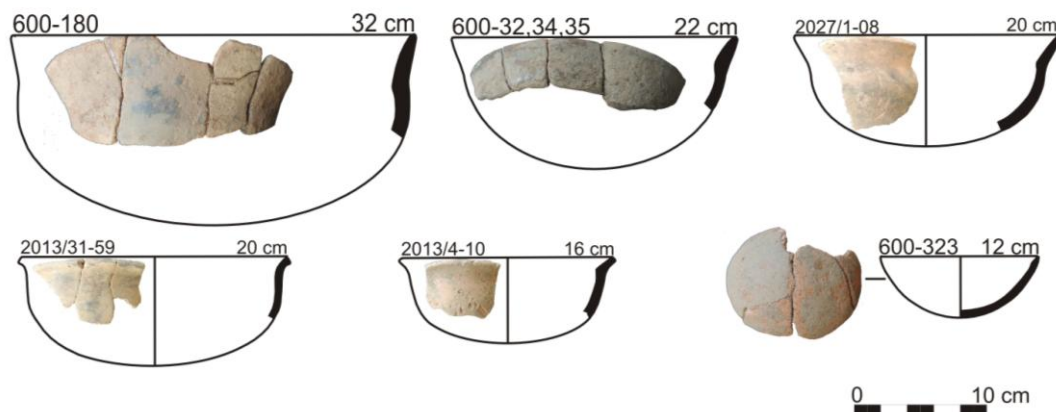


Figura 54: Forma 3 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 4: Corpo de formato esférico e contorno composto. Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento expandido ou reforçado externamente. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 10 e 14 cm. Altura entre 18 e 23 cm.

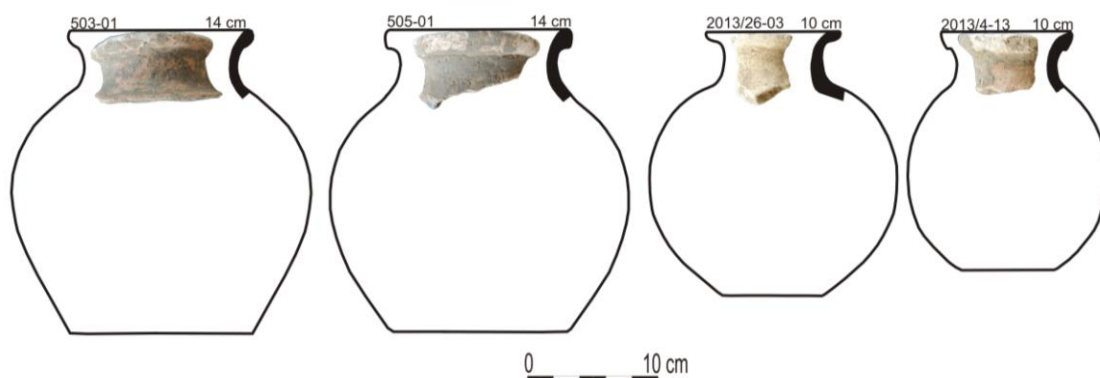


Figura 55: Forma 4 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 5: Corpo de formato elipsóide e contorno infletido. Vasilha de boca circular irrestrita ou restrita independente. Borda direta inclinada externamente ou extrovertida. Espessamento com reforço externo, contraída ou linear. Lábio arredondado, biselado ou apontado. Base plana. Diâmetro entre 18 e 38 cm. Altura entre 15 e 32 cm.

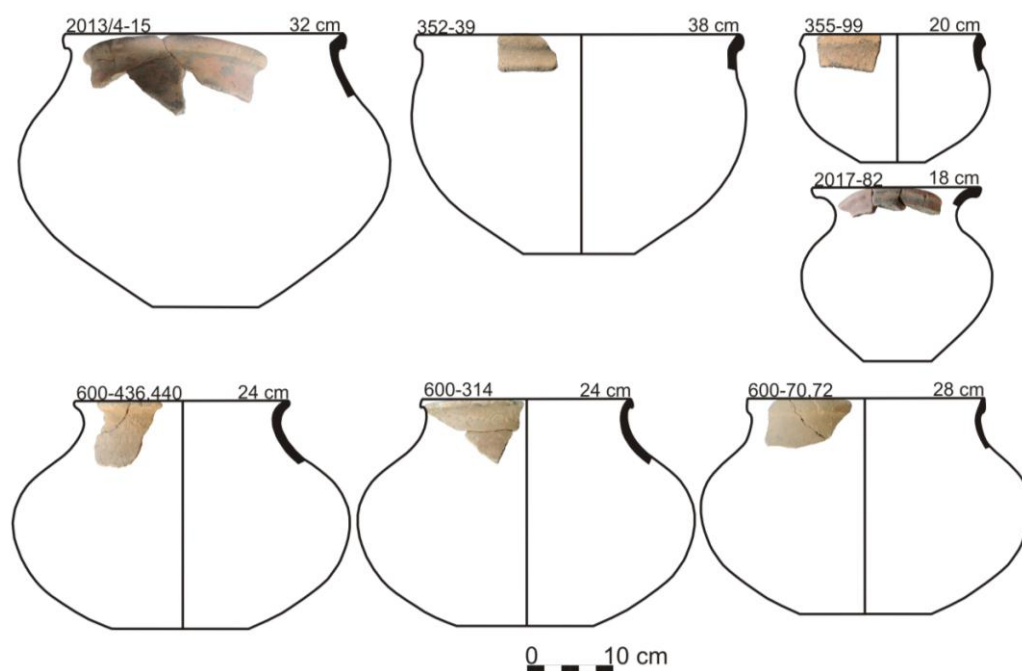


Figura 56: Forma 5 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 6: Corpo de formato elipsoide e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta inclinada externamente ou extrovertida. Espessamento com reforço externo ou linear. Lábio arredondado ou biselado. Base plana. Diâmetro entre 20 e 42 cm. Altura entre 17 e 21 cm.

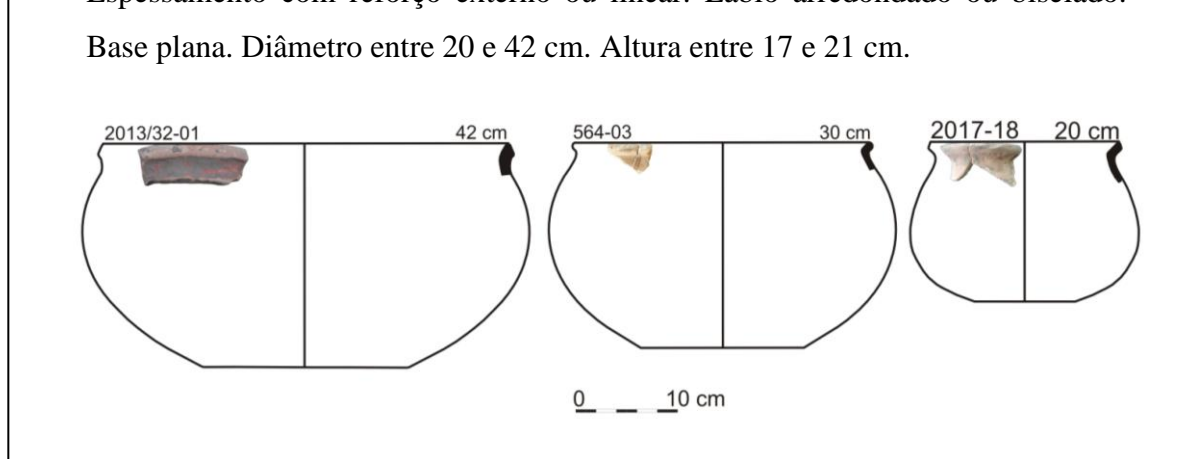


Figura 57: Forma 6 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 7: Corpo de formato esférico e contorno infletido. Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida ou direta inclinada externamente. Espessamento expandido ou linear. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 34 e 48 cm. Altura entre 23 e 33 cm.

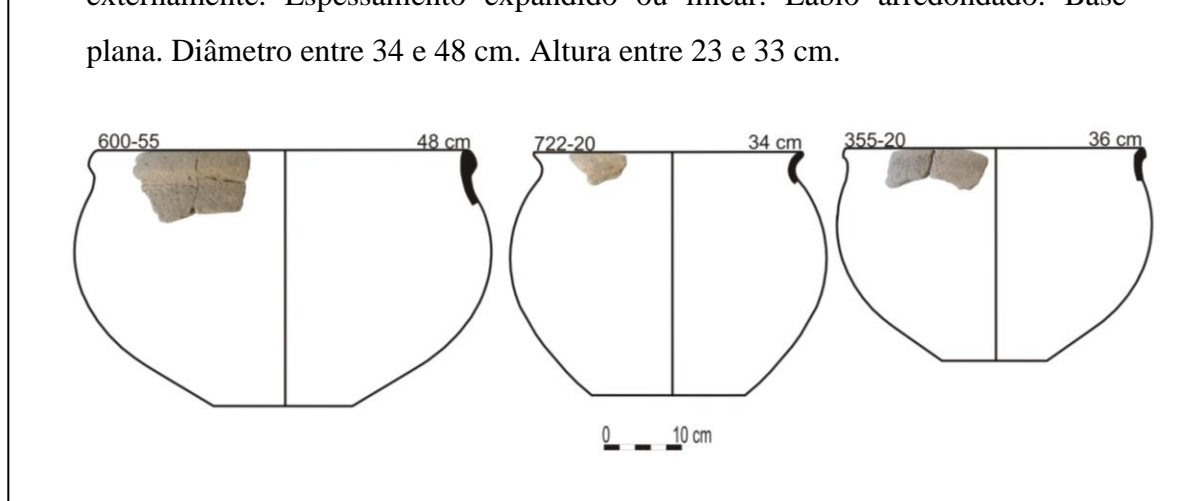


Figura 58: Forma 7 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 8: Corpo de formato ovóide e contorno infletido. Vasilha de boca circular restrita independente. Borda extrovertida. Espessamento linear ou reforçado externamente. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 16 e 30 cm. Altura entre 15 e 34 cm.

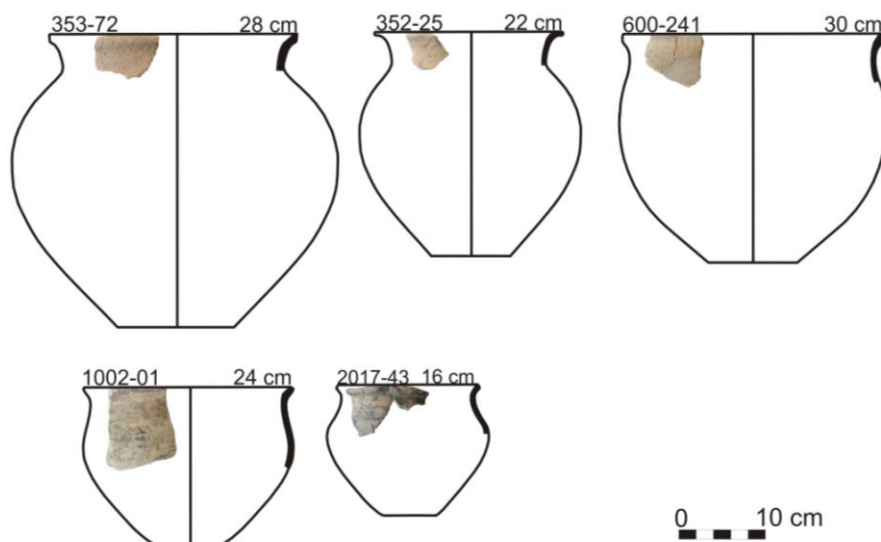


Figura 59: Forma 8 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 9: Corpo de formato ovoide e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta inclinada externamente. Espessamento expandido ou linear. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 22 e 26 cm. Altura entre 22 e 24 cm.

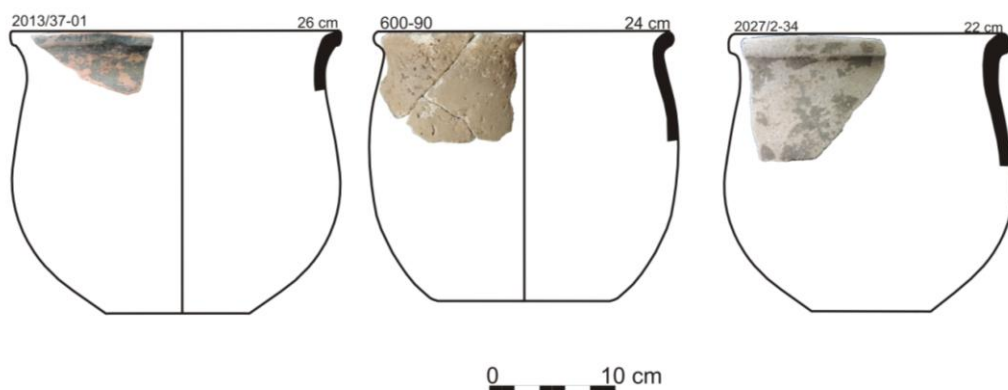


Figura 60: Forma 9 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 10: Corpo no formato de cilindro e contorno simples. Vasilha de boca circular irrestrita. Borda direta inclinada externamente e direta vertical. Espessamento com reforço externo. Lábio arredondado. Base plana. Diâmetro entre 40 e 50 cm. Altura entre 38 e 45 cm.

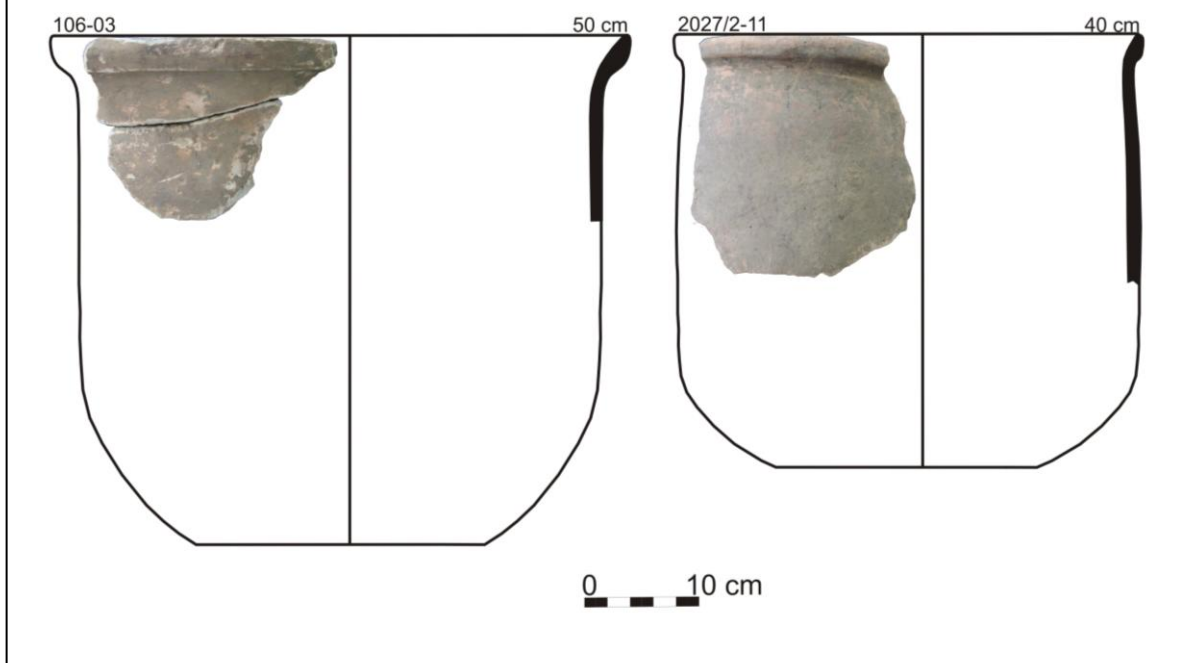


Figura 61: Forma 10 do sítio Novo Engenho Velho.

Forma 11: Corpo de formato esférico e contorno simples. Vasilha de boca circular restrita. Borda introvertida. Espessamento contraído ou linear. Lábio plano ou apontado. Base plana. Diâmetro entre 12 e 22 cm. Altura entre 12 e 19 cm.

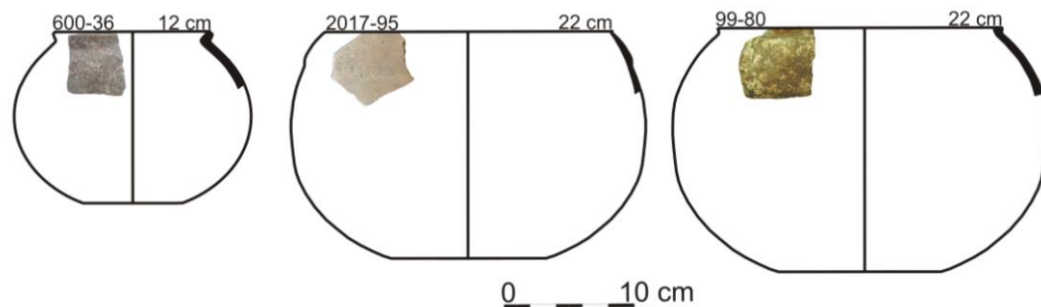





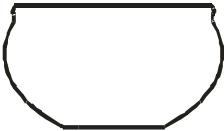
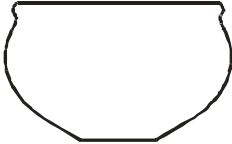
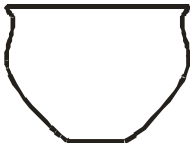
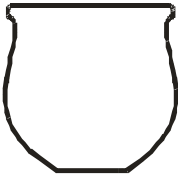
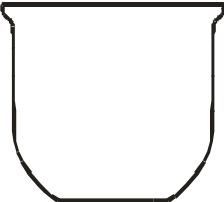
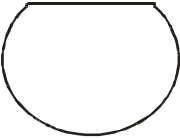


Figura 62: Forma 11 do sítio Novo Engenho Velho.

Tabela 8: Ilustração dos modos formais de vasilhas do sítio Novo Engenho Velho cruzados com variáveis tecnológicas. C = Modos comumente representados; F = Modos frequentemente representados; R = Modos raramente representados.

Formas	Tempero		Acabamento				Decoração		Utilização		
	Caraipé	Cauixi	Alisamento	Polido	Brunhido	Engobo	Pintura	Trat. Plástico	Fuligem	Dep. de carbono	Fermentação
Forma 1 	C		C						C		
Forma 2 	C		R	C	R	F		R	R		

Forma 3 	C		R	F	R						
Forma 4 	C		C			C					R
Forma 5 	C		F	F	R	F					
Forma 6 	C		C	R			F				
Forma 7 	C		F	F							
Forma 8 	C		C				R	F			
Forma 9 	C		F	R		R			R		
Forma 10 	C			C		F			F		

Forma 11		C			C			C	F			
----------	---	---	--	--	---	--	--	---	---	--	--	--

3.3. Discussão

As pesquisas arqueológicas estabeleceram três conjuntos tecnológicos na Ilha de Santo Antônio: a cerâmica antiga “inciso-pintada”; a cerâmica Barrancóide de grupos Arawak; e possivelmente a cerâmica da Tradição Polícroma, indicada pelas urnas pintadas (Zuse 2014). No entanto, pouco se sabe da morfologia desses vasilhames. Durante a análise modal não foi possível reconstituir as formas hipotéticas da cerâmica antiga, pois são poucos fragmentos em uma amostra bastante fragmentada. Logo, surgiu a possibilidade de ver os modos desta cerâmica Barrancóide e o que ela tem em comum com a cerâmica da Tradição Polícroma. Ressalta-se que o sítio Ilha de Santo Antônio não é o proponente mais indicado para se realizar a classificação estrutural, pois é um sítio grande e multicomponencial, enquanto esta metodologia é mais bem aplicada em sítios pequenos e unicomponenciais (Raymond 2009). Apesar disso, decidiu-se pela utilização da metodologia para testar os modos das cerâmicas Barrancóide e da Tradição Polícroma, mas sendo sensível à distribuição desse material na estratigrafia.

As vasilhas de formas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 12 e 13, são semelhantes morfologicamente às da fase Manacapuru da Tradição Barrancóide que ocorre na Amazônia central (Lima 2008). No entanto, como pode ser visto nas ilustrações, os padrões morfológicos dessas vasilhas não são tão rigorosos podendo apresentar um grau de variabilidade acentuado dentro de uma mesma forma.

É possível deixar como sugestão funcional que as vasilhas de forma 1, comumente chamada de assador ou torrador, que apresentam tanto a superfície lisa quanto decorada com impressão de folha¹⁴, eram utilizadas para processar alimentos. As vasilhas de forma 2 e 3, polidas ou com engobo, podem ter sido utilizadas para servir alimentos, exceto as vasilhas com diâmetros maiores que podem ter sido utilizadas para cocção como sugere os vestígios de fuligem. Esse é um dado interessante, pois mostra que uma mesma forma de vasilha pode ter

¹⁴ Essa decoração foi realizada com a sobreposição de uma folha sobre a cerâmica ainda mole, posteriormente foi feito incisos acompanhando o desenho da folha.

diferentes funções. A vasilha de forma 4, pelo seu tamanho e forma, provavelmente foi utilizada para transferir líquido. As vasilhas de forma 6, 7, 10 e 13, polidas e alisadas, estavam ligadas a atividades de cocção ou de preparo de alimentos, pois apresentam fuligem e sua morfologia sugere esta hipótese. Enquanto a forma 12, alisada e com engobo, poderia armazenar líquidos ou bebidas fermentadas.

Se por um lado essa cerâmica Barrancóide do sítio Ilha de Santo Antônio, quando comparada com o material Manacapuru apresenta similaridades morfológicas, não se pode dizer o mesmo da quantidade de peças decoradas e de alguns aspectos tecnológicos. Não foi possível reconstituir muitas formas com decorações plásticas, geralmente bordas com tratamentos plásticos mostraram-se muito fragmentadas e pouco propícias a reconstituições. Assim pode-se ter uma amostra de vasos utilitários reconstituídos para efeitos comparativos, na maior parte das vezes, a indústria Barrancóide é discutida a partir das técnicas e motivos decorativos. Quando Zuse (2014) conferiu boa parte das cerâmicas do sítio Ilha de Santo Antônio a um conjunto Barrancóide, foi muito mais pelos tratamentos plásticos empregados nessas vasilhas: incisos, roletados, ponteados, excisos, modelados, apliques, apêndices, entre outros. Esses tratamentos que ocorrem majoritariamente de forma decorativa nas bordas das vasilhas, assim como o acabamento de superfície predominantemente alisado e polido, são importantes marcadores da cerâmica Barrancóide (Lathrap 1975 [1970], Lima 2008). É importante ressaltar que alguns elementos presentes nessa cerâmica Barrancóide são muito característicos da Tradição Inciso e Ponteadado, como as técnicas decorativas inciso e ponteadado¹⁵, inciso e modelado, e inciso em linhas paralelas. A reutilização de cerâmicas na forma de rodela de fusos e outros objetos arredondados são elementos que caracterizam tanto a Tradição Barrancóide quanto outros complexos cerâmicos como Inciso e Ponteadado. Acrescenta-se a introdução de antiplástico distinto, o caraipé, presente muito mais nas cerâmicas da Tradição Polícroma e em um complexo antigo da Tradição Barrancóide denominado Açutuba (Lima et al. 2006). Há também a quase total ausência de objetos zoomorfos na Ilha de Santo Antônio, um importante componente figurativo que se apresenta na indústria cerâmica Barrancóide, mas que também pode ocorrer na forma de tratamentos plásticos mais simples (Lathrap 1975 [1970]: 124).

¹⁵ Essa decoração inciso e ponteadado é muito característica dessa ocupação, também presente no sítio Santa Paula na margem esquerda da cachoeira do Teotônio. Os incisos formam linhas horizontais paralelas e em certas partes essa linha é interrompida com três a cinco ponteados feitos com um instrumento possuindo uma seção de arco que deixa essa impressão (Figura 63 - W).

Assim, a data de 960 DC que existe para os ceramistas da Ilha de Santo Antônio refere-se a ocupações tardias de grupos produtores da cerâmica Barrancóide responsáveis pela formação da TPI nesse sítio. Todos esses aspectos que causam variabilidade na cerâmica Barrancóide do alto rio Madeira se devem às dinâmicas regionais de interações com os grupos do entorno, como afirmara Lathrap (1975 [1970]: 139): “nos dois milénios que se seguiram à expansão dos Maipuranos, muitos grupos teriam adoptado os estilos dos seus vizinhos, ou então modificado de tal forma o seu próprio estilo que os seus antecedentes barrancóides já não fossem mais visíveis”.

Pode-se citar como exemplo as vasilhas de forma 8 que têm morfologia comumente atribuída à Tradição Tupíguaraní, mas com motivos tipicamente Barrancóide. Uma dessas vasilhas possui fuligem apontando que poderia estar indo ao fogo em atividade de cocção. Outras vasilhas que poderiam ser usadas no preparo de alimentos são as de forma 9, mas que podem significar trocas com grupos de cachoeiras mais a montante (Morrinhos e Caldeirão do Inferno), onde esse tipo de vasilha com cauxi e com essa morfologia é recorrente (Costa 2013). No geral, a ocorrência de cerâmicas com cauxi sem estar associada ao caraipé, o que caracteriza uma escolha mais específica, podem ser vistas claramente como influências de sítios mais afastados da cachoeira de Santo Antônio.

Se houve uma ocupação da Tradição Polícroma na Ilha de Santo Antônio ela só pode ser vista claramente nos fragmentos dos níveis 0-30 cm. Pois, como já foi dito anteriormente, as bordas dos Recipientes 1 e 3 e a base do Recipiente 2 (que estava emborcado), encontravam-se entre os níveis 30-40 cm. Esses recipientes são as evidências mais fortes de uma indústria policroma nesse sítio. As vasilhas de forma 5 apresentam morfologia de armazenar e transferir líquido, ocorrem predominantemente nos níveis superficiais e se assemelham às vasilhas da Tradição Polícroma definidas para o alto rio Madeira (Almeida 2013). Os vasilhames pintados de forma 6, utilizados para fermentar bebidas, também podem ser incluídos dentro da indústria de ceramistas da Tradição Polícroma. Há um número significativo de fragmentos cerâmicos com engobo vermelho ou pintado pertencentes aos níveis mais superficiais da estratigrafia, os quais muitos apresentavam vestígios de fermentação na face interna (Figura 63).

Os recipientes 1, 2 e 3, tiveram como uso primário armazenar bebidas fermentadas, posteriormente foram utilizados como urnas funerárias e enterrados dentro da área de habitação. Por terem sido encontrados em um contexto cerimonial, não foram incluídos dentro

da análise modal. Os motivos geométricos (abstratos) do R1, que provavelmente foram reproduzidos nas outras duas urnas, são correspondentes a Subtradição Jatuarana e outras manifestações da Tradição Polícroma, como os motivos em volutas e os escalonados, incluindo motivos cruciformes (Vassoler 2014), mas a morfologia do vasilhame é distinta. A forma do R1 e R3 se parece com urnas atribuídas a Tradição Tupíguaraní por Miller (2009) na região do alto rio Ji-paraná (Figura 3), assim como com alguns vasilhames nomeados de *cambuchí* pelos índios *Guaraní*, os quais também eram utilizados para armazenar bebidas fermentadas (La Salvia & Brochado 1989). Para tornar ainda mais problemático esse contexto, o R4, vasilha que pode ter sido um anexo desse sepultamento, apresenta morfologia típica das vasilhas da Subtradição Tupinambá Amazônica (Almeida 2013). De qualquer forma, todos esses elementos apontam para uma ocupação Tupí.

Além da pintura e dos furos de amarração, outro dado que chama a atenção é o furo que ocorre na base do R1 e do R3. Em outros sítios desta área também ocorrem urnas funerárias com perfuração na base, sendo elas: Vasilhas 1 e 3 do sítio Teotônio; Recipiente 1 do sítio do Brejo; e Vasilha 4 do sítio Ilha Dionísio¹⁶ (Zuse 2014: 142-143, 255-256, 366). Entre as vasilhas inteiras coletadas por Ary Pinheiro no rio Guaporé que estão no Museu Estadual de Rondônia pelo menos duas delas apresenta furo na base. No Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelo menos uma urna funerária Marajoara possui furo na base. Schaan (2003: 2-4) interpreta as perfurações nas bases das urnas associadas a enterramentos secundários tendo a função de drenagem e remoção periódica de fluidos e líquidos decorrentes da decomposição do corpo, que permanece dentro do vasilhame por semanas ou meses, entendido como um tempo para a transição da alma, enquanto a sociedade adquire os recursos necessários para a segunda cerimônia.

Uma urna funerária do sítio Floresta, localizado no rio Unini no noroeste amazônico, de grande dimensão (1 m de altura por 75 cm no bojo) possui um furo em sua base e foi interpretada, a partir de informação etnográfica dos índios Baniwa (Arawak) do alto rio Negro, como um buraco que permite que a alma mantenha contato com os restos mortais (Lima 2014: 162).

¹⁶ A referência a esta vasilha do sítio Ilha Dionísio deve ser considerada com cautela, uma vez que o furo em sua base não apresenta evidências propositais e tem diâmetro mais largo (9 cm) do que os furos propositais vistos em outras urnas. Talvez o furo deva-se ao desgaste do uso da vasilha, como apontado por Moraes (2013: 326) para outras urnas.

Não há referências que indiquem que as urnas funerárias da Tradição Polícroma tinham esses furos nas bases, e quando se observa que as urnas com as bases furadas estão localizadas em áreas que tem um histórico de ocupações Arawak, torna-se mais fácil imaginar as interações entre grupos Arawak e Tupí no alto rio Madeira.

Algumas urnas escavadas por Moraes (2013: 326) no baixo rio Madeira possuem furos na base ocasionada pelo desgaste de utilização relativo às funções de uso primário. O autor indaga se tais vasilhames não seriam mortos como os corpos que os acompanhavam. A essa ideia deve ser incorporada as práticas funerárias dos índios *Cinta Larga* (Mondé) que vivem na divisa de Rondônia com Mato Grosso. Tudo o que pertence ou que lembra o morto é destruído, isso inclui a morte de animais e de objetos¹⁷, como aponta Poz Neto (1991: 303):

E este é todo o trabalho dos funerais: queimar e quebrar os objetos, matar e comer os animais domésticos, tudo isto visa afastar o *Páixo*, aquilo do morto que ainda subsiste no mundo terrestre. Mas apagar a imagem, porque o corpo tem um destino diverso.

Esse exemplo etnográfico é distinto dos furos propositais que ocorrem nas urnas da Ilha de Santo Antônio. Embora ambos estejam associados a contextos funerários e da passagem da alma, o caso dos índios *Cinta Larga* demonstra a morte dos objetos onde visa afastar a imagem do morto, enquanto os furos do R1 e R3 parecem representar um rito onde a alma pode se comunicar com o corpo.

Para concluir o caso do sítio Ilha de Santo Antônio, os elementos tecnológicos mostraram que alguns atributos analisados permanecem ao longo do tempo como o antiplástico de caraipé, queima oxidante e redutora, alisamento fino e polimento. Por outro lado, além da variação morfológica apresentada anteriormente, houve uma mudança ao longo do tempo quando se comparam os acabamentos de superfície por níveis, pois há uma tendência para frequência maior de engobo nos níveis mais superficiais e tratamentos plásticos nos níveis profundos, e os poucos tratamentos plásticos que passam a ocorrer nos níveis superficiais são predominantemente roletados. Essa tendência foi vista por Miller (1987: 17, 2009: 47) como uma inversão do tipo de decoração dentro da Subtradição Jatuarana, com “uma maior popularidade de técnicas plásticas no início da seqüência [seriada]

¹⁷ Um exemplo de objeto que é destruído pelos *Cinta Larga* são as painéis que são furadas para não serem mais utilizadas.

e maior popularidade das técnicas crômicas no final” (Miller 1992: 224). Essa mudança parece estar associada à transição de cerâmicas Barrancóide para a Polícroma, ainda que não exista mais datações para especificar o momento dessa transição, posterior ao século X DC na Ilha de Santo Antônio, possibilita concluir considerando a distribuição desse material na estratigrafia, que essa mudança foi gradativa mantendo-se alguns aspectos tecnológicos (Figura 63: cerâmicas Polícroma A-F e cerâmicas Barrancóide G-Y). Almeida (2013) sugere que essa transformação ocorreu a partir da cerâmica antiga “Inciso-pintada” para a Tradição Polícroma nas cachoeiras do Teotônio e Santo Antônio, e possivelmente seria dessa área que os grupos da Tradição Polícroma se dispersariam para a Amazônia ocidental. É importante lembrar que a transição (Barrancóide tardio e Tradição Polícroma) na última cachoeira está evidenciada somente na Ilha de Santo Antônio, enquanto no sítio do Brejo, situado na margem esquerda com visibilidade para a Ilha de Santo Antônio e ocupado ao mesmo tempo, só apresenta a ocupação Barrancóide (Zuse 2014).

Ao considerar a ocupação do Brejo como pertencente a uma indústria Barrancóide, Zuse (2014) comparou morfológicamente as partes das vasilhas desse sítio com os fragmentos do sítio Ilha de Santo Antônio, uma vez que as ocupações ocorreram concomitantemente. O que se observou no sítio do Brejo foram vasilhas cerâmicas utilitárias e poucos elementos decorativos que caracterizam a cerâmica Barrancóide. Por outro lado, viu-se que essas vasilhas utilitárias são semelhantes às vasilhas do sítio Ilha de Santo Antônio em seus aspectos morfológicos e tecnológicos, até mesmo nas irregularidades das bordas (Santos 2012), daí a razão de trata-las como uma mesma ocupação. O que difere é a grande quantidade de vasos decorados, fusos e feições no sítio da Ilha de Santo Antônio, que torna o seu espaço além de habitacional um lugar de cerimônias, encontros e intercâmbios, enquanto a área do sítio do Brejo assume-se como um espaço residencial restrito. Existem duas vasilhas pintadas no Brejo que parecem ter sido enterradas, esse contexto precisa ser explorado. De qualquer forma, a hipótese para os dois sítios parece plausível, mostra que os elementos decorativos nem sempre são os melhores meios comparativos, nesse caso observa-se diferentes áreas de atividades em uma mesma ocupação.



Figura 63: Fragmentos cerâmicos pintados e com tratamentos plásticos do sítio Ilha de Santo Antônio: A - borda com pintura vermelha e branca e inciso; B - Borda com pintura vermelha e branca; C - Bojo com pintura vermelha e branca; D - paredes com engobo ou pintura com descamação de fermentação na face interna; E - bordas roletadas; F - modelado em forma de escalonado; G - fragmentos com inciso e modelado; H - modelado zoomorfo; I e J - paredes com excisos; K - paredes com saliências arredondadas; L - borda com applique; M - parede modelada com inciso; N - parede com esfera aplicada; O - borda com applique; P - bordas com “bico”; Q - apêndice; R - borda recortada com inciso; S - paredes e bordas com incisos em linhas horizontais e escalonados; U - borda roletada; V - borda com inciso; W - bordas com inciso e ponteados; X - bases de assadores com marcas de folha impressa; Y - parede com incisos entrecruzados e exciso na forma de voluta.

A cerâmica do sítio Novo Engenho Velho apresentou morfologias bastante padronizadas, fortalecendo a ideia de se tratar de uma mesma indústria cerâmica. Talvez por esse motivo, não foi tão difícil dividir as diferentes formas que parecem refletir funções distintas. Os cruzamentos dos dados morfológicos com as variantes tecnológicas permitiram esboçar um quadro hipotético mais pormenorizado das funções desempenhadas.

As vasilhas de formas 1, 6, 7, 8, 9 e 10 foram utilizadas no processamento e cocção de alimentos. Essa inferência foi feita não apenas pela sua morfologia, mas pela frequente presença de fuligem. O interessante desse dado é que são morfologias diferentes que estão bem representadas dentro do sítio, cada uma com seu padrão formal. É possível que cada uma dessas formas desempenhasse funções ainda mais específicas, como por exemplo no cozimento de alimentos distintos. Sabe-se que a forma 1, comumente chamada de assador, relaciona-se à prática de tostar, função essa dificilmente desempenhada pelas outras vasilhas. As vasilhas de forma 2 e 3, comumente polidas e frequentemente com engobo, podem ter sido utilizadas para servir alimentos. Raramente essas formas iam ao fogo para preparar alimentos como sugere os vestígios de fuligem. As vasilhas de formas 4 e 5, alisadas, polidas e com engobo, podem ter sido utilizadas para o armazenamento de líquidos. Essa dedução se aplica apenas pela forma dessas vasilhas. Especificamente as de forma 4, podem ter sido utilizadas para a transferência/transporte de líquidos ou para o armazenamento de fermentados como sugere marcas de descamação em uma base atribuída a uma dessas vasilhas. As vasilhas polidas e pintadas de forma 11, seriam para usos especiais (usadas para servir em cerimônias), pois apresentam baixa reposição e alto grau de investimento decorativo comparado ao restante das vasilhas.

Os montículos I, II e VI apresentam mais formas reconstituídas devido ao número maior da amostra e dos contextos primários e secundário que acondicionavam vasilhas semi-inteiras que possibilitou a reconstituição das formas (Figura 64), enquanto o montículo III e o setor sul, apresentam uma amostra menor e muito fragmentada. Ao analisar espacialmente a distribuição dessas vasilhas, percebeu-se que cada montículo apresentava vasilhas para uso cotidiano: servir, processar e armazenar alimentos; configurando esses montículos como espaços habitacionais.

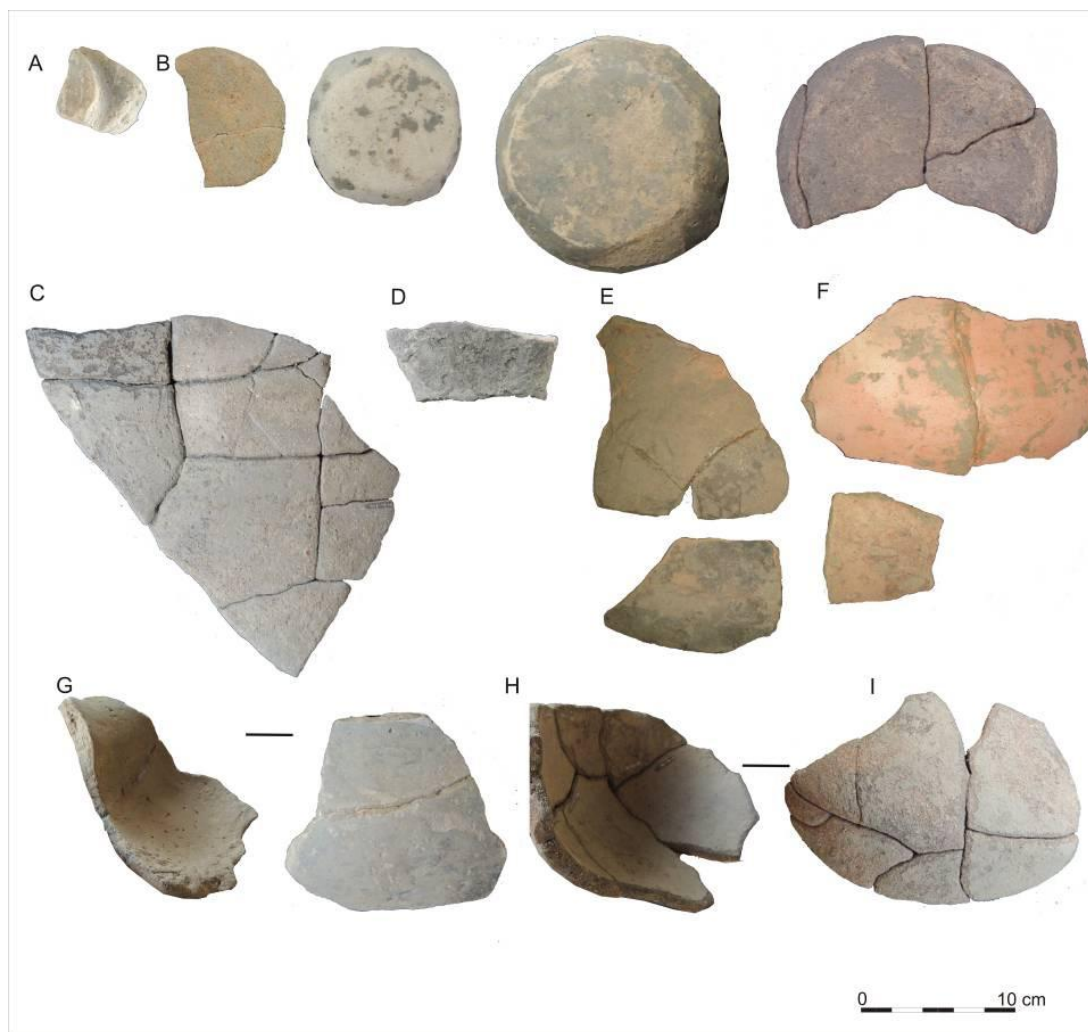


Figura 64: Aspectos morfológicos reconstituídos das vasilhas do sítio Novo Engenho Velho: A - base anelar; B - bases planas; C - parede; D - parede com fuligem; E - bojo com fuligem; F - bojo com engobo vermelho; G e H - bojos.

No entanto, as vasilhas policromas foram encontradas exclusivamente nos montículos I e VI, os únicos que possuíam contextos primários. O que torna esse contexto mais interessante é a possibilidade das habitações dos montículos I e VI localizarem-se uma defronte a outra, separadas apenas pela praça central (Figura 19).

A quantidade de fragmentos com pintura policroma e engobo (Figura 64) não deixa dúvidas de que se trata de um fenômeno da Subtradição Jatuarana da Tradição Policroma. A aplicação da classificação estrutural permitiu contribuir na classificação dessa indústria cerâmica que vem sendo investigada nos últimos anos por outros arqueólogos, mas a presente cerâmica encontra poucas semelhanças morfológicas com outras vasilhas da mesma tradição arqueológica reconstituídas para o alto rio Madeira (Almeida 2013), mostrando a ampla

variabilidade que a Subtradição Jatuarana teve nessa região. Observa-se ainda que a morfologia das vasilhas do sítio Novo Engenho Velho é distinta de outras ocupações da Tradição Polícroma do médio e baixo rio Solimões (Tamanaha 2012), onde encontra semelhanças morfológicas apenas no reforço externo do lábio das vasilhas e em algumas formas com gargalo. Embora não tenha sido possível explorar uma análise estrutural dos motivos presentes na cerâmica Polícroma de ambos os sítios analisados, seja em razão do desgaste físico da cerâmica, seja por uma amostra polícroma muito reduzida; têm-se evidenciado que os motivos associados a cerâmica da Subtradição Jatuarana são majoritariamente geometrizarantes (abstratos) com um certo grau de variabilidade (Vassoler 2014), associados a vasilhas inteiras e semi-inteiras, possivelmente correlatas de antigas áreas cerimoniais. Esse dado também difere essas vasilhas das urnas funerárias da Tradição Polícroma da região dos rios Solimões, Amazonas e Baixo rio Madeira, na maior parte representadas por vasilhas cujo padrão formal caracteriza-se por vasos antropomorfos.

Chama a atenção fragmentos de duas vasilhas, uma localizada no montículo I e outra no montículo VI do sítio Novo Engenho Velho, que possuíam pintura polícroma nas cores vermelho sobre branco; e vermelho e preto sobre branco, respectivamente (Figura 65, A e B). Essas duas peças são bojos com apliques, a forma desses apliques são muito característicos de vasilhas da Subtradição Guarita que em contextos funerários aparece em urnas na forma de tiara, braços ou pernas antropomorfos. Infelizmente essas foram as únicas peças encontradas, não se obtendo mais fragmentos para a remontagem completa do vasilhame limitando-se a essa comparação.



Figura 65: Fragmentos cerâmicos decorados do sítio Novo Engenho: A - bojo com applique e pintura vermelha sobre branca; Bojo com applique, e pintura preta e vermelha sobre branca; C – possível borda recortada; D e F - bordas com pintura vermelha e branca; G - borda com pintura branca e inciso; H - inflexão com inciso; I - borda com pintura vermelha, preta e branca; J e K - bojos com pintura vermelha e branca; L e M - paredes com pintura branca ou vermelha; N e S - bordas com engobo vermelho; O - borda com pintura vermelha; P-R - bordas com incisos; T - parede com inciso e ponteados; U - paredes com incisos.

Veja-se que a Subtradição Jatuarana ocorre em diferentes áreas da calha do alto rio Madeira: a jusante da cachoeira de Santo Antônio até a foz do rio Jamarí e no baixo curso desse rio (Almeida 2013); entre as cachoeiras de Santo Antônio e Morrinhos (Miller 1978,

1987, Zuse 2014); e a montante da cachoeira Caldeirão do Inferno¹⁸ (Moutinho & Robrahn-González 2010). Zuse (2014) sugere que outros sítios no entorno da cachoeira na margem esquerda (Figura 6), que apresentam cerâmicas semelhantes e datas próximas ao sítio Novo Engenho Velho (1.460 DC), podem ser atribuídos a Subtradição Jatuarana, como os sítios São Domingos (1.450 DC e 1.590 DC) e Campelo (1.580 DC), embora necessitem de análises. Datas tão recentes possibilitam especular se esses grupos foram vistos pelos primeiros exploradores que navegaram pelo rio Madeira no início do século XVIII. Miller (1987: 17), por exemplo, por razões desconhecidas, designou o ano de 1723 como o prolongamento mais tardio da Subtradição Jatuarana, ano que o sargento Francisco de Melo Palheta subiu esse rio e fez o primeiro reconhecimento do alto rio Madeira.

Sabe-se que a etno-história do alto rio Madeira é extremamente problemática em virtude da confusão de etnônimos (Ramirez 2010). Ao mesmo tempo, pouco se especulou dos grupos que ocuparam as margens das cachoeiras em virtude das escassas fontes históricas. Portanto, na medida em que as pesquisas arqueológicas avançam na região, levantamentos históricos e etnográficos são necessários para esboçar um quadro cultural mais amplo.

Como as fontes arqueológicas do alto rio Amazonas apontam para a ocupação da Tradição Polícroma adentrando o período colonial, os modelos arqueológicos indicaram um vínculo Tupí com uma continuidade histórica conectada a trajetória dos *Omágua*, *Cambeba* ou *Kokama* (Lathrap 1975 [1970], Brochado 1984, 1989). Logo essa grande manifestação ceramista foi associada a um *ethos* Tupí-Guaraní, muitas vezes buscando afinidades com os antigos grupos Tupí da costa brasílica, especialmente ao da expansão guerreira sobrepondo diversos grupos da calha do rio Amazonas (Neves 2012). No alto rio Madeira, onde essas ocupações estão bem representadas em vários sítios da Subtradição Jatuarana, são igualmente associadas a grupos Tupí (Almeida 2013, Zuse 2014).

Os maiores proponentes deveriam ser os *Kawahíb*, os únicos grupos Tupí-Guaraní do alto rio Madeira, que dominaram uma extensa área entre os rios Madeira e Tapajós no período histórico. No entanto, a discussão etno-histórica argumenta que esses grupos adentraram na região do alto rio Madeira em fins do século XVIII e início do XIX (Nimuendajú 1924, 1948,

¹⁸ Embora a publicação não faça referência a Subtradição Jatuarana, as vasilhas pintadas na UHE Jirau são claramente manifestações da Tradição Polícroma.

Menéndez 1981), apoiadas principalmente na ausência desses etnônimos nessa área¹⁹. Tal hipótese, baseada principalmente na investigação etno-histórica, levou Almeida (2013: 103) a descartar a trajetória desses grupos enquanto produtores da cerâmica da Subtradição Jatuarana: “os Kagwahiwa, *a priori*, não seriam os antigos produtores da Tradição Polícroma do alto Rio Madeira”.

A área onde são registrados os sítios da Subtradição Jatuarana estava sendo ocupada em 1714 por grupos que tinham etnônimos na língua Tupí-Guaraní (*Abacaxi* antigos Chichirinins, *Jaguaretu*, *Curupu* e *Pureru*), mas cuja língua falada por esses índios nunca foi documentada por seu súbito desaparecimento. Algumas evidências apontam que grupos possivelmente *Kawahíb* (*Juma* e *Tukumãfét*) já estavam habitando as proximidades do alto rio Madeira nos anos de 1723 e 1768 (Pessoa & Costa 2014). Se essas informações estiverem corretas, elas serão o registro histórico mais antigo dos *Kawahíb*. Ataques constantes foram realizados por grupos desconhecidos contra os exploradores portugueses e durante o século XIX contra os trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Um grupo conhecido por *Acanga-piranga* (cabeças vermelhas), que poderia ser *Kawahíb* ou *Karitiana* (Leonel 1995), investia contra os recém-chegados, logo o etnônimo *Parintintin* também faria parte de vários ataques contra os povoados do alto e médio rio Madeira e seria documentado como os índios mais hostis dessa área.

O quadro etnográfico dessa região no século XX, circunscreve vários grupos *Kawahíb* nos principais afluentes do alto rio Madeira: nos rios Mutum-paraná e Jaci-paraná os índios *Karipuna* e *Bocas Pretas*; no alto rio Jamarí os *Urueu-wau-wau*; no rio Ji-paraná os diversos grupos *Kawahíb* documentados por Rondon e Lévi-Strauss; no rio Marmelos os *Parintintin* e os *Tenharim*; e no interflúvio Madeira-Purus, os *Juma*, entre outros. Não seria exagerado imaginar que esses grupos ocuparam no passado o rio Madeira sobrepondo diversos grupos com os quais mantinham relações de trocas, mas que por razões ainda desconhecidas, esses *Kawahíb* durante a colonização europeia acabaram migrando para os afluentes do rio Madeira.

¹⁹ Contrariando esta ideia, o que está ausente no alto rio Madeira nesse período não são os etnônimos, mas sim as fontes históricas. Há poucos relatos de viajantes para o alto rio Madeira no século XVIII, mesmo assim em algumas passagens é possível encontrar menções de possíveis *Kawahíb* nessa área (Pessoa & Costa 2014).

Pierre Clastres, referindo-se ao poder bélico da organização política dos *Tupinambá* que desencadeou a expansão territorial e o domínio de chefes sobre várias aldeias, discorre sobre o grupo *Kawahíb* mais notável do alto rio Ji-paraná, não por acaso, também menciona um dos grupos mais poderosos descritos nas crônicas do alto rio Amazonas:

Os tupi litorâneos não são, aliás, os únicos que revelam tais tendências. Para lembrar um exemplo bem mais recente. Citemos também os tupi-kawahib; um de seus grupos, os takwatip, estendia pouco a pouco, no começo do século, sua hegemonia sobre as tribos vizinhas, sob a direção do seu chefe Abaitara, cujo filho Claude Lévi-Strauss encontrou. Processos análogos foram notados entre os omágua e os cocama, populações tupi estabelecidas no curso médio e superior do Amazonas, onde a autoridade de um chefe se exercia não somente sobre a casa grande, mas sobre o conjunto da comunidade inteira: esta podia ser de tamanho considerável, pois uma aldeia omágua compreendia, dizem, sessenta casas de cinquenta a sessenta pessoas cada uma. Por outro lado, os guarani, culturalmente tão próximos dos tupinambá, também tinham chefias bem desenvolvidas (Clastres 1978 [1974]: 53).

Tendências expansionistas combinadas com a rápida e extensa expansão da Tradição Polícroma, correlacionadas perfeitamente ao processo de domínio de grupos Tupí-Guaraní sobre vastas áreas foi uma das razões que levaram os arqueólogos a classificarem as ocupações Guarita como uma manifestação dos ancestrais dos *Omágua* (Neves 2010, 2012). É importante lembrar que as pesquisas arqueológicas coordenadas por Meggers e Evans na Amazônia, tais como aquelas que Miller (2009) realizou em Rondônia, não estiveram preocupadas com a estratigrafia, disposição dos vestígios arqueológicos, práticas domésticas e cerimoniais, e padrões de assentamentos, para pensar grupos etnolinguísticos no âmbito arqueológico (Meggers & Evans 1973). Como propriamente observou Schaan (2013:18) para o caso dos conhecidos Tupí-Guaraní, a etnologia era sujeita a uma analogia generalizante pela arqueologia, “não foi feita nenhuma tentativa, por exemplo, de investigar outros marcadores culturais no registro arqueológico, como disposição e formato das cabanas, forma e localização das aldeias, caminhos e práticas funerárias etc”.

Os poucos relatos etnográficos dos *Kawahíb* que podem ser combinados com os dados arqueológicos, apontam precisamente para contextos espaciais e tecnológicos da Tradição Polícroma analisados nos sítios Ilha de Santo Antônio e Novo Engenho Velho.

Sobre o espaço que esses grupos ocupavam, há preferência por lugares perto de igarapés onde se pode explorar a fauna aquática. Em algumas aldeias *Kawahíb*, existe a figura da praça central (*okará*) que é sempre mantida limpa, mas apresenta, segundo Kracke (2005), somente duas grandes casas comunais que podem ser opostas uma da outra, separadas pela praça. Na descrição da aldeia chefiada por Abaitará, Lévi-Strauss (1996 [1955]: 317) fala de uma praça de 20 m de diâmetro e de duas grandes casas centrais²⁰ (18 m por 14 m), uma ocupada por Abaitará, suas mulheres e seus filhos, a outra ocupada por um de seus filhos, ao redor desse círculo, e no entorno das casas centrais, havia umas vinte casas menores (4 m por 6 m). Algumas descrições etnográficas dão conta que os indivíduos eram enterrados dentro da casa juntamente com suas armas e utensílios (Nimuendajú 1948, Rondon 2003 [1916]).

Nimuendajú (1924, 1948) documentou que os *Parintintin* não possuíam cerâmicas, mas conheciam a palavra *nyaepepo*. Rondon (2003 [1916]) descreveu brevemente que os *Kawahíb* do alto Ji-paraná possuíam cerâmicas para armazenar e fermentar bebidas. Lévi-Strauss (1948a) registrou que as cerâmicas dos *Kawahíb* em 1938 consistia em tigelas hemisféricas grandes para preparar *chicha*, vasilhas pequenas para refeições individuais e placas grandes circulares para assar farinha (assadores ou torradores). Porém, Lévi-Strauss completa que esses vasos não eram decorados, mas que um de seus interlocutores o informou de um corante roxo obtido de uma folha nativa que era utilizado no passado na pintura de desenhos geométricos.

Talvez o alto rio Madeira não seja uma área de refúgio *Kawahíb* como sugeriram Nimuendajú (1924) e Menéndez (1981) a partir das fontes etno-históricas, mas sim sua terra ancestral como apontam os vestígios arqueológicos. O sítio Novo Engenho Velho foi uma aldeia ocupada ao lado de um igarapé onde as casas estavam dispostas ao redor de uma praça central. Nesse sítio, a análise modal encontrou 11 formas de vasilhas que poderiam ser utilizadas para quatro funções distintas: pequenas vasilhas para serviço, vasilhas para preparo, vasilhas para armazenamento incluindo fermentados, e vasilhas pintadas de cunho especial limitadas no interior de duas habitações. No sítio Ilha de Santo Antônio, embora não tenha sido possível visualizar a morfologia do assentamento, percebe-se também uma ocupação onde o grupo consumia muitos fermentados, evidenciada por grandes vasilhames com

²⁰ O fato das casas serem centrais, não quer dizer que eram no meio do círculo, mas sim que destacavam-se das demais.

descamações internas, algumas dessas vasilhas posteriormente tornaram-se urnas funerárias com motivos policromos geométricos (abstratos), enterradas dentro da habitação.

Alguns marcadores presentes no registro arqueológico e ausentes nas informações etnográficas, como a cerâmica policrômica, poderiam ser explicados pelo impacto que a invasão colonial causou nessas sociedades, forçando-as a se deslocar para diferentes áreas em razão de guerras com europeus ou outros índios e por epidemias que já estavam espalhadas por toda Amazônia no século XVIII. Esse período desastroso para muitos grupos e que também pode ter resultado em complexas reconfigurações étnicas, ainda precisa ser investigado a luz da documentação histórica do alto rio Madeira.

Conclusão

O rio Madeira e seus formadores constituem vias hidrográficas que ligam os Andes a densa floresta tropical da Amazônia. Suas cachoeiras são obstáculos que durante a história pré-colonial podem ter funcionado como limites. Essas barreiras físicas, aliada à rica fauna aquática e a progressivos movimentos migratórios e expansionistas dos grupos pré-coloniais amazônicos, tornaram esses lugares atrativos espaços de encontros.

Miller sugeriu que os sítios situados nas áreas das cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, os quais possuíam as mais espessas camadas de TPI e alta diversidade de tipos de vasos cerâmicos, “foram centros de convergência, recepção e aprimoramento de formas, técnicas e motivos plásticos e/ou policromos” (Miller 1999: 336). No entanto, o argumento para essa sugestão era genuinamente ecológico, segundo o qual a fauna aquática (tartarugas, pirarucu e peixes-boi) limitaria a ocupação desses ceramistas. Zuse (2014: 401-402) indica a mesma diversidade dos tipos cerâmicos em sítios situados nas duas últimas cachoeiras, mas acrescenta a dificuldade de classificação desses artefatos da Tradição Polícroma, especialmente porque nota que fragmentos que poderiam ser atribuídos a essa indústria cerâmica, sobrepõe ou se misturam as cerâmicas Barrancóide. Almeida (2013), ao sugerir que a Tradição Polícroma surge de relações de trocas mediadas por grupos Arawak (produtores da cerâmica Barrancóide), aponta esta hipótese como a raiz da variabilidade estilística que se apresentou na cachoeira do Teotônio, que foi no passado um importante núcleo regional.

Embora muito debatidas, as definições de fases e tradições ainda mostram-se eficazes na discussão da arqueologia do alto rio Madeira e dentro dos modelos da Amazônia. Elas contribuem para compreender os limites geográficos e as interações entre diferentes grupos humanos, assim como dialogam com as hipóteses da linguística histórica sobre as migrações e expansões etnolinguísticas.

O grupo em posse da cerâmica Barrancóide que ocupou a Ilha de Santo Antônio por volta do século X, possuía vasos cerâmicos que apresentavam alta variabilidade de técnicas decorativas que refletem os contatos e intercâmbios do passado. Muitos aspectos tecnológicos dessa cerâmica mostraram que essa indústria se modificou quando chegou à região do alto rio Madeira. Embora o material lítico não tenha sido abordado nessa pesquisa, ele pode tornar-se um importante elemento comparativo dessas ocupações ceramistas. A alta densidade de material arqueológico associados às Terras Pretas de Índio aponta que a ocupação

Barrancóide nessa região, assim como em outras partes da Amazônia, foi intensa marcando permanentemente a trajetória de muitos grupos locais. Nesse caso, não se pode dizer que essas ocupações foram sazonais e limitadas, ao contrário, a bacia do alto rio Madeira mostra que houve boas condições geográficas e ecológicas para assentamentos permanentes.

É provável que gradativamente esses grupos fossem cedendo o trecho encachoeirado para os produtores da cerâmica da Subtradição Jatuarana. O ritmo que esses eventos aconteceram ainda não está bem situado na arqueologia da região, mas acredita-se que seu início foi antes do segundo milênio. A presente pesquisa possibilitou identificar que, considerando uma lenta transição certamente revestida de interações, há algumas continuidades entre os grupos produtores da cerâmica Barrancóide e os da Tradição Polícroma, como ficou demonstrado no sítio Ilha de Santo Antônio a partir das variáveis tecnológicas.

Por outro lado, os modos formais do sítio Ilha de Santo Antônio são pouco semelhantes aos modos do sítio Novo Engenho Velho. Mas é possível dizer que ambos os estilos policromos identificados nesses dois sítios, ao contrário do Barrancóide que se mostrou sempre multimodal em suas formas confrontadas com as variações tecnológicas, possuem um rígido padrão formal, cada um a seu modo. A padronização da cerâmica Polícroma pode significar que esses grupos não assumiram a mesma rede de relações de trocas nas cachoeiras como era realizada anteriormente pelos Arawak. A falta de datação para a cerâmica policroma da Ilha de Santo Antônio não permite apontar conclusões mais profundas, como a de que essa variabilidade dentro da mesma tradição poderia corresponder a limites políticos (Schaan 2007a). Ademais, a maior parte dos sítios arqueológicos do alto rio Madeira atribuídos a Subtradição Jatuarana são compostos por vasilhas pintadas inteiras e semi-inteiras, provavelmente relacionadas a cemitérios. É necessário investigar se nas antigas habitações desses grupos essas cerâmicas policromas estavam sendo utilizadas no cotidiano ou somente em ocasiões especiais como parece ter sido o caso de ambos os sítios aqui analisados.

O sítio Novo Engenho Velho mostrou uma ocupação da Subtradição Jatuarana bastante evidente de como o espaço foi ocupado, ao contrário de outros sítios da Tradição Polícroma, onde as morfologias dos assentamentos são difusas e indefinidas. Uma perspectiva de arqueologia das atividades domésticas mostrou que os montículos eram habitações e que o súbito abandono dessa aldeia pode significar a instabilidade, embora existam outros sítios

com cerâmicas semelhantes à Subtradição Jatuarana, mais recentes e próximos da cachoeira de Santo Antônio que igualmente não parecem apresentar evidências de reocupações.

Ao fim, seguindo os modelos arqueológicos discutidos dentro da Amazônia, foi possível sugerir uma relação arqueológica da Tradição Polícroma com a etnografia de grupos Tupí-Guaraní da bacia do alto rio Madeira. A hipótese é promissora, pois destaca o papel que a arqueologia tem na contribuição da história indígena quando faltam fontes escritas. A ideia principal é dar continuidade ao debate em torno das migrações e expansões Tupí em Rondônia e como essa diversidade operou no passado. A continuidade de pesquisas arqueológicas no alto Madeira, especialmente etnoarqueológicas em territórios ocupados pelos *Kawahib* e outros grupos do tronco Tupí, tendem a enriquecer essa discussão. Paralelamente investigações etno-históricas das populações que habitaram essa região tornam-se oportunas e necessárias.

O propósito desta pesquisa foi contribuir para a história pré-colonial tardia dos grupos ceramistas. Informações arqueológicas contextuais aliadas a evidências de variabilidade das vasilhas cerâmicas, em seus aspectos morfológicos e funcionais, puderam demonstrar que mesmo o que é entendido como Subtradição Jatuarana pelas recentes pesquisas arqueológicas, apresentam um grau de variabilidade artefactual intersítios que podem ser tanto temporal quanto espacial. Nesse sentido, foi possível contribuir com as classificações arqueológicas do alto rio Madeira, onde foram pensados seus possíveis significados históricos e culturais.

Referências bibliográficas

- Almeida, F. O. 2013. A Tradição Polícroma no Alto rio Madeira. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Balée, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia*, 21 (2): 09-23.
- Brochado, J. P. 1989. A expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo* 27: 65-82.
- _____. 1984 An ecological model of the pread of pottery and agriculture into Eastern South America. Ph.D. dissertation, University of Illinois at Urbana-Champaign, Ann Arbor UMI, Inc.
- Cabral, A. S. A. C., & A. D. Rodrigues. 2003. Evidências de crioulização abrupta em Kokáma? *Papia* 12: 180-186.
- Carneiro, R. L. 2007. A base ecológica dos cacicados amazônicos. *Revista de Arqueologia* 20: 117-154.
- Chmyz, I. 1976. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. *Cadernos de Arqueologia* 1, pp.121-147. Paranaguá-PR: Universidade Federal do Paraná.
- Clastres, P. 1978 [1974]. *A Sociedade Contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política*. Tradução: Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Clement, C. R. 2006. Domesticação de paisagens e plantas amazônicas: A interação de etnobotânica, genética molecular e arqueologia, in *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazônica*. Organizado por G. Morcote-Rios; S. Mora-Camargo; C. Franky-Calvo, pp. 97-112. Bogotá: Taraxacum.
- Córdoba, L., & D. Villar. 2009. Etnonimia y relaciones interétnicas entre los panos meridionales (siglos XVIII-XX). *Revista Andina* 49: 211-244.
- Costa, A. F. 2011. Estudo da variabilidade da cultura material cerâmica do sítio Veneza. Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- _____. 2013. A multifuncionalidade das vasilhas cerâmicas no sítio Ilha Dionísio. Projeto de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Crevels, M., & H. Van der Voort. 2008. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area, in *From linguistic areas to areal linguistics*. Editado por P. Muysken, pp. 151-179. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Crumley, C. L. 1979. Three Locational Models: An Epistemological Assessment for Anthropology and Archaeology, in *Advances in Archaeological Method and Theory* (Vol. 2). Editado por M. B. Schiffer, pp. 143-173. New York: Academic Press.
- Crumley, C. L., & W. H. Marquardt. 1990. Landscape: a unifying concept in regional analysis, in *Interpreting space: GIS and archaeology*. Editado por K. M. Allen, S. W. Green, e E. B. Zubrow, pp. 73-79. London: Taylor and Francis.
- Cruz, D. G. 2008. Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO). Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Dantas, V. J. & T. A. Lima. 2006. *Pausa para um banquete: Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Sergipe: Museu de arqueologia de Xingó.
- DeBoer, W. R. & D. W. Lathrap. 1979. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics, in *Ethnoarchaeology: the implications of ethnology for archaeology*. Editado por C. Kramer, pp. 102-138. New York: Columbia University Press.
- Dunnell, R. C. 1992. The notion site, in *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. Editado por J. Rossignol & L. Wandsnider, pp. 21-42. New York: Plenum Press.
- Duram, E. 2012. A ocupação pré-colonial na cachoeira do Teotônio: Abordagem tecnológica da cultura material cerâmica dos sítios Santa Paula e Teotônio. Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- Erickson, C. L. 2000. An artificial landscape-scale fishery in the Bolivian Amazon. *Nature* 408:190-193.
- Erige Lima, L. F. 2012. A cerâmica Capão do Canga: Uma nova indústria cerâmica na Bacia do alto rio Guaporé, Mato Grosso, Brasil. *Amazônica* 4 (1):186-220.
- Ford, J. A. 1962. *Método para estabelecer cronologias culturales*. Washington, D. C.: Unión Panamericana, OEA.

Gomes, R. N. C. 2013. Arqueologia e cultura material Uma história contada em cacos de vidros e louças da Vila de Santo Antônio (Porto Velho RO). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará.

Gomes, D. M. C. & J. G. Luiz. 2013. Contextos domésticos no sítio arqueológico do Porto, Santarém, Brasil, identificados com o auxílio da geofísica por meio do método GPR. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 8 (3): 639-656.

Goulding, M. 1979. *Ecologia da Pesca do Rio Madeira*. Manaus: INPA/CNPq.

Hecht, S. B. 2003. Indigenous Soil Management and the Creation of Amazonian Dark Earths: Implications of Kayapó Practice, in *Amazonian Dark Earths*, Editado por J. Lehmann, pp. 355-372. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

Heckenberger, M. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura Xinguana na longue durée (1000 a 2000 d. C.), In *Povos Indígenas do Alto Xingu: História e Culturas*. Editado por B. Franchetto & M. Heckenberger, pp. 21-62. Rio de Janeiro: UFRJ.

_____. 2011. Deep history, cultural identities, and ethnogenesis in the Southern Amazon, in *Ethnicity in Ancient Amazonian: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistic and Ethnohistory*. Editado por A. Hornborg & J. D. Hill, pp. 57-74. Boulder: University Press of Colorado.

Heckenberger, M; E. G. Neves e J. Petersen. 1998. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. *Revista de Antropologia* 41: 69-96.

Hornborg, A., & L. Eriksen. 2011. An Attempt to Understand Panoan Ethnogenesis in Relation to Long- Term Patterns and Transformations of Regional Interaction in Western Amazonia, in *Ethnicity in Ancient Amazonian: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistic and Ethnohistory*. Editado por A. Hornborg, & J.D. Hill, pp. 129-151. Boulder: University Press of Colorado.

Hugo, V. 1959. *Desbravadores*. Volume I. Humaitá: Missão Salesiana.

Ingold, T. 1993. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology* 25 (2): 152-174.

Kern, D. C., et al. 2003. Distribution of Amazonian Dark Earths in the Brazilian Amazon, in *Amazonian Dark Earths: Origin, Properties, Management*, Editado por J. Lehmann, pp. 51-75. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

- Kipnis, R., H. B. C. Santos, M. M. Tizuka, M. J. G. T. Almeida, M. P. A. S. Corga. 2013. Aplicação das tecnologias de modelagem 3D conjugada às técnicas tradicionais para o registro das gravuras rupestres do rio Madeira, Rondônia, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 8: 605-619.
- Kracke, W. 2005. Parintintin, in *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil*. Org. F. P. Ricardo São Paulo: Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/parintintin> Acesso em 2 de Nov. de 2014.
- Kurovski, A. 2009. Distantes e próximos: um estudo sobre as metades exogâmicas Kagwahiva Parintintin. *Espaço Ameríndio* 3: 61-83.
- LaMotta, V. & M. Schiffer. 1999. Formation processes of house floor assemblages, in: *The archaeology of household activities*. Editado por P. M. Allison, pp. 19-29. London: Routledge.
- La Salvia, F.; J. P. Brochado. 1989. *A cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Porsenato arte e cultura.
- Lathrap, D. W. 1975 [1970]. *O Alto Amazonas*. Lisboa: Ed. Verbo.
- _____. 1962. Yarinacocha: stratigraphic excavations in the Peruvian Montaña. Unpublished PhD. Dissertation, Havard University, Departament of Anthropology, Cambridge, MA.
- Leonel, M. 1995. *Etnodicéia Uruéu-Au-Au*. São Paulo: Edusp.
- Lévi-Strauss, C. 1996 [1955]. *Tristes Trópicos*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 1948a. The Tupi-Cawahib, in *Handbook of South American Indians III: The Tropical Forest Tribes*. Editado por J. Steward, PP. 299-305. Washington, DC.: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Bulletin 143.
- _____. 1948b. Tribes of the Right Bank of the Guaporé River. in *Handbook of South American Indians III: The Tropical Forest Tribes*. Editado por J. Steward, pp. 371-379. Washington, DC.: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Bulletin 143.
- Lima, H. P. História das caretas: A Tradição Borda Incisa na Amazônia Central. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Lima, H. P., E. G. Neves, J. Petersen. 2006. La Fase Açutuba: Um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. *Arqueologia Suramericana* 2: 26-52.

- Lima, M. D. N. 2014. O rio Unini na Arqueologia do baixo rio Negro, Amazonas. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Lowie, R. 1948. The Tropical Forests: An Introduction, in *Handbook of South American Indians III*, Editado por J. Steward, pp. 1-56. Washington, DC.: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Bulletin 143.
- Machado, J. S. 2005. Montículos Artificiais na Amazônia Central: Um estudo de caso do sítio Hatahara. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Maldi, D. 1991. O complexo cultural do Marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequéns, afluentes do Médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia* 7: 209-269.
- _____. 1989. *Guardiães da fronteira: Rio Guaporé, século XVIII*. Petrópolis: Vozes.
- Mazz, J. M. L. 2008. Para uma etnoarqueologia da cerâmica Matí. *Revista de Arqueologia* 21: 45-60.
- Meggers, B. J. 1990. Reconstrução do Comportamento Locacional Pré-Histórico na Amazônia. *Museu Paraense Emílio Goeldi* 6: 183-203.
- _____. 1987 [1971]. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Tradução: Maria Yedda Linhares. São Paulo: Edusp.
- Meggers, B. J. & C. Evans. 1973. A reconstituição da pré-história Amazônica: algumas considerações teóricas, in *O Museu Goeldi no ano do Sesquicentenário*. Editado por Mário Simões, pp: 51-69. Belém: CNPq, INPA, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Meggers, B. J. & C. Evans. 1970. *Como interpretar a linguagem da cerâmica – manual para arqueólogos*. Washington D.C.: Smithsonian Institution.
- Meggers, B. J. & C. Evans. 1961. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest of South America, in *Essays in pre-columbian art and archaeology*. Editado por S. Lothrop, pp. 372-88. Cambridge: Harvard University Press.
- Meggers, B. J. & C. Evans. 1957. *Archeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington D. C.: Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology (Bulletin, 167).
- Meggers, B. J. & E. T. Miller. 2006. Evidencia arqueológica para el comportamiento social y habitacional en la amazonía prehistórica, in *Pueblos y Paisajes Antiguos de la Selva*

Amazónica. Editado por G. Morcote-Ríos; S. Mora; F. C. Calvo, pp. 325-348. Washington D.C.: Taraxacum.

Menéndez, M. 1992. A área Madeira-Tapajós: situação de contato e a relação entre colonizador e indígenas, in *História dos Índios do Brasil*. Editado por M. C. da Cunha, pp. 281-296. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1981. Uma contribuição para a Etnohistória da área Tapajós-Madeira. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

Métraux, A. 1942. *The native tribes of eastern Bolivia and western Matto Grosso*. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology.

_____. 1927. *Migrations historiques des Tupi-Guaraní*. Paris: Librairie orientale et américaine.

Migliacio, M. C. 2006. O doméstico e o ritual: Cotidiano Xaray no alto Paraguai até o século XVI. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Miller, E. T. 2013. Algumas culturas ceramistas, do noroeste do pantanal do Guaporé à encosta e antiplano sudoeste do chapadão dos Parecis. Origem, difusão/migração e adaptação – do noroeste da América do Sul ao Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 5: 335-383.

_____. 2009. A cultura cerâmica do Tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: Algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 1: 35-113.

_____. 2007. *História da cultura indígena do Guaporé* (Mato Grosso e Rondônia). Porto Velho: EDUFRO.

_____. 1999. A limitação ambiental como barreira à transposição do período formativo no Brasil. Tecnologia, produção de alimentos e formação de aldeias no sudoeste da Amazônia. In *Formativo Sudamericano, una revaluación*. Editado por P. Ledergerber-Crespo, pp. 331-339. Quito: Abya-Yala.

_____. 1992. Adaptação agrícola pré-histórica no Alto Rio Madeira, In *Prehistoria Sudamericana. Nuevas Perspectivas*. Organizado por B. J. Meggers, pp. 219-229. Washington, D.C.: Taraxacum.

- _____. 1987. Inventário arqueológico da bacia e sub-bacias do rio Madeira – 1974-1987. Consórcio Nacional de Engenheiros Construtores S.A.
- _____. 1978. Pesquisas arqueológicas no Território Federal de Rondônia. Relatório Preliminar. Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.
- Miller, E. T. *et alli*. 1992. *Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte*. Brasília: Eletronorte.
- Moraes, C. P. 2013. Amazônia ano 1000: Territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- _____. 2006. Arqueologia na Amazônia Central Vista de uma Perspectiva da Região do Lago do Limão. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Moraes, C. P. & E. G. Neves. 2012. O ano 1000: Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. *Amazônica* 4: 122-148.
- Morán, E. A. 1990. *Ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- Moutinho, M. & E. Robrahn-González. 2010. *Memórias de Rondônia*. São Paulo: Arte Ensaio.
- Neumann, M. A. 2011. Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a cerâmica Guaraní pré-colonial. *Revista de Arqueologia* 24 (1): 52-65.
- Neves, E. G. 2012. *Sob os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)*. Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- _____. 2010. A Arqueologia da Amazônia Central e as classificações na Arqueologia Amazônica, in *Arqueologia Amazônica 2*, Organizado por E. Pereira e V. Guapindaia, pp. 561-579. Belém: Editora do Museu Paraense Emilio Goeldi.
- _____. 2006. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nimuendajú, C. 1982. As Tribos do Alto Madeira (1925), in *Textos indigenistas*. pp. 111-122. São Paulo: Loyola.
- _____. 1981. *Mapa etno-histórico*. Rio de Janeiro: IBGE.

_____. 1948. The Cawahib, Parintintin and their neighbors, in *Handbook of South American Indians III: The Tropical Forest Tribes*, editado por J. Steward. Washington, DC.: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Bulletin 143.

_____. 1924. Os índios Parintintin do rio Madeira. *Journal de la Société des Américanistes* 16: 201-278.

Noelli, F. S. 1996. As hipóteses e sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia* 39 (2): 7-53.

Nordenskiöld, E. 1920. The changes in the material culture of two indians tribes under the influence of new surroundings. *Comparative ethnographical studies*, 2. Goteborg.

Oliveira, E. C. 2013. Processo de formação do sítio arqueológico Ilha de Santo Antônio-RO. Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

Oliveira, V. E. H., R. Kipnis, E. G. Neves. 2009. Sítio arqueológico Novo Engenho Velho, in *61 Reunião Anual da SBPC*, Manaus: Resumos da 61ª Reunião Anual da SBPC.

Peggion, E. A. 1996. Forma e função: uma etnografia do sistema de parentesco Tenharim (Kagwahiv, AM). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas.

Pessoa, C. G. 2011. Ilha de Santo Antônio: uma análise da cultura material cerâmica. Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

_____. 2012. Arqueologia e museu na trajetória histórica de Ary Pinheiro. *História e-história*, s/p.

Pessoa, C. G. & A. F. Costa. Um quadro histórico das populações indígenas no alto rio Madeira durante século XVIII. *Amazônica Revista de Antropologia* 6: 110-139.

Poz Neto, J. D. 1991. No País dos Cinta Larga: Uma etnografia do ritual. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo.

Porro, A. 1992. História indígena do alto e médio Amazonas: séculos XVI a XVIII. , in *História dos Índios no Brasil*. Organizado por M. Carneiro da Cunha, pp. 175-196. São Paulo: Companhia das Letras.

Ramirez, H. 2010. Etnônimos e topônimos no rio Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 2: 13-58.

_____. 2006. Línguas indígenas no Alto Madeira: estatuto atual e bibliografia básica. *Língua Viva* 1: s/p.

Raymond, J. S. 2009. Dos fragmentos às vasilhas: um primeiro passo para a construção de contextos culturais na arqueologia da floresta tropical. *Amazônica Revista de Antropologia* 1 (2): 512-535.

Rebellato, L., Woods, W. I., & Neves, E. G. 2009. Pre-Columbian settlement dynamics in the Central Amazon, in *Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's vision*, organizado por W. I. Woods, W. G. Teixeira, J. Lehmann, C. Steiner, A. M. WinklerPrins, L. Rebellato, pp. 15-31. Berlin: Springer Netherlands.

Ribeiro, E. R., & H. van der Voort. 2010. Nimuendajú was right: The inclusion of the jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics* 76: 517-570.

Rice, P. 1987. *Pottery analysis, a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press.

Rodrigues, A. D. 2000. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní, In *Atas do II Congresso Internacional da ABRALIN*. CD-ROM. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. s/p.

_____. 1984. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.

_____. 1964. A classificação do tronco lingüístico Tupi. *Revista de Antropologia* 12: 99-104.

_____. 1958. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal Of American Linguistics* 24: 231-234.

Rondon, C. M. 2003 [1916]. *Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon de 1907 a 1915*. Brasília: Ed. Senado Federal.

Rondon, C. M., & J. B. de Faria. 1948. *Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil pelo... Cândido MS Rondon e... João Barbosa de Faria*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Roosevelt, A. C. 1992. Arqueologia Amazônica, in *História dos Índios no Brasil*. Organizado por M. Carneiro da Cunha, pp. 53-86. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1995. Early Pottery in the Amazon. Twenty Years of Scholarly Obscurity, in *The Emergence of Pottery. Technology and Innovation in Ancient Societies*, editado por W. Barnett e J. Hoopes, pp. 115-31. Washington D. C.: Smithsonian Institution Press.

Roquette-Pinto, E. 1950 [1917]. *Rondônia*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.

Salazar, E. 1998. De vuelta al Sangay: Investigaciones arqueológicas en el alto Upano, Amazonia Ecuatoriana. *Bull. Inst. fr. études andines* 27 (2): 213-240.

Santos, F. C. L. 2012. Análise da cultura material cerâmica do sítio do Brejo. Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

Saunaluoma, S. & D. P. Schaan. 2012. Monumentality in Western Amazonia formative societies: geometric ditched enclosures in the Brazilian state of Acre. *Antiqua* 30: 1-11.

Schaan, D. P. 2013. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico* 39: 13-44.

_____. 2010. Sobre os cacicados amazônicos: Sua vida breve e sua morte anunciada. *Jangwa Pana* 9: 45-64.

_____. 2008. The Nonagricultural Chiefdoms of Marajó Island, in *Handbook of South American Archaeology*. Eds. H. Silverman & W. Isbell, pp. 339-357. New York: Springer.

Schaan, D. P. 2007a. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar - das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi* 2: 27-39.

_____. 2007b. Os Filhos da Serpente: Rito, mito e subsistência nos cacicados da Ilha de Marajó. *International Journal of South American Archaeology* 1:50-56.

_____. 2003. Investigando gênero e organização social no espaço ritual e funerário Marajoara. in *Livro de Resumos do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*.

_____. 2000. Evidências para a permanência da cultura Marajoara à época do contato europeu. *Revista de Arqueologia* 12: 23-42.

- Schaan, D. P., M. Bueno; A. Ranzi; A. Barbosa; A. Silva; E. Casagrande; A. Rodrigues; A. Dantas; I. Rampanelli. 2010. Construindo paisagens como espaços sociais: O caso dos Geoglifos do Acre. *Revista de Arqueologia* 23: 30-41.
- Schaan, D. P., M. Pärssinen e A. Ranzi. 2007. Geoglifos da Amazônia ocidental: Evidência de complexidade social entre povos da terra firme. *Revista de Arqueologia* 20: 67-82.
- Schaan, D. P.; W. F. V. Silva. 2004. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na Ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia* 17: 13-32.
- Schiffer, M. B. 1972. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity* 37 (2): 156-165.
- Schiffer, M. B. & J. M. Skibo. 1997. The explanation of artifact variability. *American Antiquity* 62 (1): 27-50.
- Scientia Consultoria Científica. 2011. *Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antonio, RO: relatório do resgate arqueológico na área do canteiro*. São Paulo.
- _____. 2008. *Projeto de Arqueologia Preventiva nas Áreas de Invenção do AHE Santo Antônio, RO*. São Paulo.
- Shepard, A. O. 1956. *Ceramic for the archaeologist*. Washington, D.C.: Carnegie Institution of Washington Publications.
- Silva, F. A. 2009a. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 4: 27-37.
- _____. 2009b. As atividades econômicas das populações indígenas amazônicas e a formação das Terras Pretas: O exemplo dos Asurini do Xingu, in *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas*. Editado por W.G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari & W. Woods, pp. 53-61. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.
- _____. 2009c. A variabilidade dos trançados dos Asurini do Xingu: Uma reflexão etnoarqueológica sobre função, estilo e frequência dos artefatos. *Revista de Arqueologia*, 22: 17-34.
- _____. 2007. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 2: 91-103.

Sombroek, W. et. al. 2009. Terra Preta e Terra Mulata: Suas Potencialidades Agrícolas, suas Sustentabilidades e suas Reproduções, In *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas*. Editado por W.G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari & W. Woods, pp. 251-257. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

Souza, S. M. F. M. 1994. Deformação craniana entre os índios Karitiana: Análise de uma foto de arquivo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 10: 43-56.

Tamanaha, E. K. 2012. Ocupação Polícroma no médio e baixo rio Solimões, Estado do Amazonas. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Tizuka, M. M., J. R. Santi, R. Kipnis. 2013. Um olhar além rio: ocupações pretéritas entre ilhas e cachoeiras no Alto Rio Madeira-RO, in *Geoarqueologia* (vol. 2). Editado por J. C. Rubin e Rubin & R. T. Silva, pp. 113-134. Goiânia: PUC.

Urban, G. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas, In *História dos Índios no Brasil*. Organizado por M. Carneiro da Cunha, pp. 87-102. São Paulo: Companhia das Letras.

Vander Velden, F. 2010. De volta para o passado: territorialização e “contraterritorialização” na história Karitiana. *Sociedade e Cultura* 13 (1): 55-65.

Van der Voort, H. 2007. Proto-Jabutí: um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromixí. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 2: 133-168.

Vassoler, O. J. P. 2014. Análise da iconografia das vasilhas cerâmicas da Subtradição Jatuarana no alto rio Madeira em Rondônia. Monografia de conclusão de curso, Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Rondônia.

Vilaça, A. 1998. Fazendo corpos: Reflexões sobre morte e canibalismo entre os Warí à luz do perspectivismo. *Revista de Antropologia* 41: 09-67.

Zimpel Neto, C. A. 2009. Na direção das periferias extremas da Amazônia: arqueologia na bacia do rio Ji-Paraná, Rondônia. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Zuse, S. 2014. Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no alto rio Madeira, Rondônia. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Woods, W. 2009. Os solos e as ciências humanas: Interpretação do passado, in *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas*. Editado por W.G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari & W. Woods, pp. 62-71. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.